

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

EZEQUIEL DAL POZZO

**O PROBLEMA DO MAL REPENSADO**

**Uma abordagem filosófico-teológica em Andrés Torres Queiruga**

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Orientador

Porto Alegre

2017

EZEQUIEL DAL POZZO

**O PROBLEMA DO MAL REPENSADO**

**Uma abordagem filosófico-teológica em Andrés Torres Queiruga**

Dissertação apresentada à Escola de Humanidades de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre

2017

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Deus Amor, do qual recebo todo ser e todo sustento. A Maria mãe de Jesus, modelo de educadora e inspiração para a confiança. A minha família, dom, alegria e aconchego de todas as horas. Aos meus amigos e colaboradores, alguns muito próximos - sinto-me amado e posso amar na liberdade - responsáveis por muitas alegrias e fonte de sentido para minha vida. A Diocese de Caxias do Sul, onde me sinto em casa e ponto de referência, servindo na missão de Despertar pessoas para o amor. Ao professor e orientador Dr. Luiz Carlos Susin pela amável acolhida e atenção ao trabalho, bem como a todos os professores e colaboradores do Departamento de Teologia da PUCRS.

“Vivem-se maus tempos, meu Deus. Esta noite aconteceu-me algo pela primeira vez: estava acordada, com os olhos ardentes na escuridão, e via imagens do sofrimento humano. Deus, prometo-te uma coisa: não farei que as minhas preocupações pelo futuro pesem como um fardo no dia de hoje, ainda que para isso seja necessária uma certa prática... Ajudar-te-ei, Deus meu, para que não me abandones, porém não posso assegurar-te nada antecipadamente. Só uma coisa é para mim cada vez mais evidente: que tu não podes ajudar-nos, que devemos ajudar-te, e assim nos ajudaremos a nós mesmos. Eis a única coisa que tem importância nestes tempos, Deus: salvar um fragmento de ti em nós. Talvez assim posamos fazer algo para ressuscitar-te nos corações abatidos da gente. Sim, meu Senhor, parece ser que tu tampouco podes mudar muito as circunstâncias; ao fim e ao cabo, pertencem a esta vida... E com cada latejar do coração tenho mais claro que tu não podes ajudar, senão que devemos ajudar-te e que temos que defender até o final o lugar que ocupas no nosso interior... Agora estou começando a ficar um pouco mais tranquila, meu Senhor, por esta conversa contigo. Manterei em um futuro próximo muitíssimas conversas contigo, e desta maneira impedirei que fujas de mim. Tu também viverás pobres tempos em mim, Senhor, nos quais não será alimentado pela minha confiança. Porém, crê-me, Senhor: seguirei trabalhando por ti e ser-te-ei fiel e não te tirarei do meu interior”. (*Diário de Etty Hillesum, Uma vida conmovida*)

## RESUMO

O mal sempre foi tema para discussões e reflexões tanto para a filosofia, quanto para as religiões. Essa tarefa não está acabada. Refletiremos aqui o problema do mal em sua condição de inevitabilidade, sustentada na finitude e no limite da própria realidade da criação. Partiremos do mal como uma realidade que afeta todo ser humano, independente de suas crenças, desmistificando o clássico dilema de Epicuro. Através do conceito de *pisteodicéia* perceberemos que cada pessoa, grupo ou religião vai encontrando suas respostas e maneiras de lidar com o mal. Para falar de teodiceia distinguiremos a “via curta” e a “via longa”. A primeira retrata a visão tradicional da teologia, em que mesmo na contradição entre os argumentos, ajuda a manter a *confiança* em Deus, apesar do mal. A “via longa” quer mostrar uma fé lógica, com coerência de argumentos. Quer garantir a razoabilidade da teodiceia, construída a partir do pressuposto da autonomia das realidades terrestres demonstrando a ação do Deus Amor no mundo, como Antimal. Essa ação continuada garante a criatura, não a eliminação de todos os males nesse mundo, mas a plenitude da eternidade. Esse itinerário possibilita repensarmos vários termos teológicos, entre eles, o pecado original, o milagre, o holocausto e o inferno, assim como permite uma nova imagem de Deus, traduzida também em linguagem nova.

**Palavras Chave:** mal, repensar, Deus Amor, teodiceia, autonomia do mundo, fé lógica.

## ABSTRACT

Evil has always been a problem that has given both philosophy and religions thinking. This task is not finished. We will here reflect the problem of evil in its condition of inevitability, sustained in the finitude and limit of the reality of creation itself. We will depart from evil as a reality that affects every human being, independent of his beliefs, demystifying the classic dilemma of Epicurus. Through the concept of piteodiceia we will perceive that each person, group, or religion will find its answers and ways of dealing with evil. To speak of theodicy we will distinguish the "short way" and the "long way". The first portrays the traditional view of theology, where, even in the contradiction between arguments, it helps to maintain trust in God despite evil. The "long way" wants to show a logical faith, with coherence of arguments. It wants to guarantee the reasonableness of theodicy, built from the assumption of the autonomy of terrestrial realities demonstrating the action of God Love in the world, as Antimal. This continued action guarantees the creature, not the elimination of all evils in this world, but the fullness of eternity. This itinerary makes it possible to rethink various theological theories, among them original sin, the miracle, the holocaust and hell, as well as a new image of God translated into new language.

**Keywords:** evil, rethink, God Love, theodicy, world autonomy, logical faith.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 A DISCUSSÃO MODERNA SOBRE O MAL.....</b>	<b>12</b>
2.1 PALAVRAS PRELIMINARES .....	12
2.2 MANEIRAS DE REAGIR EM RELAÇÃO AO PROBLEMA DO MAL .....	14
2.3 O MAL NAS VÁRIAS MANIFESTAÇÕES .....	18
2.4 AMBIGUIDADE DE DEUS .....	20
2.5 O DILEMA DE EPICURO .....	22
2.6 O IMAGINÁRIO CRISTÃO CONTAMINADO.....	24
2.7 A IDEIA DE UM MUNDO PERFEITO: ARMADILHAS DA LINGUAGEM.....	26
2.8 O MAL COMO INEVITÁVEL: A PONEROLOGIA .....	28
2.8.1 O mundo e suas leis autônomas .....	29
2.8.2 A imaginação livre.....	30
2.8.3 O caminho da razão .....	31
2.8.4 O mundo finito e a criatura limitada.....	31
2.9 NOSSA LIBERDADE FINITA .....	32
2.9.1 Impossibilidade de uma liberdade finita que não erre .....	33
2.9.2 Vale a pena um mundo finito?.....	34
<b>3 DEUS DIANTE DO MAL .....</b>	<b>38</b>
3.1 ESCLARECIMENTO SOBRE A PISTEODICEIA.....	38
3.2 A NECESSÁRIA COERÊNCIA NA IDEIA DE DEUS.....	40
3.2.1 A “via curta” da teodiceia.....	40
3.2.2 A “via longa” da teodiceia.....	43
3.2.3 A existência de Deus e seus atributos questionados .....	44
3.3 O PROBLEMA DO ATEÍSMO .....	50
3.4 PARA ALÉM DE EPICURO: NOVA IMPOSTAÇÃO DO PROBLEMA .....	55
3.4.1 Para uma resposta verdadeira e coerente .....	57
3.4.2 Teodiceia e mistério: em busca de uma coerência última .....	60
3.5 O MAL INEVITÁVEL: MAS PORQUE TANTO MAL? .....	61
3.6 A LÓGICA DA “PERMISSÃO” VERSUS A LÓGICA DO APESAR DE .....	62
3.7 ENFRENTAMENTO DA OBJEÇÃO EXTREMA .....	64
<b>4 A AÇÃO DE DEUS NO MUNDO COMO O ANTIMAL .....</b>	<b>69</b>
4.1 A NECESSÁRIA E DIFÍCIL COERÊNCIA.....	69
4.1.1 Deus como afirmação do humano .....	69
4.1.2 Deus se revela como amor contra o mal .....	71
4.2 O PECADO ORIGINAL EM NOVA COMPREENSÃO .....	72
4.3 JESUS COMO A CONCRETIZAÇÃO DO AMOR.....	75
4.4 A AÇÃO DE DEUS NO MILAGRE: UMA NOVA IMPOSTAÇÃO.....	78
4.5 DEUS QUE FALA CONTRA O “SILÊNCIO DE DEUS”.....	83

4.6 SENTIDO E NÃO SENTIDO DA PERGUNTA: “ONDE ESTAVA DEUS DIANTE DO HOLOCAUSTO”?	85
4.7 O INFERNO EM NOVA PERSPECTIVA	90
4.7.1 A linguagem infernal da Bíblia	90
4.7.2 “A descida aos infernos” de Jesus	95
4.7.3 A possibilidade da condenação eterna	97
4.7.4 O inferno como “morte eterna” e não condenação eterna	98
<b>5 CONCLUSÃO</b>	<b>101</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>103</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O mal sempre foi um problema para o ser humano. A história do conhecimento humano e das religiões sempre buscaram respostas para esse problema. A intenção desse estudo é apresentar o problema do mal repensado na perspectiva de Andrés Torres Queiruga<sup>1</sup>. Partindo da autonomia do mundo, o mal é apresentado na condição de inevitabilidade a partir da finitude e limite da realidade criada. Desse pressuposto surge a necessidade de uma nova imagem de Deus e um discurso coerente a partir da concepção da atividade amorosa e permanente de Deus como o Antimal.

A motivação primeira para o estudo é a percepção evidente da necessidade de repensarmos os conteúdos da fé e os traduzirmos em nova linguagem, isso numa perspectiva de universalidade da fé. A particularidade, os pequenos grupos, as tendências, os modos diferentes de compreensão, revelam um paradoxo interessante. Por um lado, não buscam através do exercício especulativo do pensamento, os fundamentos últimos da realidade que, de alguma forma, possibilitam uma universalização maior do discurso. Por outro lado, sem buscar essa universalização de base e de fundamento, pretendem que suas práticas, sua fé, suas doutrinas e concepções de verdade sejam universais, por isso as consideram as melhores, e o que vale é o que eles acreditam.

A gravidade está nessa pretensão de universalidade, numa concepção e numa linguagem que nem de longe a tornam possível. Repensar o mal nessa perspectiva, é buscar um fundamento mais universal de compreensão, olhando o mal em si mesmo e não imediatamente a partir da fé. O mal atinge todos os seres humanos, independente de suas crenças, por isso é assim que ele deve ser pensado e interpretado em um primeiro momento. A tarefa de repensar coloca a todos numa atitude de busca humilde e de diálogo permanente sem pretensão de respostas fechadas e definitivas. Em cada fundamento encontrado se abre uma perspectiva em que o outro pode continuar e avançar.

---

<sup>1</sup> Andrés Torres Queiruga é filósofo e teólogo e atualmente leciona filosofia da religião na Universidade de Santiago de Compostela. Autor de vasta obra, cujo intento está em *repensar* a teologia. As palavras “*repensar*” e “*recuperar*” são especialmente queridas por esse autor. Toda a sua obra está em tensão e diálogo permanente entre filosofia e teologia. Segundo o filósofo Diego Garcia, Torres Queiruga possui essa característica bem destacada e rara entre os teólogos, que é de uma excelente formação filosófica. Segundo Lois Caeiro, jornalista de Galícia, Andrés Torres Queiruga é das cabeças melhor equipadas e organizadas que conheceu. De uma sensibilidade aberta que se expressa numa ética de respeito aos demais, com o exemplo de sua própria vida. Dedicou sua vida pela Igreja e para ela trabalha com plena dedicação com a melhor de suas ferramentas: a cabeça.

O primeiro capítulo abordará a discussão moderna sobre o mal, pois é um problema que perpassa a história da humanidade. Estas discussões sempre envolvem Deus e a fé. Se Deus cria um mundo “perfeito”, poderia uma ação humana, de Adão e Eva, implicar em consequência de mal para toda a história posterior? Se Deus é amor e sua atividade consiste em nos salvar e é por excelência o Antimal, porque “não evita” por completo o mal, porque o “permite”? Diante dessas perguntas alguns tendem a *culpar* Deus, outros o *defendem*, outros ainda o *retiram* do discurso e outros colocam o mal como uma *questão de Deus*.

A filosofia aborda o mal nas várias dimensões: o mal metafísico, físico, moral e como problema religioso. As tradições judaico-cristãs o colocam sempre relacionado à salvação. De um lado o pecado que produz o mal, de outro a salvação que supera o mal. Nesse itinerário aparece muito a ambiguidade de Deus, sendo bom e mau ao mesmo tempo. Essa ambiguidade em Deus se purifica em Jesus de Nazaré.

O nosso autor, embora conheça a história do discurso sobre o mal, não busca analisá-la comparativamente, pois isso seria uma tarefa quase impossível. Parte do clássico Dilema de Epicuro: “Ou Deus pode e não quer evitar o mal, e então não é bom; ou quer e não pode, e então não é onipotente; ou nem pode nem quer, e então não é Deus”<sup>2</sup>. Desdobrando esse dilema apresenta sua armadilha interna e sua inconsistência. Parte da *justa autonomia das realidades terrestres* e não da imaginação livre da possibilidade de um mundo sem mal.

A ideia de perfeição no mundo, na história do discurso sobre o mal, não é encarada como algo *bem feito, bem acabado* e com possibilidade do mal, mas sim a partir da ideia do paraíso, onde o mal é inexistente. Diante disso, Torres Queiruga analisa o mal a partir da ponerologia. Com isso, mostra o limite e a finitude de tudo o que é criado e conseqüentemente a condição de possibilidade do mal ou da inevitabilidade do mal, em qualquer mundo finito. No desdobramento da ideia de finitude e do limite do mundo, percebe-se as brechas para o mal, não como vontade ou permissão de Deus, mas presentes na própria estrutura do mundo e no exercício da liberdade, que também é finita, por isso aberta à falibilidade. Somente uma liberdade perfeita seria infalível e isso não é possível dentro do tempo e da história.

O segundo capítulo parte do resultado da ponerologia, isto é da inevitabilidade do mal e coloca a questão Deus diante do mal. Cada pessoa ou grupo precisa de uma *pisteodiceia* para enfrentar o mal, ou seja, respostas e maneiras que cada um ou cada grupo tem de

---

<sup>2</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. p. 187.

enfrentar o mal, sejam elas religiosas ou filosóficas. O objetivo do nosso autor não é abordar todos esses posicionamentos teóricos, mas apresentar um pensamento que seja coerente com a revelação de Deus como puro amor, ao longo de todo discurso.

Nisso, apresenta-se-á a “via curta” da teodiceia, que significa manter a *confiança* em Deus apesar da falta de lógica do discurso. Significa colocar o problema do mal dentro do mistério. Não se compreende totalmente, não há coerência lógica nos argumentos, mas continua-se *confiando* em Deus. A “via longa” da teodiceia propõe um passo a mais, pois não basta manter a confiança, é preciso dar razões lógicas para a fé, enfrentando o dilema de Epicuro e suas objeções, garantindo que Deus é bom, com coerência nos argumentos.

Os atributos de Deus como onipotência, “deus” sofredor, bondade, o dualismo do recurso ao demônio e da “ira de Deus” e a incompreensibilidade, serão revisitados e reinterpretados. A permanência nos discursos tradicionais, bem como na literalidade bíblica, pode reforçar o ateísmo. Por isso, a nova impostação do problema não deve partir da pergunta, por que Deus não evita todo o mal no mundo? que é uma pergunta sem sentido, mas, porque Deus, mesmo sabendo que o mundo necessariamente comportaria o mal, decide criá-lo? A resposta vai à direção de que o mundo vale a pena apesar do mal, pois Deus nos criou unicamente por amor e nos sustenta com esse amor.

Falar de um mundo-finito-sem-mal é contraditório. Seria o mesmo que falar de um círculo-quadrado. Deus cria o mundo porque *quer e sabe que pode* vencer o mal, na *salvação plena* além da história. É aqui, na salvação eterna, que o discurso entra no estágio último da lógica da fé e na última coerência. Deus quer nos outorgar a felicidade eterna superando o último mal que é a morte. Nesse estágio também enfrenta-se junto ao autor a objeção mais extrema. Se a finitude carrega consigo a condição de inevitabilidade do mal, como fazer para que na vida eterna, um ser que continua finito, não continue atacado pelo mal?

O terceiro capítulo aborda a ação de Deus no mundo como Antimal. O mal repensado na perspectiva de Torres Queiruga, faz-nos repensar a ideia de Deus com consequências em todos os temas teológicos. Deus é salvação, por isso se coloca ao lado do ser humano, na luta contra o mal, não como uma *causa* entre as causas, mas sim como *causa* dentro da causa humana e da própria criação. A revisão dos conteúdos teológicos possibilita, por exemplo, ver o pecado original em nova compreensão. A impossibilidade de um mundo perfeito desde o início, no sentido de sem mal, refaz a ideia bíblica da consequência de um primeiro pecado,

como peso de maldade e sofrimento para toda a posterioridade. Também se refaz a ideia perversa do castigo divino.

Na perspectiva de uma revelação a caminho, Jesus aparece como a manifestação definitiva e insuperável do Amor em favor da humanidade e contra todo tipo de mal. Ninguém amou mais do que Ele, e este amor manifesta a ação continuada de Deus como Antimal. A partir disso, a ideia de milagre recebe nova impostação. Não é uma ação pontual de Deus, o que revelaria mais fraqueza do que poder em Deus, mas a ação continuada que sustenta o mundo como um todo. Essa ação faz acontecer coisas maravilhosas, não por merecimento da criatura, mas pela gratuidade do amor de Deus. Ele não descansa, Deus continuamente quer salvar, curar, se mostrar. É um Deus que fala e não que se silencia. Pensar que Deus se silencia ou se retira quando deveria falar é distorcer sua imagem.

Uma coisa é pensar que Deus não fala e outra é pensar no limite humano para entender seu falar. Por exemplo, em Auschwitz, teria sentido falar do silêncio de Deus? A nossa abordagem do mal vai dizer que não. O autor, que fundamenta esse trabalho, interpreta o massacre não com finalidade divina, dentro de uma perspectiva religiosa, mas sem perder sua particularidade, o coloca dentro da história do mal no mundo. O mal mostra ali sua força. Mostra como a vontade de Deus é continuamente derrotada no mundo, muito embora, isto nunca derrote a esperança definitiva.

No último aspecto da dissertação, apresentar-se-á o tema do inferno em nova perspectiva. Ele não aparece como castigo de Deus e condenação eterna, mas como morte eterna, e esta compreensão permite uma coerência lógica com todo o discurso percorrido.

O itinerário que se vai percorrer pretende colocar luz sobre o problema do mal. A abordagem possibilitará nova compreensão e mais coerência lógica para a fé em Deus, que está em permanente atividade e é puro amor. A perspectiva apresenta novas respostas, em uma nova linguagem, para o problema do mal, para a imagem de Deus e para outros temas teológicos.

## 2 A DISCUSSÃO MODERNA SOBRE O MAL

### 2.1 PALAVRAS PRELIMINARES

A experiência do mal sempre acompanhou a história da humanidade, e o mal como problema também. Uma coisa é viver sentindo a presença do mal que nos atinge, outra coisa é pensar o mal buscando encontrar respostas. Porque existe o mal? Qual a sua origem? Se Deus é amor e fez o mundo “perfeito”, por que existe o mal? Ainda, se Deus é amor e “onipotente”, isto é, “pode tudo”, por que não evita o mal? Por que o “permite”?

Este trabalho tem como objetivo falar sobre o mal como problema. Desde criança, formado pela catequese tradicional, perguntava-me sobre o texto bíblico do Gênesis. Pensava no pecado de Adão e Eva e suas consequências para nós, dizia, em conversa com amigos da mesma idade: “Se eles não tivessem pecado, não haveria o mal no mundo”. Essa compreensão, de certa forma, acompanhou e acompanha a grande maioria dos crentes, sem considerável avanço. Embora, o tema do mal já tenha rendido muita literatura, na estrutura básica dos crentes, essa reflexão não chega e não muda, praticamente nada, daquilo que se apreendeu na infância, especialmente com os mitos bíblicos.

Diante disso, pretende-se enfrentar o problema do mal, especialmente a partir da reflexão de Andrés Torres Queiruga, tendo em vista a necessidade de repensar o todo da fé. A cultura atual proclama a autonomia do mundo<sup>3</sup>, das realidades terrestres. Por um lado, compreendemos que o mundo criado tem suas leis e regras e se manifesta segundo elas, por outro, compreende-se que Deus interfere no mundo, aqui e acolá, segundo sua liberdade, fazendo algumas coisas e deixando outras por fazer.

Há aqui uma necessidade de coerência na linguagem. E esta coerência parte da ideia de autonomia do mundo, que é algo confirmado pelas ciências modernas, e tranquilo para toda a reflexão minimamente válida sobre a realidade. A reflexão também parte da concepção de Deus como ‘Antimal’, num esforço de coerência, para garantir que sendo ele o amor criador, de forma alguma, pode ser cúmplice do mal<sup>4</sup>. A cumplicidade já aparece no momento que se diz que Deus “permite” o mal. Se alguém pode evitar algum mal e, para ele não

---

<sup>3</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal: Da Ponerologia à Teodiceia*. Trad.: Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 11.

<sup>4</sup>Ibidem, p. 11.

custaria nada fazê-lo, mas não o faz, então já está sendo cúmplice daquele mal. Aqui se percebe que já inicia o problema. Diz-se com tranquilidade que em Deus não pode estar à origem do mal, mas já se permite as contradições e incoerências pelo jeito como se aborda o problema ou pelas concessões irrefletidas a respeito dele, que não vislumbram as possíveis consequências de certas afirmações.

Se Deus podendo evitar o mal não quer fazê-lo, ou se negou a criar um mundo sem mal e tinha essa possibilidade, então, num Deus assim não se precisa acreditar. Propiciar o avanço numa compreensão coerente, deve significar também um avanço humano, porque Deus, puro amor, não quer outra coisa senão que se seja plenamente humano. Deus não se revela para ensinar coisas, mas para que se encontre o caminho do autenticamente humano. Isto acontece não somente na medida em que se sabe mais coisas, mas na medida em que se age melhor.

O problema do mal vem carregado de ambiguidades e significações. Quando entra o elemento religioso mais ainda as paixões afloram, seja para atacar ou defender. Por isso, há uma necessidade de assumir a dureza do problema e suas nuances a partir da razão e ir até aonde ela consegue alcançar. A clareza torna-se uma urgência, sobremaneira, a partir dos irracionalismos filosóficos e fundamentalismos teológicos presentes nos discursos da atualidade<sup>5</sup>. Vive-se em tempos fragmentados. O discurso que se buscará desenvolver, a partir de Torres Queiruga, mostra-se também como uma necessidade para o tempo presente.

Torres Queiruga não aborda o mal a partir dos cânones normalmente seguidos, não parte da teodiceia tradicional<sup>6</sup>. Isso também, porque alguns autores<sup>7</sup> já atestam para uma

---

<sup>5</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p.13.

<sup>6</sup> A teodiceia segundo Paul Ricoeur aborda o tema em pelo menos quatro níveis: o mito, a sabedoria, a gnose e a teodiceia propriamente dita. A literatura sobre isso é tão abundante que quem decidir encarar-la entrará em uma autêntica vertigem. Além disso, a teodiceia deveria ser enfrentada na diacronia das grandes religiões, nos distintos complexos culturais, nos enfrentamentos múltiplos das diversas épocas e até mesmo dentro de cada religião nas diversas interpretações. (Ibidem, p.14 -15).

<sup>7</sup> Um teólogo que atesta isso é Juan Antonio Estrada com o livro que vem com esse nome: *A impossível teodiceia*. (ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodiceia: A crise da fé em Deus e o problema do mal*. Trad.: Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2004.) Além disso, a teodiceia é questionada em várias situações. Paul Ricoeur estranhamente diz que ela tem início com Leibniz. Autores que negam sua legitimidade e defendem o mal para negar a fé, concordam com afirmações de autores que defendem a teodiceia, apesar do mal. O ateu Georg Büchner diz que o mal é a “rocha do ateísmo” e Gabriel Marcel, filósofo cristão, diz que a “teodiceia é a rocha do ateísmo”. Muitos não crentes dizem que o mal nega a fé e muitos fiéis crentes desqualificam a teodiceia considerando-a herética, supérflua, uma ajuda do diabo, fonte de males, uma tarefa impossível. Tudo isso apresenta um sintoma que indica a necessidade de esclarecimento (Cf. Torres Queiruga, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 18-19). “Sintoma disso, como ocorreu tantas vezes, foi, a respeito, a postura kantiana, que já fala do ‘fracasso de toda teodiceia’. É uma pena que, por não criticar os pressupostos, seu papel tenha se limitado a pôr em evidência a contradição da formulação *tradicional*, sem chegar à verdadeira proposta de uma nova, e por isso

impossível teodiceia, ou seja, um discurso que não sai do embaraço do mistério. Poder-se-ia partir do mal infligido, da enfermidade, do crime, o individual e o coletivo, da catástrofe natural ou da traição de um amigo; o mal tolerável e o intolerável, o que parece ter sentido e o que se mostra como absurdo. Entra-se nisso numa arena sem fim. Torres Queiruga parte do elementar, “contentando-se com remeter a essa *experiência comum* pela qual todos entendem que existe ‘mal’ no mundo, ainda que depois o interprete de mil maneiras, não usemos o nome e até mesmo haja quem chegue a negar seu conceito”<sup>8</sup>. O mal é assim aquilo que causa dano, o que se compreende do que não deveria ser, que destrói vidas de modo insensato e absurdo<sup>9</sup>. Além disso, até mesmo um mal imaginário pode atormentar e prejudicar, por isso o mal é o que está aí e nós “não queremos”<sup>10</sup>.

## 2.2 MANEIRAS DE REAGIR EM RELAÇÃO AO PROBLEMA DO MAL

Uma das primeiras maneiras de reagir<sup>11</sup> ao problema do mal é a de *culpar Deus*, colocar-se *contra ele*. Ele seria o responsável direto ou indireto pela existência do mal. Se existe o mal, então Deus não existe. Nega-se, assim, a existência de Deus. Diz-se que Deus é bom, mas ele “não evita” ou “permite” o mal, logo ele não é bom e não sendo bom, não existe. A partir da presença do mal, nega-se a *ideia* da existência de um Deus bom, cuja *ideia* fica contestada pela contradição com o mal. Para Gesché esse é mais um grito do ser humano contra a dor do que propriamente contra Deus. Ainda, afirma que a “fé em Deus seria muito mais límpida se não houvesse o mal”<sup>12</sup>. A negação de Deus seria, para Gesché, como que uma

---

acabando por recorrer ao refúgio – no fundo, filosoficamente fideísta e bíblicamente fundamentalista – da ‘teodiceia autêntica’”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. p. 190).

<sup>8</sup>TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p.15.

<sup>9</sup> Nos relatos bíblicos o mal aparece como o absurdo, aquilo que essencialmente não estava previsto. “para o Gênesis, permanecendo no texto e, portanto, em uma leitura hermenêutica, o *mal é aquilo que não foi previsto*. Nessa narrativa da criação, o mal não só não dói criado, mas não se fala dele: ele não pertence ao plano, á ideia da criação. Isso significa que o mal é desprovido de sentido. Que ele é, para a teologia da criação, um irracional absoluto. Sem dúvida, este é o primeiro gesto teológico a respeito do mal: pronunciar que ele é um irracional, pior não tem nada a ver com o desígnio projetado” (GESCHÉ, Adolphe. *O mal*. Trad.: Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 43).

<sup>10</sup> O que é o mal? Torres Queiruga discorre sobre essa pergunta, porém remete sempre a ideia comum de toda experiência humana. Todos, de certa forma, sabemos o que é mal. Claro, que em algumas situações onde há, por exemplo, vítima e agressor as compreensões de mal são diferentes. Aquilo que a vítima compreende como mal não necessariamente o é para o agressor. Embora as qualificações sejam distintas, o que de certa forma todos estão de acordos é que o mal é aquilo que *não deve ser* (Ver TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 89 -99).

<sup>11</sup> Para a abordagem das reações diante do problema do mal, na história do pensamento, seguimos GESCHÉ, Adolphe. *O mal*. Trad.: Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 13-40.

<sup>12</sup> “Entender e saber entender um grito, e um grito que, por si, tem um direito imprescritível. O direito do homem de expressar, mesmo de maneira chocante e além dos limites, de maneira ilógica, o escândalo do mal, gritando o mais forte que puder. E, portanto, de chegar a pronunciar o nome de Deus correndo o risco de blasfêmia para

decepção. Honrar-se-ia a Deus, negando mais a sua existência do que admitindo “cumplicidade” ou “permissão” Dele em relação ao mal.

Uma segunda maneira clássica de abordar o mal é *tomar a defesa de Deus*. Esse argumento vem da parte dos crentes, que pretendem refutar quem culpa a Deus, bem como inocentá-lo de qualquer responsabilidade perante o mal, nesse contexto Deus não é considerado o responsável nem pela origem, direta ou indiretamente. Nessa maneira de compreender, aceita-se a “permissão” do mal, para garantir a liberdade do ser humano<sup>13</sup>. Entram nesse cenário os argumentos de prova e castigo, do melhor dos mundos possíveis, da harmonia do conjunto, da impossibilidade de coexistência de dois perfeitos, Deus e o mundo, do mal como ausência do bem, ou como um não ser.

A primeira dificuldade dessa posição é de querer desculpar Deus muito *depressa*. Parece que desresponsabilizar Deus logo depois da criação é querer tirá-lo do diálogo com o problema, fazendo-o escapar ileso. Além disso, ao fazer de Deus a vítima, tentando desculpá-lo também o acusa, ou seja, só tento me desculpar de algo a que fui acusado. Ainda, essa defesa parece não deixar Deus ser Deus. Temos uma ideia de Deus e a partir da ideia o defendemos, e finalmente, a tentativa de desculpar Deus não leva em conta o grito do ser humano diante do sofrimento. Tiramos Deus do problema, enquanto o melhor parece ser o fato de que ele deve permanecer ali.

A terceira posição, sendo que as duas primeiras deixam o problema do mal abandonado por Deus, mergulha o problema *dentro de Deus*. As posições contra Deus ou a favor de Deus não ajudam em nada ao ser humano, pois Deus é negado ou é afirmado e fica longe do mal. Diferente do Deus dos filósofos, o Deus da revelação, vincula-se ao problema. “É exatamente isto que devemos fazer: passar o problema para Deus, depositá-lo em Deus, *in Deo*”<sup>14</sup>.

---

expressar a sua recusa e a sua rejeição do mal. Esse risco é sadio” (GESCHÉ, Adolphe. *O mal*. p. 16). Claro, que podemos respeitar essa forma de abordar. Contudo, dizer que é somente um grito não é suficiente. Esse “grito” não é só blasfêmia contra Deus, como sugere Gesché, mas é verdadeira causa de ateísmo. Ainda, dizer que sem o mal a fé em Deus seria mais límpida é uma afirmação sem levar em conta as consequências. Primeiro porque um mundo sem males não saberíamos como seria e muito menos saberíamos sobre a necessidade ou o valor da fé, uma vez que entra numa campo de imaginação livre.

<sup>13</sup> “Trata-se de mostrar como e porque Deus não pode ser considerado responsável, direta ou indiretamente, pelo mal, nem por sua origem, nem por sua conservação, exceto se for introduzido o princípio da “permissão” do mal a fim de salvaguardar a liberdade do homem” (GESCHÉ, Adolphe. *O mal*. p. 18).

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 22.

Teologicamente podemos dizer que Deus não quis ser poupado<sup>15</sup>. O tema do Cordeiro de Deus e da Descida aos Infernos já indica essa realidade. O Deus cristão não pede para ser negado e nem para ser poupado. Por que, nós, em nossa reflexão teológica o deixaríamos fora da questão do mal? Tanto Kant, quanto Ricoeur<sup>16</sup> reconhecem que a teologia vai mais longe do que a filosofia na questão do mal. Assim, incluir Deus na questão não é apenas permitido como o é necessário.

Diante da conclusão de que se deve incluir Deus na questão do mal, entra mais uma dimensão de análise, e é quando se *dirige a Deus*. Diante do mal, fala-se com Ele. Destaca-se aqui os personagens Jacó, Jó e Jesus e seus diálogos com Deus diante do mal e do sofrimento<sup>17</sup>. O diálogo é a relação com um ‘tu’ e não com o ‘ele’ dos pagãos, e o deus dos pagãos não admite a contradição, sendo que imprime medo ao ser humano e, por vezes, fecha-se no silêncio, e assim o crente entra em diálogo com Deus e rompe com o seu silêncio e fechamento “Eu quero acusar o Todo poderoso, desejo discutir com Deus”(Jó 13,3). Parece que, nesse apelo e diálogo com Deus, a solidão do ser humano no embate com o mal encontra abrigo. O ser humano teria, diante do mal, a necessidade e o direito de esbofetear o Deus inocente<sup>18</sup>. O Cordeiro sem mancha torna-se o objeto de maldição (Gl3,13), 2Cor 5, 21), esse gesto “necessário” da parte do ser humano só pode ser suportado por um Deus único e forte. E nesse embate com Deus, que pode ser também uma oração, o que permitirá que Deus se mostre tal qual é: “como aquele que, carregando o mal, o enfrenta e é adversário dele”<sup>19</sup>.

Para Adolphe Gesché essas maneiras de agir em relação à questão do mal, abrem mais uma última via de análise que aponta para a resolução do problema. Esta retrata o mal como uma *questão de Deus*. Até então o ser humano devia dar conta do mal, porém ocorre que na

<sup>15</sup> “Não podemos, sob pena de lhe sermos infieis, renunciar a jogar as trevas do mal em sua luz, pois ele mesmo não quis se poupar. Sim, Deus em-si escapa da questão do mal (ou se perde), pois, e isso é verdade, ele não é sua causa. Todavia, esse Deus em-si, ao fazer-se Deus para nós, fez sua essa causa: tomou sobre si (*Agnus Dei qui*) essa questão e, a partir deste momento, é permitido a nós depositá-la, ou melhor, vê-la depositada nele” (Ibidem, p. 23).

<sup>16</sup> Ver RICOEUR, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Trad.: Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.

<sup>17</sup> “Jacó, Jó e Jesus dirigiram-se a Deus, *falaram com ele*. Seja para questioná-lo (‘Por que, Senhor?’), para invoca-lo (Meu Pai, se possível...’), para expressar sua repugnância (‘Vou entregar-me às queixas...’ – Jó 10, 1) ou sua aceitação (‘Contudo, não seja feito como eu quero, e sim como tu queres’): o crente fala com Deus”(GESCHÉ, Adolphe. *O mal*. p. 25).

<sup>18</sup> Esse posicionamento, segundo Torres Queiruga, não resolve o problema do mal. Remete apenas ao mistério da incompreensibilidade. Veremos isso, mas claramente, no final do segundo capítulo. A respeito ver TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. p. 223-234.

<sup>19</sup> GESCHÉ, Adolphe. *O mal*. p. 29. O que definitivamente importa nesse aspecto é, exatamente, essa última afirmação do autor, de que *Deus carrega o mal e que é adversário dele*. No mais, o discurso permanece no terreno das contradições. É mais um discurso espiritualista, que não deixa de ter sua validade ao fim terapêutico, mas não resolve as perguntas mais radicais do problema do mal.

implicação de Deus, a questão agora se torna do próprio Deus. O mal é sua questão e ele responde a ela. Deus, ao invés de permitir o mal, aparece, como mostra a Escritura, como alguém que luta contra o mal. Escandaliza-se diante do mal e se torna o seu Adversário mais radical<sup>20</sup>, já o mal não encontra justificção em nenhuma racionalidade<sup>21</sup>, por isso ele deve ser combatido.

Não tem espaço para nenhuma transigência. Deus se coloca de imediato ao lado do ser humano no combate incessante contra o mal. Em Jesus, na Ressurreição, depois da Cruz e da Descida aos infernos, Deus se apresenta como o temível adversário e vencedor. Deus aparece, nesse sentido, desde o início da criação até a Parusia, como aquele que está em oposição permanente contra o mal. Ele tem a iniciativa de combate e é o primeiro interessado em vencê-lo. “Não é mais o mal que é objeção contra Deus, mas é Deus que se torna objeção contra o mal”<sup>22</sup>. Luta de Deus contra o mal se torna a luta do ser humano contra o mal e a luta do ser humano a luta de Deus, por isso chegar a essa conclusão é importante para o itinerário deste trabalho. A tese de Deus como adversário do mal se encontra naquilo que Torres Queiruga vai expressar na afirmação de Deus como o Antimal<sup>23</sup>, que abordaremos mais adiante.

Dito isso, convém mostrar como o problema do mal é analisado pela filosofia ocidental, quais as dimensões e formas em que ele aparece.

---

<sup>20</sup> “A Escritura manifesta outro reflexo: ela mostra Deus como o primeiro a se pôr tal questão. Surpreso, quase ousaríamos a dizer, porque se encontra diante de algo que não pertence de modo algum a seu plano e ele se preocupa em combatê-lo como uma adversidade com a qual não há aliança possível” GESCHÉ, Adolphe. (*O mal*, p. 30).

<sup>21</sup> Uma excelente abordagem da injustificabilidade racional do mal, analisando como exemplo o caso 11 de setembro de 2001, contra as Torres Gêmeas em Nova Iorque, está em ROSENFELD, Denis L. *Retratos do mal*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2003, p. 09-26.

<sup>22</sup> GESCHÉ, Adolphe. *O mal*, p. 32.

<sup>23</sup> Embora a análise de Gesché não tenha o alcance da análise de Torres Queiruga, o fato de Gesché chegar à posição básica e fundamental de que Deus é adversário radical do mal, já é uma boa conclusão e fundamento firme para continuar o caminho.

### 2.3 O MAL NAS VÁRIAS MANIFESTAÇÕES

O problema do mal, na filosofia ocidental, é tratado numa tríplice dimensão: o mal metafísico, o mal físico e o mal moral. Além disso, o mal aparece sempre como um problema religioso<sup>24</sup>.

O *mal metafísico* se refere “à finitude e à contingência humana, bem como à imperfeição e à falta de ordenação em tudo o que existe”<sup>25</sup>. Faz alusão à efemeridade das coisas e da vida, ao descontentamento e a insatisfação que acompanha a realidade humana. A *morte* aparece como o símbolo principal do mal metafísico. Somos seres-para-a-morte. A realidade da morte acompanha, ameaçando sem cessar a contingência e a finitude da vida, e isto desperta a pergunta pelo sentido de tudo. Afinal, por que existe uma tensão entre o que se deseja ser e a realidade daquilo que efetivamente se pode ser? Deseja-se, de certa forma, a imortalidade, mas o que se apresenta é a fragilidade e a finitude, isto é, a mortalidade. Emerge, nesse cenário, também a ameaça do absurdo. Precisa-se diante da realidade mortal, encontrar razões para o sentido e que a vida vale a pena apesar do mal. O recurso ao “metafísico” surge aqui, pois precisa-se integrar o mal, a finitude, as frustrações e absurdos da vida, num plano maior “metafísico” ou “transcendente”, para que assim se consiga viver, “justificar” o mal e, uma vez que é incompreensível e absurdo, torná-lo “compreensível” dando-lhe um sentido.

O *mal físico* apresenta-se como a dor e o sofrimento da parte dos homens e animais. Torna-se uma experiência de dor existencial, e somado a isso está o sofrimento acumulado na história, às catástrofes naturais, doenças e dores causadas pelo próprio ser humano. A evolução do mundo não ocorre sem choques e sofrimentos, “O mal metafísico e o mal físico, a finitude e contingência dos seres mortais e o sofrimento, frequentemente se apresentam em conjunto”<sup>26</sup>. O mal como sofrimento se manifesta com as mais variadas faces e permite falar da única experiência universal do mal, que é um elemento constitutivo da vida humana. Ou seja, todos, de alguma forma, experimentam algum tipo de sofrimento.

O *mal moral* está ligado à liberdade e responsabilidade do ser humano. Diz respeito a todo mal produzido pelas decisões e ações humanas. O mal aparece como “produto das ações

---

<sup>24</sup> Para uma breve distinção desses conceitos seguimos ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodiceia*. p. 9-23.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 09.

<sup>26</sup> ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodiceia*. p. 12.

humanas, e a injustiça e a opressão se convertem em seus expoentes radicais. Surge assim o problema da ‘maldade’ como atributo humano e, às vezes, também divino<sup>27</sup>. Nisso entra a dimensão do pecado e da culpa de um lado e o desejo de justiça e perdão do outro, e nesse âmbito todos são agressores e vítimas ao mesmo tempo<sup>28</sup>.

*O mal como problema religioso* perpassa a doutrina das religiões<sup>29</sup>. O ser humano não se pergunta sobre quem é Deus em si mesmo, mas quem é Deus para mim. Essa pergunta não é mera especulação teórica, mas está ligada a experiência do mal, do sofrimento. O ser humano não busca encontrar um sentido particular em cada acontecimento, mas um sentido global para o todo de sua existência. Busca-se um Deus que salve, ampare, dê sentido àquilo que se vive e experimenta, especialmente, nas situações de sofrimento e morte. A experiência religiosa está ligada, por isso, não há um capricho especulativo da razão, por saber mais, mas ao sentido da vida, ou seja, há uma experiência existencial. É bem por isso, que as respostas que vem pela religião, por mais limitadas e contraditórias que sejam, quando são respostas que servem a experiência humana, já parecem ser válidas<sup>30</sup>. “A pergunta universal pela origem e significado do nascimento e da morte, bem como pelo sentido da vida humana a partir do sofrimento e da injustiça, admite muitas respostas, quer filosóficas, quer

---

<sup>27</sup> Ibidem. p. 13.

<sup>28</sup> “O mal moral nos apresenta um desafio. Por um lado, todos nós nos sentimos culpados à medida que nos conscientizamos do mal que causamos. Por outro, continuamos projetando o mal para fora de nós mesmos, procurando bodes expiatórios individuais ou coletivos nos quais descarregam o seu peso. Parece que não podemos nos reconciliar com o mal moral, a começar por aquele que observamos em nós próprios, e constantemente procuramos nos eximir, nos justificar, negar nossa capacidade de praticá-lo e fugir de nossa responsabilidade para com ele” (Ibidem, p. 14).

<sup>29</sup> “O problema do mal é central para o judaísmo e para o cristianismo, tanto na teoria como na práxis. Pode-se mesmo afirmar que ambas as religiões se organizam como respostas sistemáticas e globais à questão do mal, desenvolvendo a partir daí sua concepção sobre a essência de Deus e do homem e sobre o modo como ambos atuam” (ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodiceia*. p. 17). Se acolhermos a tese de Estrada, podemos dizer que a concepção de Deus destas duas religiões é mais uma dedução a partir do problema da existência do mal, do que, por exemplo, no cristianismo, daquilo que Jesus nos revela. Daí, a visão ambígua de Deus do início ao fim da revelação e de muitas teologias.

<sup>30</sup> É exatamente aqui que aparece uma questão importante. O problema do mal é tratado nas mais variadas dimensões e maneiras. Cada religião, cada filosofia, vai dizendo algo sobre ele. A experiência humana vai valendo-se disso na busca de respostas. Quem poderá dizer o quanto cada resposta é válida é, em última análise, a própria pessoa que faz a experiência. O seja, aqui está o sentido particular que cada um encontra na relação concreta com o mal. E isso de forma alguma dá para negar. E mais, podemos dizer que isso tem o seu valor incalculável. Dito de outra forma, as mais variadas explicações para os mal, existentes e presentes na cultura e nas religiões, ajudam muitas pessoas. Ocorre, que também podem trazer envenenamentos na compreensão e na experiência religiosa. O que serve para um, pode não servir para outro. É por isso, que em nosso trabalho, queremos buscar uma compreensão mais universal do problema do mal. Que possa parecer razoável ao maior numero de pessoas, nas mais variadas culturas, religiões e até mesmo para a experiência dos ateus. “A religião oferece uma resposta global, boa ou má, consistente ou não, ao problema do mal. Nisso consiste sua diferença específica com relação à filosofia. A filosofia pode refletir especulativamente sobre o mal e propor meios de abordá-lo em termos práticos, mas dificilmente pode motivar, inspirar e amparar o ser humano diante do mal, como fazem as tradições religiosas. As religiões oferecem menos especulações e respostas do que formas de engajamento e de combate ao mal” (Ibidem, p. 16).

teológicas”<sup>31</sup>. Assim, pode-se dizer que, nas religiões, diante do problema do mal, as doutrinas, ritos, dogmas e crenças respondem mais a uma orientação prático-existencial do que há uma preocupação especulativa. As doutrinas religiosas querem ajudar o ser humano na experiência concreta do mal. Não estão primeiramente preocupadas em dar uma explicação coerente, mais lógica e universal possível, eliminando ao máximo as contradições da linguagem, e é exatamente, deste cenário, que Torres Queiruga tenta fugir.

A tradição judaico-cristã, por exemplo, apresenta uma visão ambígua de Deus. Ao problema do mal aparece a contrapartida da salvação. Ocorre que o mal se apresenta como um elemento constitutivo de Deus, colocando sombras sobre a divindade e levantando a questão sobre um Deus bom, mau ou impotente. “O judaísmo e o cristianismo partem dessa ambiguidade e procuram canalizá-la, resolvê-la e, se possível, superá-la”<sup>32</sup>.

#### 2.4 AMBIGUIDADE DE DEUS

A experiência religiosa da humanidade esta perpassada pela ambivalência. A relação que o ser humano estabelece com Deus, com o radicalmente outro é simultaneamente de assombro e reverência, temor e fascínio. Rudolf Otto deixou a clássica expressão “fascinante e tremendo”, para falar da relação do ser humano com o mistério de Deus. “O divino, os deuses ou Deus, segundo as diferentes concepções religiosas, manifesta-se como algo a um só tempo perigoso e profundamente sedutor e fascinante”<sup>33</sup>. Deus, na experiência religiosa, aparece como bom e ao mesmo tempo pode converter-se numa maldição para o ser humano. Nele o temor esteve sempre tão presente quando o amor, e o temor desencadeia também o medo, realidade que as religiões sempre difundiram. Claro, aqui não estamos falando de como Deus é em si mesmo, mas de como o ser humano o vê, pois sempre se parte da experiência religiosa subjetiva, pessoal e coletiva.

Para Juan Antonio Estrada “a percepção do divino é determinada pela tradição cultural em que vivemos, de tal modo que a religião estabelecida oferece a moldura categorial para interpretarmos a manifestação do nume divino”<sup>34</sup>, essa afirmação de Estrada suscita uma pergunta, cuja resposta fica suspensa para mais tarde. A partir dos pressupostos de

---

<sup>31</sup> Ibidem, p.16.

<sup>32</sup> ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodiceia*. p.18.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>34</sup> Ibidem. p. 21.

compreensão de mundo da modernidade e da revelação de Deus em Jesus, dá ainda para afirmar essa ambiguidade em Deus? Sabe-se que não existe nenhuma experiência natural de Deus em sentido estrito, e como diz a Sagrada Escritura: ninguém jamais viu a Deus.

Não há uma consciência religiosa “pura”. A experiência de Deus é sempre uma vivência humana, portanto limitada. Por isso, aquilo que suscita nos seres humanos a ideia de Deus, como amor e ódio, fascínio e temor, é mais projeção pessoal do que a realidade de Deus. De Deus, sabe-se mais aquilo que ele não é, do que aquilo que é.

A ambiguidade também está presente na revelação bíblica. Toda revelação acontece na experiência humana, pois Deus naquilo que fala é sempre compreendido, captado a partir do humano, limitado e finito. Para Torres Queiruga, seria ingênuo pensar que os homens da Bíblia, viviam sua ética, culto e religiosidade como algo expressamente revelado “Vivia isso sim, tal e qual os demais povos a sua volta, num ambiente impregnado de religiosidade, sem a clara distinção entre o sagrado e o profano que caracteriza o homem moderno”<sup>35</sup>. Na ausência de clareza, a visão de mundo e a visão de Deus ficam modeladas reciprocamente pela ambiguidade. Quanto à manifestação “imediate de Deus” as interpretações chegam a aparecer contraditórias. Junto da afirmação de Gênesis de que não se pode ver a Deus sem morrer (Gn 32, 21), aparecem inúmeros relatos de visões efetivas de Deus (Gn 3, 8-24; 7, 16; 16,13; 18; 26,2).

A revelação de Deus se assenta definitivamente quando Deus fala. Não está na experiência de ver ou de sentir, mas no fato de Deus falar, mesmo diante da morte dos profetas o que se pode recordar e permanece é a palavra., palavra oral recordada ou palavra escrita. A Bíblia toda, no Antigo Testamento, é designada como a “palavra de Iahweh”. O Novo Testamento herda essa tendência de considerar a revelação como palavra, consignada e fixada em livro. Nisso, a aparição de Jesus constitui um *acontecimento* de tal magnitude que é para a experiência original a figura real e palpável da revelação de Deus, “A palavra aparecia sustentada e transcendida pela encarnação. Ele foi mestre e revelador com a doutrina, mas também com as obras e a vida inteira”<sup>36</sup>.

A Palavra do Antigo Testamento aparece sempre aberta até encontrar o *sim* definitivo de Deus em Jesus de Nazaré. O mais profundo do coração de Deus nos é aberto, com

---

<sup>35</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *A revelação de Deus na realização humana*. Trad.: Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 24.

<sup>36</sup> *Ibidem*. p.34.

segurança, em Cristo. Ali vemos palpavelmente a atitude de Deus com respeito à dor do ser humano. Mais, vemos “a atitude de Deus em relação à dor de seu próprio Filho, isto é, em relação à sua própria dor; ou, quem sabe com maior exatidão, vemos o próprio Deus, enquanto entra na finitude humana, submetido à mesma e idêntica inevitabilidade das limitações do mal”<sup>37</sup>.

A ambiguidade de Deus, experimentada pelo ser humano, encontra, dessa forma, uma contestação de clareza incomparável em Jesus de Nazaré. Feita essa primeira indicação, que aponta também para a necessidade de uma nova imagem de Deus, que mais tarde clarear-se-á, volta-se agora ao problema do mal.

## 2.5 O DILEMA DE EPICURO

Segundo Torres Queiruga a teodiceia parte de um dado elementar e evidente. Refere-se à fé sustentada pelas religiões, em que se crê num poder sustentador e salvador e ao mesmo tempo experimenta-se o mal no mundo, na sua dura realidade. Isso produz um choque vivencial, de um lado Deus amor e do outro o mal, e a teodiceia tenta resolver este problema.

Desde o mito das origens, apresenta-se a ideia de um mundo perfeito e bom e, no entanto, o experimentamos imperfeito e despedaçado, e todas as grandes religiões enfrentam a sina permanente da obscuridade do mal. Na filosofia, o famoso dilema de Epicuro, nos séculos IV-III antes de Cristo, atravessa o oceano dos debates na história e chega até nós com a mesma força e atualidade. Assim foi postulado:

Ou Deus quer tirar o mal do mundo, mas não pode; ou pode, mas não o quer tirar; ou não pode nem quer; ou pode e quer. Se quer e não pode, é impotente; se pode e não quer, não nos ama; se não quer nem pode, não é o Deus bom e, além disso, é impotente; se pode e quer – e isto é o mais seguro –, então de onde vem o mal real e porque não o elimina<sup>38</sup>.

Para desdobrar esse postulado de Epicuro a reflexão precisa partir de um dado fundamental que é *a justa autonomia das realidades terrestres*<sup>39</sup>, este dado foi trazido pela

<sup>37</sup>TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Recuperar a Salvação*: Por uma interpretação libertadora da experiência cristã. Trad.: Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulus, 1999. p.123.

<sup>38</sup> EPICURUS, ed. de O. Gigon, Zürich, 1949, p. 80; Lactâncio o reproduz in: *De Ira Dei*, 13 (PL 7, p121) in Torres Queiruga, Andrés. *Repensar o Mal*, p.18.

<sup>39</sup> “Se se tivesse de escolher uma palavra, um *moto*, para qualificar o que se mostra como o próprio núcleo da experiência moderna, a eleição parece clara: *autonomia*. Este conceito expressa perfeitamente o *aspecto objetivo*, que consiste em que diversos setores da realidade se vão emancipando da direção e tutela da religião, para

modernidade. O funcionamento do mundo acontece pelas suas leis, já estabelecidas na criação. Não dá para imaginar uma permanente interferência no funcionamento do mundo, quer seja de Deus, ou de qualquer outra força oculta que não seja o próprio dinamismo do mundo<sup>40</sup>. Sabe-se porém, que, ainda hoje, muitíssimas pessoas acreditam na interferência de Deus para a graça ou para o castigo e do demônio para toda espécie de mal.

Na atualidade, especialmente no Brasil, as correntes religiosas neopentecostais e também a compreensão católica mais tradicional, coloca no demônio a raiz de todos os males<sup>41</sup>. Percebe-se com evidência que muitas causas dos males são mundanas ou da natureza, mas, por outro lado, ainda se atribui muitas coisas a causas ocultas, Deus ou o demônio. Porém, a teodiceia entra para tentar explicar, mas não consegue e as argumentações permanecem incoerentes, isso porque de um lado, assume-se o princípio da autonomia das realidades terrestres, que é o dado *novo* da modernidade, e por outro, continua-se ligados ao *velho* princípio de que há intervencionismos permanentes de Deus ou de qualquer outra força oculta.

Permanecendo em princípios incongruentes, entra-se numa batalha sem fim. Por esse caminho, não se consegue vencer a contradição presente na ideia de um Deus bom e onipotente, mas que não intervém no mundo para eliminar o mal ou que o permite. Ao mesmo tempo, defendesse a autonomia do mundo, mas há uma torcida permanente para que Deus intervenha e vença os males. Claro, no nível básico das experiências religiosas, essas contradições e essa falta de clareza podem ser colocadas no mistério. Ocorre que a reflexão teológica não pode cair nessa espécie de comodismo.

Para Torres Queiruga esse cenário nos obriga a rever a ideia de Deus. A partir da nova visão cultural de mundo e da nova crítica bíblica é necessário que “revisemos drasticamente o modo de conceber a ideia de Deus na sua relação com a realidade do mundo e com o mal

---

descansar, de modo cada vez mais decidido, sobre si mesmos. E expressa também o *aspecto subjetivo*: o homem sentir-se crescentemente o dono de si, assinalando para si os próprios objetivos e dando a si, com base em sua convicção íntima, suas próprias normas. A autonomia apresenta-se, assim, como a experiência básica que estrutura e anima todo o movimento da modernidade” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 32).

<sup>40</sup> “Se até então o mundo era visto, de modo geral e espontâneo, como continuamente traspassado no seu funcionamento, com interferências nas suas leis oriundas de influências extramundanas – fossem elas divinas, para ajudar ou castigar, ou fossem demoníacas, para tentar ou causar dano -, agora a realidade começava a ser descoberta como algo regido por leis próprias e imanentes” (Torres Queiruga, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 20).

<sup>41</sup> A respeito, ver AMORTH, Gabriele. *O exorcista explica o mal e suas armadilhas*. Trad.: Armando Braio; colaboração Stefano Stimamiglio. Rio de Janeiro: Petra, 2016 e OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *O desafio dos novos movimentos religiosos às Igrejas cristãs*. In: *Perspectiva Teológica*. Ano XXXII. n° 87. Belo Horizonte, 2000, p. 221-240.

dentro dele”<sup>42</sup>. Apoiados no autor, queremos procurar uma coerência na linguagem partindo do princípio: *Deus é amor e está sempre agindo para eliminar o mal*; e se podendo eliminar os males, não o faz ou os permite, isso não se trata de um “mistério”, mas uma contradição. Ainda, nesse segundo caso, o mal se tornaria causa de ateísmo, uma vez que não se encontra sentido em acreditar num Deus bom e onipotente, que podendo eliminar os males não o faz<sup>43</sup>.

## 2.6 O IMAGINÁRIO CRISTÃO CONTAMINADO

A experiência religiosa, na sua grande maioria, aceita sem grandes questionamentos o pressuposto de que Deus “pode e não quer” evitar o mal. O desdobramento disso aparece nos seguintes posicionamentos; por que Deus *permite* o mal? Por que *aceita* tanta maldade no mundo? Por que me *manda* essa doença? O que fiz para *merecer* isso? Por que Deus *escolheu* a mim para esse sofrimento? Ou ainda, na busca de soluções se afirma: Ele te *manda* a enfermidade, mas é pelo teu bem; te *dá* a cruz que você consegue carregar; se *levou* o teu querido é porque era hora dele, ou foi melhor para ele; se for criança, pior ainda: Ele *quis* um anjinho no céu; Deus *castiga*, para que aprendamos; Ele *aperta*, mas não enforca; Deus *escreve* certo por linhas tortas; faça isso direito se não Deus te *castiga*. Isso está ainda muito presente na linguagem habitual das pessoas. É sintomático e aponta para uma necessidade de coerência, eliminando os envenenamentos que esse tipo de linguagem pode produzir.

O fato é que aqui há vários fatores irrefletidos ou que a nossa consciência reflexa não dá conta. São, como que, gatilhos da memória<sup>44</sup> ativados automaticamente, que foram construídos pelas nossas experiências religiosas em nossa história. Por exemplo, sempre se ouve dizer que Deus é onipotente e que pode tudo. Embora também se saiba que ele é bom,

<sup>42</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 23.

<sup>43</sup> “Todos consideraríamos um monstro alguém que, podendo, não quisesse eliminar todo o sofrimento dos hospitais, acabar com a fome de milhões de crianças no mundo ou pôr fim ao horror recorrente das guerras e dos genocídios. E para desculpá-lo nem sequer serviria apelar para motivos ocultos, por mais graves, muito altos ou muito misteriosos que pudessem ser”(Ibidem, p. 23).

<sup>44</sup> “O Eu, que, entre outras funções, representa a capacidade de escolha, não está sozinho em sua magistral tarefa de construir experiências psíquicas. Há dois fenômenos inconscientes, o gatilho da memória e o auto fluxo, que leem a memória e constroem cadeias de pensamentos. O gatilho da memória é acionado em milésimos de segundo por um estímulo extra psíquico (imagens, sons, sensações táteis, gustativas, olfativas) ou intrapsíquico (imagens mentais, pensamentos, fantasias, desejos e emoções) e abre janelas da memória, ativando uma interpretação imediata. O tempo todo, milhares de estímulos nos atingem e são interpretados rapidamente após o acionamento do gatilho da memória e a subsequente abertura de janelas”(CURY, Augusto. *Ansiedade 2: autocontrole – como controlar o estresse e manter o equilíbrio*. São Paulo: Benvirá, 2016, p. 32-33). A tese da existência de mecanismos automáticos de construção de experiências e interpretação da realidade, nas mais variadas dimensões, é muito interessante e nos faz pensar até que ponto nossas conclusões, interpretações, e escolhas são refletidas e conscientes ou feitas, quase que, de modo automático, no instante do estímulo.

nas experiências em que o mal aparece, facilmente se deixa de lado a ideia de bondade de Deus e não se esquece da ideia de onipotência. A onipotência parece ser algo muito mais presente em Deus, desde a nossa infância, quando foi transmitida a ideia de que Deus é grande, forte, que criou o mundo inteiro, que pode tudo, que faz chover, que é ele a conduzir tudo o que acontece no universo. Essa ideia forte é acionada automaticamente na consciência, atropelando as mediações que levariam a reflexão para um resultado diferente. Além disso, no imaginário coletivo, através de símbolos, mitos e fantasmas a divindade sempre carrega implicações relacionadas ao mal e aos castigos.

A Bíblia também se apresenta carregada de contradições. Mesmo que em Jesus tenha-se a revelação máxima do amor, isso não elimina as inúmeras afirmações, que vão sendo feitas desde o início, apresentando a ambiguidade de Deus e a presença da tentação quase permanente do demônio. Por isso, a imagem de Deus também na Bíblia é uma construção<sup>45</sup>. O interessante é que passando por essa selva de ameaças, temores, vinganças, cóleras e castigos, mesmo assim aparece límpida a imagem de Deus com seu rosto verdadeiro em Jesus. Seu perdão incondicional, seu amor salvador, sua entrega sem limites, sua ajuda sem descanso e sua transparente defesa àquilo que é humano. Essa maravilha do amor de Deus, traduzida de forma insuperável no *Abbá* de Jesus<sup>46</sup>, é o melhor para a experiência cristã e o mais decisivo para a fé. Necessita vencer os ventos dos medos humanos, egoísmos, compreensões estreitas, fantasias e apoios no mistério, em que todas as contradições parecem poder encontrar acomodação.

É tão importante projetar luz no imaginário cristão. Isso impossibilita pregações e afirmações simplistas, como aquela de que um casal que desobedeceu e comeu uma maçã, afeta com castigo toda a humanidade. No desdobramento do tema do pecado, a maioria das pregações sobre o inferno, mais confundem e amedrontam do que libertam, o que se apresentará na sequência, e sem levar em conta o contexto e a origem cultural das passagens

---

<sup>45</sup> “O mundo da Bíblia, como não podia deixar de ser, está impregnado do mundo simbólico de seu ambiente cultural. Sua maravilha não consiste em encontrar-se desde o começo com uma imagem de Deus já feita (...). Por isso, o caminho está cheio de fantasmas e até de monstruosidades: recorde-se tão somente o *herem*, o mandamento expresso por parte de Iahweh do extermínio de povos inteiros, sem reparar em anciãos, mulheres os crianças; ou pense-se nos castigos *coletivos*, ‘até a terceira e quarta gerações’, ou arbitrários, como o do filho do sumo sacerdote que queria salvar a arca!” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai: O Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. Trad. I.F.L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 120).

<sup>46</sup> “O Deus de Jesus é *Abbá*, o Pai mais próximo e bom que jamais se pôde imaginar neste mundo, por uma razão que é a chave em todo esse assunto. A experiência humana que se tem do ‘pai’, como ensina a psicanálise, é antes de tudo experiência de ‘autoridade’, de poder e, inclusive, de onipotência” (CASTILHO, José Maria. *Jesus: a humanização de Deus. Ensaio de Cristologia*. Trad.: João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 117). Para uma excelente análise do significado insuperável do *Abbá* de Jesus para a revelação de Deus, ver *Ibidem*, p.105-130.

que aludem ao inferno na Bíblia. Todo esse conteúdo que se recebe pela experiência religiosa e até mesmo cultural, modela a *pré-compreensão* cristã de Deus. A noção de que “Deus é amor” fica depois, para a consciência reflexiva, envolvida em ambiguidades e distorções. Diante disso, para que aconteça uma nova experiência de Deus, transparente no amor, é preciso descer com rigor ao profundo desse imaginário contaminado com a clareza da razão e do conceito.

## 2.7 A IDEIA DE UM MUNDO PERFEITO: ARMADILHAS DA LINGUAGEM

O que sempre pareceu, dado como pressuposto, é que “se Deus quisesse eliminaria todo o mal do mundo”, sendo que o que se quer afirmar, sustentado na reflexão de Torres Queiruga, é justamente o oposto, pois “Deus quer mas ‘não pode’ eliminar o mal”. Claro que cabe esclarecer o que significa esse ‘não pode’, destacado pelas aspas.

Ao falar de Deus, existe uma limitação da linguagem, pois nem tudo o que a linguagem expressa e afirma tem sentido ou corresponde a uma real possibilidade, e ainda existem afirmações sem sentido, que podem parecer verdadeiras, mas são apenas aparência e podem ser uma junção de ideias. Por exemplo, pode-se dizer *Deus ‘não pode’ fazer um círculo quadrado*, o que se intui facilmente o erro. Não é que em Deus exista algum limite, mas sim o limite e o absurdo estão na própria ideia, que não passa de uma expressão de linguagem. Poderia dizer que Deus ‘não pode’ fazer uma vaca voadora, o que se constitui um absurdo que está na própria ideia e não no limite de Deus. A dificuldade aqui está em mostrar semelhante paralelismo na expressão: mundo-finito-perfeito e sem males.

Precisa-se partir da ideia bíblica do paraíso, em que Deus criou o paraíso, colocou Adão e Eva, e esses, por causa da desobediência, fizeram o mundo ser o que ele é. Claro que para Torres Queiruga o relato da criação foi usado para dizer mais coisas do que ele intentava dizer. “Não é outra a intenção decisiva do *relato bíblico do Paraíso*: mostrar que Deus, ao criar, busca unicamente a felicidade do homem; se o mal aparece, tem de haver *outra causa*”<sup>47</sup>. A intuição básica seria extrair deste texto a ideia fundamental de que Deus é bom e não pode ser a *causa* do mal, porém ocorreu que se prosseguiu nas consequências.

---

<sup>47</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em deus Pai*, p. 127.

Tudo era harmonioso e perfeito, mas depois do pecado passou a ser diferente. O perfeito se tornou imperfeito<sup>48</sup>. A harmonia se torna desarmonia, diante a desobediência Deus castiga e aí entra o mal. Esse “casal” é o primeiro responsável pelos males que hoje nós sofremos; e mais, a ambiguidade de Deus aparece clara no castigo infringido devido ao pecado. E o mundo que era perfeito torna-se, então, imperfeito. Aqui, exatamente, está a armadilha da linguagem: o perfeito tornar-se imperfeito.

Como isso é possível? Não há e nunca houve possibilidade de o que é perfeito tornar-se imperfeito, pois o perfeito nunca se torna imperfeito. O princípio de não contradição torna impossível essa conclusão, porque o que é perfeito é e pronto e sempre será. Claro, que aqui não se quer negar a profundidade da doutrina do pecado original, o que merece uma especial atenção e que não se fará neste momento.

Aqui, para Torres Queiruga, já se percebe a resolução de um problema. Desfaz-se o “escândalo” da suposição de que Deus “poderia” eliminar os males, mas não o faz por motivos que são conhecidos somente a ele. Voltaire, diante do terremoto de Lisboa, afirma: “Quando o único recurso que nos falta para desculpá-lo (Deus) é confessar que seu poder não pôde triunfar sobre o mal físico e moral, certamente eu prefiro adorá-lo como limitado, mais do que como mau”<sup>49</sup>. Essa afirmação nos traz um raciocínio interessante. Valeria mais adorar Deus como limitado, do que adorá-lo como onipotente, desculpando-o por não impedir a tragédia do terremoto, uma vez que “pudesse” fazê-lo. Ocorre, que nenhuma conclusão está certa, pois nem de que Deus é limitado e nem de que “pode” fazer. O “não pode” é um absurdo, uma ideia sem sentido<sup>50</sup>. Dizer Deus “poderia” evitar o terremoto, é o mesmo que dizer que há um círculo quadrado. Assim, para o nosso autor: “1) Deus quer, como aparece

<sup>48</sup> A compreensão que se assume na teologia não foi à ideia do perfeito como aquilo que “foi bem feito”, mas que seria ainda perfectível na tarefa, mas sim a ideia de “acabado”, “completo”, “sem desajustes” e, consequentemente, sem possibilidade de mal algum. Não assumindo a ideia do *perfectível* se cai na contradição dizendo que o perfeito se tornou imperfeito.

<sup>49</sup> VOLTAIRE in TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 128. Essa conclusão de Voltaire traz consequências gravíssimas. Preferir adorar Deus como limitado, para não examinar criticamente o conceito de onipotência, faz de certa forma, sucumbir à fé em Deus. “Dentro do novo contexto, para uma consciência cultural largamente educada pelo monoteísmo, um *deus-limitado* converte-se, fatalmente, em um *não-deus*. Repitamo-lo: mantendo-se a consequência, o ateísmo é inevitável” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*: por uma nova imagem de Deus. Trad.: José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 191-192). Por outro lado, aqui, facilmente se nega a existência de Deus. “Negar a Deus porque, caso existisse, não poderia consentir o mal no mundo, equivale a dizer que, *no caso de existir e de consenti-lo*, esse seria um deus-mau, isto é, um não-deus” (Ibidem, p.192).

<sup>50</sup> “Deus não podia fazer um mundo sem mal, pela singela razão de que essa formulação é absurda. Parece correta, porém, corresponde a uma autêntica ‘enfermidade da linguagem’, pois se o conceito ‘mundo-sem-mal’ é impossível, não faz nenhum sentido perguntar por que Deus não o quis fazer: poderia não ter criado, porém, se criou, o resultado é um mundo finito, e o mal não pode ser evitado” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 49).

no relato bíblico, unicamente a felicidade do homem, porque Deus é bom; 2) não causa nem quer o mal; 3) a existência não querida, não causada e não evitável do mal não prejudica a onipotência de Deus”<sup>51</sup>.

## 2.8 O MAL COMO INEVITÁVEL: A PONEROLOGIA

A afirmação de que Deus quer e “não pode” evitar o mal é uma afirmação sem sentido, temos que explicar o porquê. O fato é que o problema tem que ser abordado de uma forma diferente, pois não pode ser no nível da imaginação. Imagina-se Deus e o seu poder de um lado e o mal e suas consequências do outro, se Deus pode tudo, então, também tem que poder evitar o mal, só que não se pensa no que significaria isso para o mundo, ou seja, imaginamos na possibilidade de um mundo sem mal, mas não percebemos que essa é, simplesmente, uma ideia sem sentido. Por quê? Porque num mundo finito e limitado sempre haverá males, e o mal se apresenta como algo inevitável. Assim, tem-se que desvincular a ideia de Deus com o mal, pois o mal deve ser tratado em si mesmo, em um primeiro momento.

Aqui o nosso autor introduz o conceito de ponerologia. Para ele:

ponerologia – do grego *ponerós*, mal – é uma palavra que me atrevi a introduzir, para de alguma forma obrigar o pensamento a deter-se em seu processo e a fazer uma escala, cuja necessidade a secularização tornou tão evidente quanto inevitável. Porque a nova situação exige que se trate antes de mais nada o problema do mal *em e por si mesmo*, com anterioridade (pelo menos estrutural) a qualquer consideração de tipo religioso. Com efeito, o mal, na dura multiplicidade de suas diversas figuras, concerne às pessoas *enquanto humanas*, independentemente de serem religiosas ou irreligiosas. Está aí, desde que nascemos, afetando-nos como dano que fazemos ou sofremos, como dor física ou opressão social, como culpabilidade ou desgraça, como catástrofe natural ou crime organizado (...). As tomadas de posição religiosas ou irreligiosas já são *respostas* de diferente signo à idêntica questão que sua terrível presença suscita a *todos*<sup>52</sup>.

A partir da ponerologia o mal não deve ser tratado como um problema imediatamente ligado à religião. Deve sim, ser analisado como um problema humano, universal, que afeta todo mundo, independente de religião, partido, filosofia ou cultura. A resposta ao mal cada um encontra a partir de suas crenças e culturas, mas a pergunta de onde vem o mal deve

<sup>51</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 128.

<sup>52</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. p. 205-206.

colocar a todos numa mesma direção<sup>53</sup>. Se colocarmos o problema e já o ligarmos à religião, tem-se uma carga de emotividade, pré-conceitos e pré-julgamentos difíceis de transpor. Se o mal afeta a todos, é um problema de todos, a resposta não deve vir apenas de convicções e crenças de algum grupo ou de uma doutrina, mas num diálogo aberto que ilumine o campo das respostas. Por isso, num primeiro momento, Torres Queiruga percorre o caminho de um “ateísmo metódico”<sup>54</sup>, onde não se nega e nem se afirma a existência de Deus. Deus entra mais tarde no discurso.

A pergunta que se faz é a seguinte: por que existe o mal? Ou *unde malum*? De onde vem o mal, coloca o discurso na busca da causa última ou primeira, a raiz originária do mal, sua causa de possibilidade.

### 2.8.1 O mundo e suas leis autônomas

A primeira coisa a dizer é que a partir da modernidade compreendemos que o mundo tem suas leis de funcionamento e essas são autônomas<sup>55</sup>. Claro, que para as crenças religiosas, que sempre afirmaram que Deus interfere aqui e acolá como bem deseja esse princípio não é de fácil aceitação. Ocorre que acima da crença existe a objetividade dos fatos e das descobertas das ciências, que trazem princípios universais independentes das crenças.

Quando nos deparamos com a realidade do mal a constatação inicial para todos é que ele tem suas *causas imediatas no funcionamento do mundo*. Se dói, há um ferimento; se alguém foi assassinado, há um delinquente; se há fome, falta comida; se há guerra é porque existe combate entre exércitos. Esse raciocínio simples traduz o que na modernidade aparece explicitamente como a *imantização radical* da causalidade<sup>56</sup>. O pré-moderno, embora não ignorasse essa causalidade, em tudo via a interferência do religioso, mágico, mítico. Deus, anjos, demônios, espíritos, forças ocultas, maldição e mau-olhado, magia negra e magia

---

<sup>53</sup> “Na realidade, trata-se de uma exigência óbvia e elementar numa cultura secular, na qual a forma correta de abordar as grandes perguntas humanas é fazê-lo na comunidade de busca, numa linguagem universalizável pelo mens em princípio, e em diálogo aberto ao intercâmbio livre de razões e objeções” (Torres Queiruga, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 55).

<sup>54</sup>Ibidem, p. 56.

<sup>55</sup> O novo da ciência moderna foi a descoberta da densidade e solidez do mundo, que valia por si mesmo. “Que tinha algumas leis próprias, regulares e constantes que explicavam sua atividade sem necessidade de recorrer a forças externas (demoníacas, angélicas ou divinas). Onde antes, com toda espontaneidade, se via a ação direta de Deus ou de forças celestes, agora se vê uma natureza que marcha por si mesma, submetida a uma legalidade matematicamente calculável. Onde antes se viam contínuas intervenções divinas, agora se veem leis científicas constantes e regulares” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 32-33)

<sup>56</sup> Cf. Torres Queiruga, Andrés. *Repensar o Mal*, p.58.

branca, tudo podia ser causa dos acontecimentos. Nesse sentido, a compreensão moderna remete a um *ponto preciso*, isto é, de que os acontecimentos do mundo remetem ao mundo, a causas intramundanas, mesmo que ainda não se tenha clareza completa sobre elas. Embora haja resquícios do pré-moderno, que, como onda, oscila para mais ou menos, é fato que não só a comunidade científica, mas toda a sociedade vai aos poucos assumindo essa nova mentalidade.

Nisso, as explicações, mesmo para aquilo que aparece como fenômeno estranho, são buscadas dentro do mundo e não fora dele. Assim, para Torres Queiruga, “é possível elevarmos à condição de princípio axiomático a afirmação de que *tudo o que, em nível empírico, acontece no mundo tem uma causa dentro do mundo*”<sup>57</sup>. Procurar a causa do mal dentro do mundo é algo, de certa forma comum. O médico procura a causa da úlcera para dar o tratamento certo. Isso, porém não elimina a pergunta: Mas por que o mundo é assim? Tem que ser assim ou poderia ser diferente? Para avançar, precisa-se frear a imaginação e continuar pelo caminho da razão.

### 2.8.2 A imaginação livre

A imaginação logo se adianta em afirmar que é possível um mundo sem males. Isso reforçado pelas religiões e pelos próprios mitos bíblicos que apresentam o paraíso inicial perdido ou uma terra futura sem males<sup>58</sup>. Além disso, como o mal aparece como *aquilo que não deve ser*, como o absurdo sem sentido, tendemos a pensar que deve ter existido um momento em que ele não existia, ou um paraíso inicial. A esperança religiosa também traz a promessa de uma sociedade perfeita, lugar onde o paraíso se estabelecerá. Não há como impedir essa imaginação coletiva, pois é uma experiência irreflexa que de todo não deve fazer mal, ao contrário, sustenta o sentido para muitas pessoas. Porém, não pode entrar no campo de debate com a razão, quando se quer buscar as causas últimas. Precisa-se verificar se o *imaginável* é também *pensável*, e averiguar se é lógico pensar que um mundo, com as leis que carrega e conhecemos, é possível sem o mal.

---

<sup>57</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>58</sup> No Brasil a Campanha da Fraternidade do ano 2002 trazia esse tema: “Por uma terra sem Males”. Evocava o paraíso mitológico dos Tupis-guaranis. Muitas culturas trazem em mitos a ideia de um paraíso perdido. A intenção desses mitos é ajudar a compreender e suportar a realidade do mal atual. Sobre o problema no mal na mitologia ver SANFORD, John A. *Mal: o lado sombrio da realidade*. Trad.: Silvio José Pilon; João Silvério Trevisan. São Paulo: Paulus, 1988, p. 24-36.

### 2.8.3 O caminho da razão

Para buscar a raiz do mal, precisa-se permanecer no âmbito daquilo que se pode controlar. A imaginação abre infinitas janelas. Observando o funcionamento do mundo percebe-se que é impossível que nele não aconteçam choques, conflitos, ajustes e sofrimentos. Pelo estudo da biologia, vê-se que a evolução do universo, no processo de *cosmogênese*, sempre ocorreu com catástrofes, e a *biogênese* é, na verdade, uma luta permanente pela vida. Isso nos faz afirmar que: “o mal é inevitável no mundo, pelo menos tal como se nos apresenta e o conhecemos”<sup>59</sup>.

### 2.8.4 O mundo finito e a criatura limitada

Se o mundo como se manifesta sempre será portador de males, é preciso se perguntar, se é possível um mundo sem males. Para Torres Queiruga “se a aparição do mal dependesse de alguma qualidade *particular* deste mundo, sempre seria concebível a possibilidade de outro diferente, sem essa qualidade e, portanto, sem mal”<sup>60</sup>. É preciso fazer que a investigação da razão encontre a condição ou qualidade, que possibilita o surgimento do mal, não só para este mundo, mas para qualquer outro mundo possível. A universalidade do mal sugere pensar que há uma condição inerente a toda a realidade, como que, uma raiz universal.

A intuição básica trazida por Leibniz é que essa raiz é a *finitude*. “Quando faz a pergunta decisiva ‘de onde vem o mal?’, a resposta é: da *limitação* essencial da criatura”<sup>61</sup>. O mundo é finito e a criatura é limitada, e poderia existir um mundo que não fosse finito? Se a finitude é uma característica para “qualquer mundo”, então podemos dizer que seria *impossível* pensar num mundo sem mal<sup>62</sup>.

A finitude carrega consigo a negação. Quem é gordo não é magro ao mesmo tempo; um anjo nega ser outro; um animal não pode ser outro ao mesmo tempo. Toda determinação é

<sup>59</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 63.

<sup>60</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 65.

<sup>61</sup> “Pois é preciso considerar que há uma *imperfeição original na criatura antes do pecado*, porque a criatura é limitada essencialmente; e daí decorre que não poderia saber de tudo, e que pode se equivocar e cometer outras faltas” (LEIBNIZ in *Ibidem*, p. 47).

<sup>62</sup> “A finitude tem, por força, as portas e janelas abertas para a irrupção do fracasso, da disfunção e da tragédia: do mal. Um mundo-finito-perfeito é, portanto, um sonho da razão no sonhar mítico – mito inicial do paraíso ou mito final da sociedade perfeita, a mesma coisa -, mas eu não corresponde nem ao rigor nem à seriedade da vida” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 131).

negação de outra coisa, pois possuir uma qualidade, limita-se em outras. Ser homem significa não ser mulher e ser circular significa não ser quadrado. A finitude carrega a marca da carência de não ser tudo ao mesmo tempo, por isso, para nosso autor, “em última instância, um mundo-sem-mal é tão contraditório como uma realidade -finita-infinita, como um círculo quadrado”<sup>63</sup>. A finitude traz consigo o limite e a imperfeição. “*O finito não pode ser perfeito*. A finitude é sempre perfeição às custas de outra perfeição: ‘perfeição imperfeita’ por definição. Por isso, não pode dar-se nela o acabado perfeito, a ausência de desajustes, a falta absoluta de erros ou anomalias”<sup>64</sup>. Se isso é verdade, então, o mundo finito sempre será imperfeito, produzirá desajustes, e não poderá ser sem males.

No ser humano também a finitude e o limite confirma a ânsia permanente por plenitude. Somos habitados por uma insatisfação originária, que é uma dolorosa inadequação entre a finitude daquilo que somos e o infinito que desejamos<sup>65</sup>. Claro, tudo isso não é o mal. Porém essa finitude se apresenta na evidência como o pressuposto radical da condição de possibilidade para o mal<sup>66</sup>.

## 2.9 NOSSA LIBERDADE FINITA

Nesse estágio do discurso entra a distinção entre *mal físico* e *mal moral*. Afirma-se que num mundo finito, o mal é inevitável, considerando, mais especificamente o mal físico. Convém, agora perguntar se é possível que uma liberdade finita nunca proceda mal?

Se a finitude carrega sempre a falta, o desajuste e a possibilidade de erro, já indicamos também, o horizonte de compreensão da liberdade finita<sup>67</sup>. Podemos ampliar a pergunta acima dizendo o seguinte: Será possível que uma pessoa, por mais santa e no melhor dos propósitos possíveis, escolha somente aquilo que é bom, sem nunca se equivocar, errar, em suas escolhas

<sup>63</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 69.

<sup>64</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 130.

<sup>65</sup> “Admitindo a criação, esta tinha que ser de entes *finitos*. E, por isso, *imperfeitos*. Seria contraditório pretender que fossem possíveis entes-criados de perfeição – *absoluta*. Pois os conceitos de perfeição infinita e de radical auto *insuficiência* (de toda criatura) são incompatíveis um com o outro” (S. J. FORMOSINHO; J. OLIVEIRA BRANCO, *O brotar da criação; um olhar dinâmico pela ciência, a filosofia e a teologia*, Lisboa, 1999, p. 349 in TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 72).

<sup>66</sup> “A finitude, contudo, não caracteriza a falta, e sim sua condição de possibilidade. Não se fala de um mal constitutivo da natureza, que em última instância recairia sobre seu criador, e sim de um produto da liberdade” (ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodiceia*. p. 79).

<sup>67</sup> “Mais significativo ainda é ver que já muito antes não só Irineu, mas a ‘grande tradição, desde o começo da patrística até Tomás e mais ainda depois dele’, negou a possibilidade de que Deus possa criar uma liberdade finita e já perfeita”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 241).

e no modo de proceder? A própria Bíblia afirma que “até mesmo o justo peca sete vezes por dia” (Pr 24,16). A partir da liberdade nasce aquilo que se chama de *mal moral*. É diferente das catástrofes naturais ou da violência animal. A liberdade possibilita aquilo que compreendemos como mal causado pelos seres humanos.

É inegável que a liberdade humana é sempre limitada. Sofre influências do mundo externo, condicionamentos dos mais variados tipos, desde a nossa formação da infância, até as influências ideológicas, culturais, dos diversos meios e ambientes de vida e, até mesmo, dos mecanismos obscuros do inconsciente, campo próprio de compreensão da psicologia. E a liberdade é uma tarefa de construção, pode-se, no decorrer do processo, ser mais ou menos livre. Hegel chamou a história como história da construção da liberdade<sup>68</sup>. Se for construção é algo inacabado, e se há um horizonte de acabamento, durante os processos, sempre haverá a possibilidade de erro, de distorção e de culpa. A liberdade está sempre entre o *voluntário* e o *involuntário*. Quero mas não faço e não quero mas faço, do apóstolo Paulo.

Para Torres Queiruga a finitude não é a causa imediata do mal. Ou seja, porque ha liberdade infinita vai acontecer o mal. A finitude é a condição de possibilidade do erro, da escolha errada<sup>69</sup>. Se a finitude, em si mesma, já fosse a causa imediata do erro, não haveria como imputar *culpabilidade* ao ser humano. Se na natureza das coisas existe a possibilidade da falha, deve-se admitir que em algum momento, uma vez ou outra, possam falhar. Leibniz o expressa com clareza: “O fundamento do mal é necessário, mas sua produção é contingente; ou seja, é necessário que os males sejam possíveis, mas é contingente que sejam atuais”<sup>70</sup>.

### 2.9.1 Impossibilidade de uma liberdade finita que não erre

Diante disso, aparece a impossibilidade de que uma liberdade finita seja indefectível, contudo a liberdade finita nunca será já perfeita. Aqui, volta o paralelismo do círculo quadrado, pois pensar que uma criatura finita, já possa ser perfeita e indefectível, é o mesmo que pensar no círculo quadrado, uma ideia sem sentido. Para o autor “a impossibilidade de

<sup>68</sup>HEGEL, Georg. *Leciones sobre la filosofía de la historia universal* apud TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 75.

<sup>69</sup> “Trata justamente de explicar por que a liberdade finita *pode* ser causa do mal: não a tornando má, mas tornando inevitável que *também* possa ser causa da aparição do mal *quando* adota decisões incorretas. Algo que se compreende bem quando visto *pelo contrário*: uma liberdade infinita (se é que existe: recordemos que estamos na ‘ponerologia’) não estaria exposta ao mal: não seria ‘frágil’ nem ‘falível’” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p.78).

<sup>70</sup>LEIBNIZ, Gottfried. *Causa Dei*, n 69, in *Ibidem*, p. 82.

uma liberdade-finita-não falível é reconhecida como a conclusão mais lógica e coerente”<sup>71</sup>. Alguns autores falando de Deus, a partir da abstração, tendem a afirmar que, se Deus quisesse, poderia criar um ser humano cuja liberdade nunca escolhesse o mal. A questão do *poderia* não significa colocar ou não limites em Deus, mas mostrar a própria contradição da hipótese. A liberdade tem necessariamente sua condição de possibilidade para ser, a finitude. Liberdade é sempre possibilidade de escolha de algo. Uma suposta liberdade infinita não tem possibilidade de escolha. Se a liberdade fosse condicionada a só escolher o que é bom deixaria de ser liberdade.

Assim, se Deus criasse seres livres, que, embora tendo ocasião, jamais pudessem escolher o mal ou o menos bom, mas sim, somente o bom, essa liberdade deixaria de ser liberdade. Seria exatamente a negação da liberdade. Por isso, pensar na possibilidade de existência de uma liberdade finita que nunca erre ou que não tenha a possibilidade de errar é exatamente uma contradição<sup>72</sup>. É o mesmo que afirmar a existência de um círculo quadrado. A finitude é a própria condição de possibilidade de ser da liberdade, por isso, que quando se fala em liberdade de Deus é preciso dar concretude a isso. Em Deus não há possibilidade do mal moral, ou seja, ele não pode errar. Sendo *infinita* perfeição, elimina-se a condição de possibilidade para o erro, a falha. Deus é autoposses e autorealização plena, sem limite e sem medida. Diante disso, dá para levantar o questionamento a cerca da liberdade de Deus e do como ela é possível.

### 2.9.2 Vale a pena um mundo finito?

A finitude é a condição de possibilidade do mal, sendo impossível um mundo finito sem males. A liberdade finita traz necessariamente a possibilidade do erro, por isso produz males. Fazendo essa constatação não se resolve o problema do mal, mas se chega a uma justa postulação. Não é mais possível perguntar por que Deus criou um mundo mau, se poderia tê-lo criado bom. Essa pergunta carece de sentido. A pergunta, para Torres Queiruga, precisa ser feita de outra forma, para que ela tenha sentido. Por que Deus “*sabendo que o mundo, por ser*

<sup>71</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 83.

<sup>72</sup> “Em si a finitude como qualificação última, como determinação radical do modo de ser e agir das realidades a que se refere, tem um caráter envolvente, que transcende todas as qualidades e que, bem por isso, se reafirma na mesma negação que tenciona rejeitá-la como condição *última* de possibilidade da aparição do mal” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 87).

*finito, implicaria necessariamente o mal, o criou, apesar de tudo?*”<sup>73</sup>. De outro jeito pode-se perguntar: com a existência de tantos males e sofrimentos no mundo, o mundo vale a pena?

O fato básico e fundamental é de que Deus criou o mundo. Só isso já indica que no mundo o mal não pode ter a última palavra, porque saiu de Deus. “Se Deus criou o mundo, é porque, apesar de tudo, o mundo vale a pena”<sup>74</sup>. A existência da negatividade do mal fica, aqui, envolvida pela positividade, de que, no final de contas, de um modo ou de outro, a vida e o mundo valem a pena. Afirma-se o sentido contra o absurdo. Claro, que essas afirmações precisam ser fundamentas, uma vez que, há muitos filósofos que afirmaram que a vida não tem sentido, que é uma paixão inútil e estamos na luta continua para avançar, no entanto voltamos sempre ao mesmo lugar.

Começemos olhando *a nós mesmos*. Quando o ser humano não sofre de patologias graves, é comum e natural que ele escolha viver. Embora, haja os mais diversos posicionamentos, seria muito difícil universalizar o fato de que o ser humano prefere morrer ao invés de viver. Ainda, é difícil ou impossível que todos, como fez Jó, amaldiçoem o dia em que nasceram negando a validade e o sentido de sua vida. O universalizável é que as pessoas *querem viver, desejam viver* e tendem a afirmar a vida sempre, e apesar do mal<sup>75</sup>. Sabe-se que, é claro, as negatividades, guerras, depressões e ameaças a lucidez incidem sobre muitas pessoas ameaçando a vida, e eliminando-a em muitíssimos casos. No entanto, a afirmação positiva da vida se estabelece como um *continuum* na própria estrutura das coisas. A própria evolução vai se fazendo através de choques e calamidades, que apesar dos males, faz a vida aparecer.

Entramos aqui no nível da *cosmodicéia*. Olhamos o cosmos, o mundo em si mesmo, sem incluir ainda a questão Deus. Busca-se encontrar um sentido para o mundo em si mesmo. Dizer que vale a pena e tem sentido, e o mesmo que se afirma da história. Embora, nela as marcas das misérias humanas, guerras e violências estejam em muitas situações ainda

<sup>73</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 134.

<sup>74</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Recuperar a Salvação*. p. 110-111.

<sup>75</sup> “A vida aparece, á luz deste arazoado, como um longo pesadelo, do qual, não obstante, a pessoas pode-se libertar com a morte, que seria, assim, uma espécie de despertar. Mas despertar para quê? Essa irresolução de se lançar ao nada absoluto e terreno deteve-me em todos os projetos de suicídio. Apesar de tudo, o ser humano tem tanto apego ao que existe, que prefere finalmente suportar sua imperfeição e a dor que causa sua fealdade, antes de eliminar a fantasmagoria com um ato de vontade própria. E costuma acontecer também que, quando chegamos a tais fronteiras da desesperação que precedem o suicídio, por ter esgotado o inventário de tudo o que é mau e ter chegado ao ponto em que o mal é insuperável, qualquer elemento bom, por pequeno que seja, adquire um valor desproporcionado, acaba por torna-se decisivo, e nos aferramos a ele como nos agarraríamos desesperadamente a qualquer touceira de capim diante do perigo de despencar num abismo” (E. SÁBATO *apud* TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Recuperar a Salvação*. p. 111-112).

latentes, estar-se-á sempre inclinado a afirmar o sentido da história humana. Aqui, o discurso poderia ser apoiado também na compreensão filosófica de que toda a negação pressupõe uma afirmação, pois a positividade do mundo precede a negatividade. Existe o lado negativo, porque o lado bom e positivo está dado anteriormente. Claro que essa abstração parece um pouco distante da realidade, porém se não bastasse perceber que o mundo em si mesmo, já afirma um sentido e uma positividade, vale perguntar: Embora o mundo tenha um sentido em si mesmo, será possível garantir esse sentido em si mesmo até o fim, sem sucumbir? Ou, é possível, sem incluir Deus, dizer que o mundo tem sentido, apesar do mal?

Afirma-se que o mundo e a história em si mesmos valem a pena, apesar dos males. Agora, incluindo a questão Deus, perguntamos: Se Deus sabia que o mundo comportaria o mal, por que, mesmo assim decide criá-lo? Perseguir essa pergunta é também tentar desfazer a ideia ateísta de que, como existe o mal, então não vale a pena crer em Deus. Quer-se ir exatamente na direção contrária, porque existe o mal, vale a pena crer.

Agora olhamos o mundo *a partir de Deus*. Teria Deus criado o mundo por algum capricho, necessidade, egoísmo ou malícia? Para Torres Queiruga “Deus como Absoluto, não necessita de nada; o egoísmo está intrinsecamente excluído de sua atuação. Se cria, só pode fazê-lo para o bem da criatura; isto supõe a impossibilidade de que o mal tenha a última palavra”<sup>76</sup>. A abordagem filosófica permite um avanço intransponível nessa questão. Se Deus cria, não pode criar a si próprio. Sendo ele infinito, cria necessariamente algo finito. Pensar que poderia criar algo infinito seria o mesmo que dizer que ele cria a si mesmo, o que é um absurdo. Deus é o incriado, o existente desde sempre e para sempre. Sendo o mundo finito, comporta necessariamente o mal.

Neste sentido, *se Deus decide criar*, ‘não pode’ evitar tal presença (como ‘não pode’ fazer um círculo quadrado). Pois bem, se ele se decide, só pode fazê-lo por amor à criatura, e só o bem pode querer para ela. Isso significa que a existência vale a pena para ela e que, portanto, o mal não pode destruí-la: o mal é impedimento, mas não definitivo<sup>77</sup>.

Além de mostrar que o mundo vale a pena, Torres Queiruga entra com isso, definitivamente, na contestação do “quer, mas não pode”. O limite não está em Deus, mas na construção da linguagem, que faz uma afirmação sem sentido. Deus cria o ser humano em vista da realização. O ser humano carrega uma carência essencial. É carente e quer a

<sup>76</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 137.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 137.

plenitude. Deus quer ao máximo, dentro do possível, que a criatura consiga essa plenitude, realização. Deus está do lado do ser humano, apoiando e lutando contra tudo o que o diminui, o oprime, impede-lhe a realização e a expansão da vida, por isso Deus se coloca ao lado da criatura contra o mal.

### 3 DEUS DIANTE DO MAL

#### 3.1 ESCLARECIMENTO SOBRE A PISTEODICEIA

Percebe-se até aqui, através da ponerologia, que o mal é um problema universal e afeta a todos. Ele também se apresenta com caráter de inevitabilidade<sup>78</sup>. Não está relacionado a um grupo de pessoas ou crenças de qualquer tipo de fé, por isso o mal não precisa ser abordado imediatamente como um problema religioso, muito embora a tarefa das religiões sempre tenha estado ligada a compreensão do mal, tentando encontrar sentido diante dele. A realidade do mal convoca a todos numa luta permanente para superá-lo, ou ao menos, minimizar seus estragos<sup>79</sup>.

As respostas mais diversas ao problema do mal são suscitadas também pela própria realidade de sofrimento que o mal produz. De certa forma, cada pessoa, grupo, ou religião, precisa ter o seu repertório interpretativo, mesmo que rudimentar, para lidar com o mal e o sofrimento, todos precisam encontrar algum tipo de resposta, ou como que uma *pisteodiceia*. Essa não existe como uma teoria única, refere-se às respostas concretas que cada um dá ao problema do mal<sup>80</sup>. A *pisteodiceia* significa a “fé” num sentido amplo, filosófico e relativo à visão de mundo de cada pessoa ou grupo. Ela possibilita uma compreensão ou uma forma de encarar a realidade do mal, independentemente se defende que o mal torna o mundo absurdo, como diz Sartre ou se, na perspectiva do fiel cristão, apoiado por sua fé, diz que o mal não anula o sentido do mundo<sup>81</sup>.

Normalmente as sistematizações sobre o problema do mal partem sempre de uma *pisteodiceia*. Torres Queiruga não parte disso, mas aborda o problema do mal com caráter

---

<sup>78</sup> A autonomização da ponerologia, além de olhar o mal em si, longe das mediações religiosas, faz vir a tona o caráter inevitável do mal, em qualquer mundo possível. Isso não no sentido de que o mundo seja mau em si, mas embora reconhecendo sua bondade fundamental, reconhece que é finitamente bom e que, “devido à sua finitude, não se pode evitar que nele apareçam *também*, ainda que seja de forma fortuita ou ‘parasitária’, carências, disfunções, destruições e conflitos que, com toda razão, qualificamos como *maus*” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 114).

<sup>79</sup> “O mal convoca a todos para lutar numa frente comum: a de encontrar respostas que, apesar dos terríveis e infundáveis convites do mal, permitam viver sem sucumbir ao absurdo e sem se render no esforço por reparar os estragos e buscar as melhoras possíveis” (Ibidem, p. 101).

<sup>80</sup> “Toda pessoa, tanto se pensa nisso como se não, tanto se o faz voluntariamente como se procura evitá-lo de maneira mais ou menos expressa, toma posição diante do problema do mal. Isto é, configura sua existência adotando uma visão da vida ou uma concepção do mundo que determina seu modo de responder ao desafio dos males concretos, das situações-limite e, em última instância, ao desafio que, em si mesmas, formulam as deficiências provocadas pela finitude humana. Por isso, trata-se de uma *pistis*, de uma ‘fé’ em sentido amplo: portanto, de *pisteo-diceia*” (Ibidem, p. 104).

<sup>81</sup> Cf. Ibidem, p. 33-34.

autônomo e universal, enfrentando as dificuldades peculiares dessa tarefa. Não pretende refutar cada teoria acerca do mal, mas sim mostrar a validade do próprio argumento. Não entra num clima de rivalidade polêmica, mas no espírito da colaboração. Sendo o mal, segundo Kierkegaard, uma “enfermidade mortal”, vale unir-se para enfrentá-lo da melhor forma e aproveitar todas as contribuições possíveis.

Esse posicionamento de colaboração, no entanto, não desconsidera as tensões acaloradas que ainda reinam em vários debates. Isso acontece, sobretudo, quando as considerações carregam a emotividade religiosa<sup>82</sup>. Quando a abordagem é não-religiosa isso quase não acontece. Nenhuma teologia deverá pretender de permanecer no nível apenas teórico. A teoria precisa iluminar a prática, num interesse de ajuda efetiva para a libertação dos efeitos do mal. Contudo, não se poderá também querer fazer calar a razão, depois de tê-la feito falar demasiadamente. Alguns teólogos falam muito sobre o problema do mal, encontram poucas respostas e querem, posteriormente, fazer calar a razão do outro, considerando-a demasiadamente teórica ou insuficientemente prática. Essas teologias estão ainda muito ligadas ao ambiente cultural da cristandade e não estão definitivamente decididas a partir da nova visão trazida pela modernidade e enfrentar a crítica ferrenha da cultura secular a tudo o que é religioso. Só que isso somente adia o problema ou leva ao possível suicídio da fé.

Para o nosso autor, a explicação que se quer alcançar ao “mistério” (Marcel) sempre será limitada. Não se conseguirá ideias claras e distintas, apenas se quer, embora alcançando uma compreensão limitada e precária, como nos dirá Kant, “orientar-se no pensar”<sup>83</sup>. Aqui a reflexão permanece dentro do limite das leis da lógica e das proposições não contraditórias.

---

<sup>82</sup> Correntes teológicas se voltam veementemente contra algumas abordagens puramente teóricas do problema da teodiceia. Algumas desqualificações defendem que as posições são indiferentes ao problema do mal e ao sofrimento, outras são tachadas de cinismo, inumanas, imorais ou autênticos males. Outras duas formas de rejeitar essas teodiceias é de argumentar sobre a forma de ver biblicamente as coisas, isto é, encontrar um sentido para o mal que se apresenta e a outra, que complementa essa, é de perceber o sofrimento a partir das experiências das vítimas e dar uma resposta teológica, espiritualmente prática, para ajudar a reduzir o sofrimento (Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 106-107).

<sup>83</sup>Ibidem, p. 110.

### 3.2 A NECESSÁRIA COERÊNCIA NA IDEIA DE DEUS

A coerência na ideia de Deus é muito importante para a reflexão sobre o mal<sup>84</sup>. Por isso, agora entramos com Torres Queiruga na teodiceia cristã. Não há um abandono da preocupação filosófica nem das demais piteodiceias, que serão aproveitadas na medida do possível. Contudo, centraremos a reflexão na ideia de Deus como aparece na sua gestação ao longo da história da revelação bíblica, influenciada por religiões circundantes e na sua manifestação na vida e pregação histórica de Jesus de Nazaré.

#### 3.2.1 A “via curta” da teodiceia

Uma pergunta recorrente na análise das piteodiceias é de se a realidade do mal abre ou fecha o caminho para Deus. Para algumas posições o mal é a “rocha do ateísmo” e para outros pode servir de apoio para a fé em Deus. Com Torres Queiruga quer-se perseguir agora a segunda via. Esse caminho pressupõe uma visão de Deus renovada e uma aceitação dos pressupostos de compreensão da cultura atual, diferente dos pressupostos de compreensão pré-iluminismo. Isso fazendo justiça à tradição e aproveitando suas riquezas, mas abrindo espaço a uma *atualização consequente*, respondendo a necessidade de coerência exigida pela cultura atual<sup>85</sup>.

Diante de problemas profundos da humanidade, entra a inteligência e também a liberdade sempre há um problema dual. A inteligência busca certa coerência lógica e a liberdade, não necessariamente, faz com que as decisões se orientem pela lógica. A lógica do papel nem sempre responde aos anseios do coração. Assim, pode-se dizer que uma teoria é aceita na medida em que as pessoas se reconhecem nela, e as aspirações profundas e íntimas se encontram contempladas ali. Claro que a credibilidade dessa teoria ou teodiceia pode ser minada quando não há uma mediação racional coerente mínima, é o que traz, por exemplo, o Dilema de Epicuro, ainda não resolvido.

---

<sup>84</sup> “Buscar a *autêntica* coerência da fé não é um jogo lógico do qual possamos nos dispensar. O verdadeiramente humano diante do Deus de Jesus – se realmente se crê nele – é o reconhecimento respeitoso, agradecido e confiante de que sua compaixão é tão grande que nosso mal o afeta em seu amor, antes mesmo de afetar a nós mesmos (da mesma forma, mas muito mais, que a dor ou enfermidade da criança afetam sua mãe)” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 234).

<sup>85</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 140.

Diante do dilema é difícil manter a fé em Deus. O ateísmo seria o resultado mais coerente, afinal, se Deus pode evitar o mal e não o faz por razões que somente são conhecidas por ele, então o melhor seria não acreditar nele. A “via curta” da teodiceia propõe *manter a confiança* em Deus apesar da falta de lógica ou de coerência racional. Segundo o autor, para a postura tradicional, “aceitar a fé era tão óbvio como atitude pessoal e era tão plausível do ponto de vista sociocultural, que o dilema não era percebido como questionamento da fé em Deus”<sup>86</sup>. Aqui aparece o choque entre duas lógicas: de um lado a lógica abstrata da razão que aparentemente é muito mais clara e do outro lado a certeza do coração, que na confiança irrestrita em Deus<sup>87</sup>, embora menos clara e convincente, era infinitamente mais profunda porque se ancorava na confiança. Essa confiança se fundava nas *razões do próprio Deus*, que embora não conhecidas por nós, eram tranquilamente aceitas porque se confiava saírem de sua bondade e sabedoria<sup>88</sup>.

Essa posição que permaneceu por muito tempo e se estende até nós, dentro de sua especificidade, é legítima. É uma lógica *conatural* a vivência da fé. Conciliava na vivência concreta a fé em Deus e a realidade do mal. Mantem-se atualmente em muitas teologias e em grande parcela do povo cristão, e facilmente se ouve: “Deus poderia eliminar o mal, mas não o faz por razões que não conhecemos”. Aparece aqui outra contradição, pois ao se olhar a manifestação de Deus no todo da Bíblia, percebe-se, na sua amplitude mais genuína, que Deus é radicalmente contra o mal. Se é radicalmente contra, se se opõe ao mal, se ele não o quer de

<sup>86</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 142.

<sup>87</sup> O livro de Jó traz precisamente essa perspectiva. Não resolve o problema do mal, mas garante uma confiança irrestrita nele. “O ponto forte da narrativa é o apelo à confiança existencial em Deus, malgrado a incompreensão insuperável diante do mal vigente na criação. Subsiste, portanto, a ameaça do niilismo e do absurdo, mas a presença de Deus irrompe na vida de Jó, infundindo-lhe sentido e esperança, antes mesmo que se processe a restituição de seus bens. Deus o salva, consola-o, enquanto se comunica com ele. O diálogo com o Senhor permite que Jó rompa o monólogo com o mal, a partir de um eu fechado em si mesmo: ‘Eu te conhecia só de ouvir. Agora, porém, meus olhos te vêem. Por isso, eu me retrato e me arrependo’ (Jó 42, 5-6). A experiência do mal exacerba o problema do sentido, mas não o impede pura e simplesmente. A pergunta pelo sentido da vida, que mescla inevitavelmente bem e o mal, permanece em aberto”(ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodiceia*. p. 93). Vejam que aqui aparece algo interessante. Se o desfecho final é a compreensão de que Deus salva e consola, porque ele não estaria fazendo isso desde o princípio? A nossa compreensão, a partir de Torres Queiruga, é de que ele faz isso desde o princípio, ou seja, que faz isso o tempo todo, dentro de um mundo cuja presença do mal é inevitável. Imaginar a partir de uma ideia errada da onipotência de que ele permite o mal ou que poderia evitá-lo não satisfaz a ninguém. Acima, o autor Estrada, analisa o livro de Jó garantindo a confiança em Deus, mas sem passar pelo resultado da ponerologia, sendo que, assim, sempre permanece no campo da incompreensibilidade do mistério.

<sup>88</sup> “Isto significa que, muito embora não se pudesse, imediatamente, aduzir razões lógicas *próprias* tão convincentes como as opostas, através do rodeio da fé (ela, sim, fundada em outros argumentos, ou de modo direto, ou por confiança nos ‘doutores que tem a santa mãe igreja’), contava-se nada menos que com as *razões do próprio Deus*, quer dizer, com aquelas que, com toda a segurança, mesmo que nos fossem desconhecidas, Deus *tem que ter*, dada a sua bondade e sabedoria. Foi o que expressei, em algumas ocasiões, dizendo que se tratava de uma opção radical que, apoiada no valor supremo da fé e da confiança em Deus, concluía vivencialmente: *pereat logica dum maneat fides*, ‘que pereça a lógica (aparente), contanto que permaneça a fé’”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 143).

forma alguma, então tem que haver uma explicação do porque da existência do mal. E essa explicação não deve estar nas *razões que só Deus tem*, uma vez que suas razões são de não querê-lo de forma alguma. Um Deus que é puro amor infinito, que não exclui absolutamente ninguém, nem mesmo os maus e injustos, que perdoa sem limites, em hipótese alguma pode ser colocado como cúmplice do mal, ou como alguém que o permitisse, *caso fosse possível* impedi-lo. “Partindo dessa visão, o mal aparece *forçosamente* como aquilo que Deus não deseja: se, apesar de tudo, está aí, tem de ser porque *enquanto tal*, não é possível o contrário”<sup>89</sup>. A afirmação de que não é possível o contrário, não afeta a onipotência de Deus. Isso pela contradição da afirmação de que *se Deus quisesse evitaria*.

O resultado da ponerologia nos trouxe a ideia clara da impossibilidade de um mundo sem mal. Logo, a onipotência não é questionada. A afirmação *se Deus quisesse* não tem sentido<sup>90</sup>. A existência e a permanência dos males não anula a onipotência e ao mesmo tempo abre a realidade do amor infinito de Deus. O amor é definitivamente a questão válida aqui, porque ama, se pudesse evitaria, e não simplesmente pelo seu poder. O amor é o decisivo e o móvel da ação.

Na Bíblia são abundantes as afirmações que garantem a compaixão e o amor infinito de Deus. “Uma mulher se esquece de seu filhinho? Não se compadece do filho de suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse, eu não me esquecerei de ti”(Is 49,15). Ainda, “como poderia eu te abandonar, ó Efraim? Como vou te deixar, Israel? (...) Meu coração se revolve dentro de mim. Eu me comovo de dó e compaixão” (Os 11,8). Os caminhos do Deus da bíblia apontam, não para o domínio ou a opressão, mas para o perdão, o cuidado e o amor. Assim, as várias teologias, muito embora não cheguem a coerência racional, remetem à *confiança*<sup>91</sup> em

<sup>89</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 144. Para Torres Queiruga isso é claro e contundente que se pode, de forma paralela, pensar numa mãe que fica a cabeceira da cama cuidando de uma criança e fazendo o possível para acalmar a sua dor, enquanto a criança geme devido à enfermidade. Claro, que a objeção imediata aqui poderia ser de que o que a mãe pode fazer não é o mesmo daquilo que Deus poderia. Essa objeção não é válida devido à ideia de onipotência e de intervenção de Deus, que ficará clara em nosso percurso.

<sup>90</sup> Se partirmos da premissa de que Deus poderia evitar o mal, mas por alguma razão não o faz, então o discurso ficará deformado e dificilmente sairemos das objeções sem “má fé”. O mal sempre será injustificável e não podem existir “razões maiores” para justificar sua presença. Podemos partir dessa reflexão: “Quem de nós, se pudesse, não evitaria os imensos sofrimentos do mundo: as tragédias dos terremotos, os incontáveis padecimentos das guerras, os estragos da fome...? Diante de sua magnitude e irreparabilidade, algo nos diz que nenhuma razão de nenhum tipo pode justificar, *se são evitáveis*, tamanhas ‘pirâmides de sacrifícios’. Mais modestamente: diante do insuportável e já inútil sofrimento de um enfermo de câncer, quem de nós, se pudesse, não o evitaria? Digamo-lo com realismo, um tanto rude mas eficaz, da linguagem comum: admitamos que Deus é, pelo menos, tão bom quanto nós e que ‘se pudesse’, também o evitaria”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 122; TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 151).

<sup>91</sup> “Na Bíblia também aparece a imagem da montanha. Jesus a retoma para nos libertar do fardo de tais imagens. ‘Eu lhes asseguro que se alguém disser a esta montanha: Levanta-se e atire-se no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que acontecerá o que diz, assim lhe será feito’(Mc 11,23). A fé, a confiança de que não estou

Deus, independente das razões teóricas. A via curta da teodiceia da exatamente essa sustentação. Sendo Deus um mistério, a aparente falta de lógica, não afeta a possibilidade de uma confiança absoluta em sua ação amorosa.

### 3.2.2 A “via longa” da teodiceia

Pela conclusão daquilo que se chama de ‘via curta’, percebe-se que este resultado deve ser confirmado e preservado. Contudo, atualmente ele não é mais suficiente, precisa-se, além de uma linguagem que alimente a confiança em Deus, encontrar e propor razões lógicas para a fé. Não é possível a todos, como alude o livro de Jó, firmar-se na proposição de que no final das contas, tudo acabará bem. O mal é vencido e a esperança é confirmada. “Depois Javé restaurou a situação de Jó, enquanto ele intercedia em favor de seus amigos; e Javé aumentou em dobro todos os bens de Jó” (Jó 42,10). Jó em seu caminho passa por provas duras até chegar a essa posição, contudo aceita a realidade de que Deus dá e tira o que ele mesmo deu. Isso implica aceitar tanto o bem, quanto o mal da parte de Deus, por isso Torres Queiruga propõe ir além dessa conclusão, passando para uma “segunda inocência”, o que significa passar pelas objeções e questionamentos feitos pela cultura atual, não se esquivando do rigor crítico, enfrentando o dilema de Epicuro, para chegarmos à verdade entranhável do Deus bom, cujo amor alimenta nossa esperança, apesar do mal. Assim, a “via longa” da teodiceia pretende garantir que Deus é bom, passando pelas objeções da razão e mantendo a coerência do discurso<sup>92</sup>.

A “via longa” da teodiceia desenvolve seu discurso a partir de Deus, por isso a partir da fé e de sua existência salvadora. Contudo, assume o resultado definitivo da ponerologia, qual seja: *o caráter inevitável do mal em qualquer mundo finito*. Isso converte em algo sem sentido a pergunta pela possibilidade de um *mundo-sem-mal* e desmarcara a armadilha<sup>93</sup> do

---

sozinho, mas me relaciono com uma realidade maior, diminui a montanha. Ela perde a dimensão avassaladora que tem para mim; a ameaça que ela deflagrou desmorona. Está é uma consequência da confiança. Todos nós sabemos da fonte de energia que se encontra na confiança em minhas próprias forças, mas na confiança nos outros. Pesquisas neurológicas constataram que uma relação de confiança faz com que os fardos não sejam experimentados com tanta intensidade, ou pode até mesmo derrubá-los”(GRÜN, Anselm. *Jesus para estressados*: imagens poderosas para superar o esgotamento. Trad.: Milton Camargo Mota. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 54).

<sup>92</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 148-149.

<sup>93</sup> A armadilha do dilema consiste exatamente em pensar que é possível e sensato levantar a pergunta sobre a possibilidade de um mundo sem mal. Ou, mais radicalmente, pensar que seria possível existir um mundo sem mal. Desfeita a armadilha, que significa desfazer a própria possibilidade da pergunta, a análise precisa percorrer por outro caminho, que é da inevitabilidade do mal em qualquer mundo finito.

famoso dilema de Epicuro. Nesta perspectiva tudo muda radicalmente. Segundo Torres Queiruga:

Uma vez quebrado o feitiço imaginário do mito ancestral de um paraíso na terra, e repensado com realismo o conceito de onipotência, já se torna possível manter com lógica rigorosa e coerência. A ideia de Deus continua conservando seu mistério inesgotável, porém *nossas* afirmações acerca dela deixam de ser contraditórias, de sorte que os atributos divinos podem ser afirmados em sua plena validade, sem que devam chocar entre si como afirmações inconciliáveis. A consciência de quem crê pode, pois, prosseguir confessando, com explícita legitimidade lógica, sua fé em um Deus que é amor poderoso e poder amoroso, apesar da inegável e dramática presença do mal no mundo criado por Ele<sup>94</sup>.

Essa longa citação traz elementos importantes para avançarmos no discurso. O mito do paraíso inicial deve ser revisto. A onipotência repensada, para que o discurso permaneça com coerência lógica, sem naturalmente, esgotarmos o mistério de Deus, mas sustentando com clareza seu amor e poder criador, apesar da existência do mal.

Ao chegar-se a essas conclusões, Torres Queiruga coloca objeções ao seu próprio discurso. Afirma-se a impossibilidade de um mundo finito sem mal, isso parece ser uma ideia clara e uma convicção que vai se afirmando em todas as pessoas, pela simples constatação da dinâmica das coisas no mundo. A objeção que surge é: percebe-se que o mal existe, mas por que então *tanto mal e sofrimento*? Falando desse modo, mais fundados nos recursos da razão, não se estaria *eliminando o mistério* ou não o respeitando suficientemente? E a objeção mais radical é esta: sustentar-se que a finitude comporta inevitavelmente o mal, *como falar de salvação eterna* e de fim do mal e do sofrimento se os seres criados continuarão finitos?

### 3.2.3 A existência de Deus e seus atributos questionados

Antes de continuar o percurso apresentando a legitimidade do Deus bom apesar do mal, enfrentando as objeções da razão, precisa-se voltar um passo atrás. Diz-se que o discurso da “via curta” precisa ser conservado, porque gera a *confiança* em Deus, mas não consegue atravessar o crivo da crítica moderna. Apresentar-se-á alguns aspectos em que aparece a insuficiência da “via curta”.

Já se disse que, perguntar se Deus pode criar um mundo sem mal, é o mesmo que falar num círculo-quadrado ou na possibilidade de dividir a sala em três metades. As conclusões

---

<sup>94</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 186.

ateístas também não resolvem o problema do mal retirando Deus, pois ao retirarem Deus do discurso, permanecem apenas com o realismo do mal sem solução alguma. Ainda, as teodiceias cristãs que levantam a absurda pergunta de um mundo sem mal, sem perceber a sua armadilha, ficam enredadas num discurso sem solução. Deus está ali, mas de alguma forma continua cúmplice do mal ou impotente, o que nega a experiência bíblica de Deus, como salvador, onipotente e amor sem medidas. Por isso, a pergunta por um mundo sem mal é apenas um *flatus vocis*<sup>95</sup>, palavras ao vento, sem sentido algum.

Na discussão da teodiceia aparece muitas vezes, não só por autores não crentes, o reconhecimento de quão contraditória e até imoral, pode vir a ser a ideia de Deus. Entre definições ateias e respostas de teodiceias cristãs, entra-se num universo amplo de várias faces<sup>96</sup>. Ocorre que a falta de coerência nos argumentos e as contradições, além de questionarem a existência de Deus, questionam sua bondade e todos os seus atributos.

Um dos primeiros atributos questionados é a da *onipotência* divina<sup>97</sup>. Se Deus quer cuidar de todas as coisas e não pode, tem-se que dizer que ele é menos poderoso do que a outra causa que o faz não poder cuidar, e dizer que há uma causa maior que ele não é possível, porque isso vai contra aquilo que Deus é. Nisso, Deus seria limitado e não onipotente<sup>98</sup>.

---

<sup>95</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 151.

<sup>96</sup> Georg Büchner lamenta: “Porque sofro? Isto é a rocha do ateísmo”. Fiodor Dostoievski, diante do sofrimento do inocente, onde o patrão manda seu cão esfaquear uma criança diante da mãe, desaba dizendo que toda ciência do mundo não vale as lágrimas dessa pobre criança implorando a Deus. Não é que eu não aceite Deus, mas lhe devolvo com maior respeito o meu bilhete para a entrada no céu. Albert Camus traduz a reação do agnóstico diante da má teologia do religioso afirmando que se recusaria até a morte de amar uma criação em que as crianças sejam torturadas. Nietzsche traz o sarcasmo de Stendhal onde diante do mal a única desculpa de Deus de não eliminá-lo, se pudesse fazer, é de que Ele não existe. Mesmo a ironia de Sartre parte da nebulosa ideia teológica de que Deus até poderia, se o quisesse, mas... . Grandes teólogos como Romano Guardini não questiona o pressuposto da pergunta da possibilidade de um mundo sem mal e não tira as consequências necessárias. Afirma que diante de Deus, no céu, faria também ele muitos questionamentos. Porque a liberdade com o pecado? Porque essa carga excessiva imposta pelos sofrimentos? Porque –meu Deus – a culpa? Johann Baptist Metz diz que fez em oração a pergunta do porque do sofrimento. Karl Ranher, num trabalho que já sai com o título “porque Deus *permite* o sofrimento?”, afirma que Deus poderia ser culpável diante de um tribunal humano e fala da incompreensibilidade de Deus e do mal. Bento XVI na visita a Auschwitz levanta a pergunta sobre porque Deus teria ficado calado e porque tolerou tudo isso (Cf. *Ibidem*, p. 151-156).

<sup>97</sup> Quando falamos de onipotência, de longe, podemos usar a imaginação livre para falar qualquer coisa possível a partir dela. A onipotência pode fazer algo que é coerente com a realidade e a possibilidade de pensar. Torres Queiruga comentando F.J. Tipler afirma: “Partindo da própria consideração da ciência física, ele julga ‘logicamente impossível’ um mundo sem mal; e, para torná-lo mais intuitivo, aduz a ‘falácia do colegial’, que soa assim: ‘Se Deus é onipotente, então poderia fazer uma pedra tão pesada que nem mesmo ele seria capaz de levá-la. Mas se nem mesmo ele consegue levá-la, então não é onipotente!’ Ao que responde, com toda razão: ‘A onipotência de Deus não está limitada pela habilidade humana de dizer asneiras. A onipotência de Deus quer dizer somente que ele pode realizar qualquer coisa que não seja logicamente impossível’”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 224-225).

<sup>98</sup> Alguns autores fazem afirmações, que, às vezes, parecem fracas de sentido. Juan Antonio Estrada afirma: “Não se trata de uma criação perfeita e consumada, nem tampouco de um mundo caótico. Deus estabelece limite para o caos, mas não o elimina”(ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodiceia*, p. 91). Que racionalidade

Torres Queiruga cita Pierre Bayle, analisando a onipotência a partir do pecado de Adão. Se Deus previu tal pecado e o pudesse ter evitado e não tomou as medidas necessárias para fazê-lo, então carece de boa vontade para com a humanidade. E se fez tudo o que podia para evitar esse pecado e mesmo assim não o evitou, então não é todo poderoso. Também Voltaire diante da percepção do mal físico não evitado, claramente nega a onipotência. “Quando o único recurso que nos resta para desculpá-lo (a Deus), é confessar que seu poder não pôde triunfar sobre o mal físico e moral, certamente eu prefiro adorá-lo como limitado que como mau”<sup>99</sup>. Claro que esse posicionamento vai deslizando sempre mais na direção do ateísmo, pois para uma cultura monoteísta um *deus-limitado* converte-se imediatamente em um *não deus*.

A teologia não se esquivando totalmente desse embate da filosofia, também oscila entre o poder e a bondade. A teodiceia atual prefere questionar um pouco o poder ou mitigá-lo, pois questionar a bondade seria muito forte para a fé. Claro, que como já citado, em muitos momentos preferiu-se questionar a bondade, optando, ao mesmo tempo, por amor e castigo, do que questionar o poder. Hans Jonas, por exemplo, diante de Auschwitz, reconhece que nós “não podemos sustentar a velha doutrina (medieval) de um poder divino absoluto e ilimitado”<sup>100</sup>. Nisso escorrega para certa ideia “esotérica” cabalista em que Deus limita sua infinitude e onipotência<sup>101</sup> para dar lugar às criaturas. Mas a consequência é clara e não tem

---

está por traz dessa afirmação? Deus faz o mundo, mas não o faz perfeito ainda. Estabelece limites para o caos, mas não elimina o mal. Limita, mas não elimina? Ao invés de analisar a partir do que se sabe objetivamente, esta afirmação parece dizer o que Deus faz, sem saber. Faz isso, mas não faz tudo. A partir do que se firma uma linguagem desse tipo? Essa linguagem sugere mais um jogo de Deus, brincando com a humanidade que sofre o mal do que outra coisa. Afirmações teológicas nesse sentido não ajudam em nada. Se não fossem feitas criariam menos confusão. Continuando, afirma: “Poder-se-ia ir além do próprio texto e afirmar que Deus *ainda* não é onipotente no mundo, pois nem tudo está submetido a ele. A criação é um plano divino, e o mal simboliza aquilo que ainda oferece resistência a Deus. Descortina-se o horizonte de uma criação que não chegou à consumação. A onipotência e a bondade de Deus possibilitam o futuro, mas a superação do mal depende também da obra do homem, integrada com a ação divina contra o mal” (ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodiceia*, p. 92). Vejam: será Deus não onipotente ainda, ou será uma compreensão inadequada da onipotência de nossa parte? Que sentido, que racionalidade existe na afirmação de que Deus não é onipotente ainda? Quando ficaria? Somente na consumação de sua obra? Agora é limitado? Mas que Deus é esse? Ainda, quando afirma que o mal depende também da obra do homem surgem outras perguntas: Certo que o ser humano é co-criador e ajuda na luta contra o mal, mas sem ele o mal não seria vencido? Deus não seria forte o suficiente para vencer o mal? Dependeria ele do ser humano? Se a vitória definitiva sobre o mal se dá somente na consumação dos tempos, essa consumação depende tanto assim do ser humano ou é dom de Deus, do seu poder e do seu amor? Aqui se percebe como algumas afirmações abrem o campo ilimitado das perguntas, que na maioria das vezes, nos conduzem ao campo ilimitado das respostas. A perspectiva de análise do problema do mal precisa passar, portanto, por outros caminhos.

<sup>99</sup> VOLTAIRE *apud* TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 158.

<sup>100</sup> HANS JONAS *apud* TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 158.

<sup>101</sup> “Como explicar que um pensador como Jonas, tão cômico da problematização racional quanto da análise conceitual, conceda, quase de repente, um espaço tão grande à imaginação e admita uma especulação a tal ponto pessoal que ela corre o risco de subjetivismo? Com efeito, ao propor o mito de um Deus impotente (inspirado pela cabala) que precisamos, nós os homens, salvar, Hans Jonas poderia comprometer sua reputação de pensador rigoroso. Este foi, aliás, o medo de sua esposa Lore no momento de escutá-lo pronunciar essa conferência. O filósofo aspirante à universalidade cederia, então, a vez ao homem judeu, forçado ao exílio da Alemanha pela

como evitá-la: “Mas Deus calou. E então digo eu: não interveio, mas não porque não o quisesse, e sim porque não o pôde. Este não é um Deus onipotente”<sup>102</sup>.

Um segundo questionamento está relacionado a ideia de um “deus” sofredor. A compreensão de que Deus também sofre é simpática em algumas teologias<sup>103</sup>. Isso porque se compreende que é complicado defender uma apatia de Deus ou uma indiferença com nosso sofrimento. Esse discurso, porém, tem o perigo oculto de uma finitização de Deus ou ainda de excessivo antropofornismo. Ocorre, que esse discurso não consegue enfrentar a prova da coerência. Embora Deus seja “mistério”, dizer que sofre, que é limitado entra na contradição Infinito-finito. Colocar *sofrimento* em Deus, embora seja um termo carregado de sentimentalismo emocional, longe de solucionar o problema da criatura o agravaria.

Outro elemento questionável diante do problema do mal é a *bondade* de Deus. Diante da excessiva presença do mal no mundo houve discursos que defenderam um deus-mau. Só que isso equivale à própria negação de Deus. Foi comparado a um pai que deixa seu filho quebrar os ossos para depois curá-lo. A sombra que paira sobre o discurso de um deus-mau leva a negação de Deus. “Com efeito, negar a Deus porque, se existisse, não poderia consentir o mal no mundo equivale a afirmar que, no caso de consenti-lo *podendo* evita-lo, seria um deus-mau”<sup>104</sup>. Esse é praticamente um argumento similar ao da onipotência. Ou se nega a onipotência, aceitando um deus fraco ou se diz que é mau, uma vez que podendo evitar o mal, não o faz. O discurso de um deus-mau nos faz ter cautela com algumas imagens de Deus que construímos, pois levadas a clareza da coerência podem desembocar na negação de Deus.

Outro ponto a ser considerado é o *recurso ao dualismo*. Nesse aspecto entra a questão do *demônio*. Maurice Nédoncelle qualifica essa teologia de preguiçosa, oscilando entre a filosofia e o mito. No rigor da coerência não é possível postular a existência de dois absolutos.

---

ameaça de Hitler, marcado pela morte de sua mãe nos campos de concentração e inspirado por seu amor pelos sermões proféticos, a ponto de dar livre curso a uma imaginação capaz de produzir «fantasias» de teor teológico, mas incapaz de inspirar a confiança, fosse de natureza religiosa (é a fé do crente) ou de ordem racional (é crença moral do filósofo). Aliás, o próprio Jonas fará valer o caráter privado dessa especulação, que não pretende nem inspirar uma conversão nem conduzir infalivelmente a uma adesão racional” (JONAS, Hans. *O conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia*. Trad.: Lilian Simone Godoy Fonseca – São Paulo: Paulus, 2016, p. 8-9).

<sup>102</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>103</sup> Dietrich Bonhoeffer no seu testemunho martirial afirma que só um Deus sofredor, um Deus impotente e fraco pode nos salvar. Karl Ranher alertando ao perigo dessa compreensão diz que de nada adiantaria a miséria e fraqueza do ser humano um Deus igualmente fraco e miserável. Xavier Tilliette chamou atenção para a tendência do antropomorfismo, onde a partir da experiência humana, declaramos a impotência de Deus. Johann Baptist Metz também pede cautela nesse ponto questionando se acrescentar o sofrimento a Deus não seria desconhecer a diferença de Deus duplicando o sofrimento humano e a impotência humana (Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 161).

<sup>104</sup> Ibidem, p. 164.

Isso é contraditório. Kant já havia questionado essa teologia perguntando de onde vem o mal daquele espírito e porque Deus não se vale de seu poder contra esse traidor. O recurso à liberdade das criaturas não resolve o problema de princípio. Se o anjo livre, nega a Deus e se torna protagonista e raiz dos males do mundo, um Deus que poderia evitar essa negação, embora não o fizesse pelo respeito à liberdade, mesmo assim não escaparia de certa responsabilidade e cumplicidade. Esse argumento se mantém na linha do permite. Algumas teologias ainda tendem a introduzir no interior de Deus certo dualismo, incoerente e contraditório, obscurecendo a revelação do Deus amor de Jesus.

Há posições que aludem aos lados “obscuros de Deus” projetando nele os lados sombrios do ser humano. Essa visão aparece em discursos que abordam a “ira de Deus” e a cruz de Cristo. A defesa da *ira de Deus*, a partir da bíblia, entra num fundamentalismo anacrônico muito grande. Sabe-se que na bíblia aparecem inúmeras passagens em que o mal é projetado sobre Deus, responsabilizando-o. Isso todos precisam aceitar. Porém, segundo Torres Queiruga, “outra coisa muito diferente é pensar que tais afirmações ‘retratam’ o verdadeiro *ser* de Deus e não sejam simplesmente *falsas projeções imaginativas* sobre Ele, condicionadas por uma revelação ainda a caminho”<sup>105</sup>. Essa revelação a caminho necessita de uma rigorosa e exigente hermenêutica. Não dá para apoiar-se em citações bíblicas literais e justificar a ira infinita de Deus. A reflexão sobre a cruz também levanta alguns questionamentos. Ela, pode-se dizer, é a melhor prova que temos na história, da inevitabilidade do mal, como oposta ao amor infinito de Deus. Lutero a partir da ira de Deus compreende que essa ira precisa ser “satisfeita por Cristo”, que a padece na cruz, pagando assim a Deus – ou ao demônio – pelo nosso pecado. Dizendo de outra forma, Deus é irado. A cruz de Jesus é o pagamento para acalmar essa ira de Deus, e por essa ira, mediante os pecados, deve-se pagar. Cristo pagou por nós<sup>106</sup>. Essa compreensão choca apenas a mentalidade moderna mais sensível. A grande maioria dos cristãos pelo costume de sempre ouvirem que Deus pagou nossa culpa, morreu por nossos pecados, aceitam sem questionamentos essas afirmações, o que contradiz a verdade fundamental do amor de Deus. Se Ele é amor e nos salva porque ama, e não porque nós somos bons, então por que necessitaria da morte do Filho para acalmar sua ira e perdoar os pecados? O amor Dele é

---

<sup>105</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 167.

<sup>106</sup> Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *O Deus Crucificado*, p. 140-148.

gratuito. Isso significa que não precisa de nada para compensar esse amor. Nem de ofertas e nem holocaustos, menos ainda do próprio Filho<sup>107</sup>.

Por isso, a reflexão sobre a cruz entra aqui numa outra perspectiva de compreensão. A cruz não foi querida pelo Pai, mas imposta pela livre maldade humana e não evitada por causa da inevitabilidade do mal, própria da condição de finitude do mundo e do próprio Jesus. Se continuar pelo enfoque tradicional. Poder-se-ia perguntar: por que Jesus foi o pagamento a Deus pelo mal no mundo, se Deus em seu poder tinha possibilidade de evitar esse mal desde o início?<sup>108</sup> Percebe-se como essa perspectiva gera sempre novas perguntas, muitas sem sentido – o que estão resolvidas por si mesmas – e outras partindo de pressupostos que levariam a respostas insolúveis. Seria como um Deus que constrói um hospital e ao mesmo tempo cria os doentes. Salva a todos, mas não sem o sacrifício de um, do seu próprio Filho. Pai bondoso com toda a humanidade e malvado e tremendo com seu Filho.

Um último aspecto da reflexão sobre os atributos de Deus é a *incompreensibilidade*. Não se pode negar a bondade de Deus e nem sua onipotência. Diante da dificuldade, a saída é rumar na direção da incompreensibilidade<sup>109</sup>. Deus é incompreensível e na intimidade mesma dessa realidade harmoniza-se a bondade, o poder e a realidade do mal. Claro que essa alternativa é possivelmente introduzida demasiadamente cedo<sup>110</sup>. O que sempre se faz é não

---

<sup>107</sup> “Porque, como bem se sabe, a teologia do Novo Testamento, especialmente a de São Paulo, apresenta a morte de Cristo como o ‘sacrifício expiatório’ de que Deus necessitou para poder perdoar nossos pecados (Rm 3, 25-26; 4,25; 1Cor 15, 3-5). Dá medo pensar assim, mas na realidade, quando dizemos isso, estamos afirmando que Deus necessita de sangue para perdoar. Daí decorre a quantidade de textos em que se diz (como já recordei no capítulo 2 deste livro) que Jesus foi entregue à morte por nossos pecados (Rm 5, 6-8; 8,32; 14,15; 1Cor 1,13; 8,11; 2Cor 5,14; Gl 1, 4; 2,21; Ef 5,2). Já o disse mais de uma vez e não cansarei de repeti-lo: se o que se diz nessas passagens for levado a sério e até suas últimas consequências, nos vemos forçados a defender que o Deus que cremos é um ‘Deus vampiro’, um Deus que necessita de sangue e de morte para amar. Um Deus sobre o qual continua sendo verdade a estremeceadora afirmação da *Carta aos Hebreus* segundo a qual ‘sem derramamento de sangue não há perdão’ (Hb 9,22)” (CASTILHO, José Maria. *Jesus*, p. 425-426).

<sup>108</sup> Embora se diga que a cruz é a *identificação* de Deus, em Jesus, com o sofrimento e a morte do ser humano, sentido valoroso para a “via curta” da teodiceia, pela “via longa” essa pergunta desperta a insuficiência da resposta. Jesus paga por todo o mal no mundo, mas porque esse mal não foi evitado previamente? (Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 170).

<sup>109</sup> “Tendo em conta que ao falarmos do Deus da Bíblia não podemos negar “nem a *onipotência*, pois ‘a Bíblia atribui a Deus, o Criador, o poder de realizar seus desígnios’, nem a *bondade*, pois ela é a nota essencial do Deus bíblico, como se manifesta na compaixão de Jesus, já que, por intermédio dele ‘era a compaixão do próprio Deus que aparecia mesmo no mais profundo do mal’. Desse modo, a força da alternativa é tão evidente que, para escapar dela, vê-se obrigado a recorrer à *incompreensibilidade*” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 171).

<sup>110</sup> Torres Queiruga cita Jean Pierre Jossua que ao abordar o problema chega a uma esquematização fundamental. “Definitivamente, trata-se do ‘choque entre os atributos de bondade, poder e compreensibilidade’. Levando em conta o Deus da Bíblia, ele afirma que não podem ser negadas nem a *onipotência*, pois a ‘Bíblia atribui a Deus, o Criador, o poder de realizar seus desígnios’ (p.69), nem a *bondade*, pois é a nota essencial do Deus bíblico, como se manifesta na compaixão de Jesus, já que através dele ‘era a compaixão do próprio Deus que se fazia ver mesmo no mais profundo do mal’ (72-73). Mas então a força da alternativa torna-se tão evidente que, para escapar dela, se vê obrigado a recorrer à *incompreensibilidade* divina. O que, evidentemente, é justo em si

criticar suficientemente o pressuposto de que “Deus poderia”, mas “não o faz”. Não fazendo isso se entra inevitavelmente em contradições. Alguns defendem por certo que Deus poderia ter evitado os horrores do gueto de Varsóvia, aludindo até mesmo a um castigo divino, e teria sido o tempo incompreensível em que o Todo-poderoso desvia seu olhar dos que lhe suplicam. Claro que aqui, o dilema se recupera com toda a força e não haveria como preservar a onipotência sem negar bondade. Negando a bondade, chega-se a afirmar que Deus age com crueldade ou em alguns momentos imprevisíveis ao longo da história divino-humana faz o mal<sup>111</sup>. Claro que todo o fiel sensato não suporta a afirmação de que Deus é um criminoso e que não é bom. Logo depois, porém, essa bondade entra na esfera da incompreensibilidade, em que se sabe pouco como concebê-la. Assim sendo, percebe-se que afirmar a bondade nega a onipotência, afirmar a onipotência nega a bondade e preservar a bondade e a onipotência juntas leva a incompreensibilidade.

### 3.3 O PROBLEMA DO ATEÍSMO

O ateísmo é uma realidade que pode ser reforçada por uma fé contraditória. Porém, não dá para pensar que uma exposição clara e coerente da fé e do cristianismo eliminaria o ateísmo. Ele é uma possibilidade da liberdade humana e habita dentro da falibilidade radical que nos acompanha. A pergunta que podemos fazer é esta: se Deus existe e seu interesse é somente salvar-nos, por que tantas pessoas o negam ou até o consideram como um inimigo? Não se pode contentar em dar uma resposta rápida a essa questão. Precisa-se fazer um esforço de compreensão, e esse esforço tem duas dimensões. A primeira é dar uma resposta teórica, e a segunda é buscar o contato com a experiência, sendo que essa interessa mais. Debates teóricos, naturalmente, são importantes e sempre vão acontecer, contudo é no nível da experiência e das intuições profundas que se decidem muitas atitudes e crenças.

A fase da discussão teórica refletia sobre as causas do ateísmo, especialmente na cultura do Ocidente. Por um lado, via-se a crise da sociedade como consequência do abandono de Deus e por outro, via-se o ateísmo como consequência inevitável do progresso da história e avanço da cultura, claro que os dois extremos não traduzem a verdade.

---

mesmo, *sempre que essa incompreensibilidade não seja introduzida muito depressa*, como consequência de deixar sem pensar o pressuposto fundamental: o de um Deus que *poderia*, mas não quer. Jossua não o diz tão claramente, mas o dá sempre por suposto, e por isso precisa situar *já ai* o ‘mistério’”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 201).

<sup>111</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 172-173.

Na etapa inicial da discussão teórica a tendência foi de choque frontal. A defesa do cristianismo concebia o ateu como um malvado pelo fato de não crer em Deus. O ateísmo, por sua vez, acusava o cristianismo pelo atraso, opressão e obscurantismo da humanidade. Atualmente, sabe-se que essas posições são exageradas, pois não é o ateísmo ou a crença em Deus que garante a bondade e honestidade da pessoa. Tem-se uma mistura de comportamentos em todos os ambientes e posicionamentos. Podem existir pessoas que confessem a Deus e o neguem com suas atitudes e pode haver pessoas que o neguem na convicção teórica, mas o manifestem implicitamente no comportamento, no seu jeito de ser<sup>112</sup>.

Deslocando-se para a experiência, conviria perguntar sobre o que move o ateísmo, ou seja, quais as razões mais presentes para decidir-se ser ateu? A resposta a essa pergunta pressupõe a análise da concepção de dois mundos e o choque entre eles: o Mundo Medieval e a Idade Moderna. O renascimento produz uma redescoberta da dignidade do ser humano. Fala-se do humanismo, do conhecimento de si mesmo. A natureza pode ser conhecida pelo homem. Nasce a ciência que provoca uma enorme revolução no mundo. As descobertas geográficas possibilitam uma ampliação geográfica da terra e a astronomia traz uma nova visão da estrutura e dimensão do universo. O pensamento se torna crítico, causal, histórico e prático e o ser humano se situa de outra forma diante do universo. Nasce uma nova sensibilidade, uma nova cosmovisão. Vai surgindo à tensão de choque entre paradigmas.

A fé como não vive em “estado puro”, acima das concepções de mundo e alheias a elas, também sobre questionamentos e fica envolvida nesse processo. A fé estava assentada no mundo fundamentado nas concepções da Patrística e Escolástica. O mundo novo que emergia não conseguiu ser assimilado pela velha cristandade. Isso favoreceu o ateísmo. O novo mundo que surgia forçava o cristianismo a uma transformação para continuar válido. Claro que uma coisa é a fé como *experiência* e outra *sua interpretação* em determinado contexto cultural. As descobertas científicas obrigavam a uma nova *interpretação teológica* da fé e não uma mudança na experiência em si.

---

<sup>112</sup> “Uma ideia que, aliás, não tem nada de novo: ‘Nem tudo o que diz: Senhor, Senhor! Entrará no Reino dos céus’, já diz o Evangelho de Mateus (7,21). Compreende-se muito bem desde o princípio que o decisivo não é a cabeça, mas o coração. As ideias estão muito condicionadas pelo ambiente, a educação, os mal-entendidos, a pressão social... Mais do que negar Deus, o que muita gente nega é *uma ideia de Deus*: devido à sua concepção teórica do mundo, sua experiência vital os seus encontros com pessoas religiosas, *pensa* que não pode aceitar Deus, que este não existe ou que seria prejudicial para o homem. Mas isto não significa que muitas vezes, na hora de viver, de situar-se fundo diante dos outros e de construir decisivamente sua existência, não esteja respondendo ao chamado profundo de seu ser e, nesse chamado, a esse Deus que em teoria se vê levado a negar”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 15).

O iluminismo, por exemplo, forçou a uma *nova leitura da Bíblia*. Ela não era mais um livro “ditado por Deus”, mas escrito por muitas mãos e nos mais variados contextos e épocas. Antes disso se concebia a Bíblia com nada literalmente falso ou que tivesse que se interpretar. Aplicaram-se métodos histórico-críticos a Bíblia, confrontando seus dados com os dados mais seguros da história profana, fazendo a leitura literal tornar-se impossível e levar ao absurdo. Os evangelhos também foram submetidos aos mesmos métodos de compreensão. O impacto disso foi tão grande que muitos pastores na Alemanha não sabiam mais o que pregar e muitos seminaristas voltaram para casa<sup>113</sup>.

Entre o movimento da negação da verdade da Escritura e da defesa da literalidade, também houve um processo de revisão da interpretação da fé na revelação bíblica assumindo os dados das descobertas da modernidade. Foi tarefa de muita coragem reestudar a Escritura e repensar sua compreensão. Dali nasceu à crítica bíblica autêntica.

Assumida com honestidade – não sem seus mártires – e feita dentro do cristianismo, trouxe consigo a renovação não só de nossa ideia da revelação e da inspiração, mas também de nossa imagem de Deus e de Cristo e, em suma, de toda a teologia. A fé na revelação bíblica teve de despojar-se de seu velho paradigma interpretativo para revestir-se do que lhe impunha a nova cultura<sup>114</sup>.

A compreensão da Bíblia saiu fortalecida e purificada desse processo. Tornou-se, justamente mais “divina” porque mais “humana”. Não se tratava de modificar Deus e nem a fé em Deus, mas sim modificar nossa imagem de Deus, as ideias que construímos acerca Dele<sup>115</sup>. Também não se tratava de negar a inspiração da Bíblia e nem a revelação, mas rever

---

<sup>113</sup> “Tratava-se de um caso típico de ‘choque de dois paradigmas’ que afetava o próprio núcleo do cristianismo. A maneira literalista de ler a Bíblia não queria aceitar os novos dados, porque, de entrada pareciam negar a inspiração e a revelação; em suma, o caráter divino da Escritura. Por sua vez, muitos dos que aceitavam os novos descobrimentos partiam do mesmo pressuposto: tinha-se de negar a Escritura, porque estava caduca e não era compatível com a cultura. Uma alternativa nada hipotética, porém muito real, sofrida por muitos em carne viva. Foi talvez a crise mais profunda da teologia no mundo ocidental”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 28).

<sup>114</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>115</sup> Se pensarmos, por exemplo, no livro de Jó perceberemos, pelo menos, uma evolução e um limite. A evolução da imagem de Deus – que, porém, está ainda muito longe da alcançada pelo Abbá de Jesus – reside na superação do “fundamentalismo” deuteronômico, que moralizava o mal até o extremo. O infeliz o é por sua culpa; onde há mal, há pecado castigado, argumentam os amigos. O autor de Jó consegue romper essa falsa evidência, por isso, no final do livro, Deus não dá razão aos amigos. Mas esse resultado é ainda insuficiente. Por isso, que a revelação está a caminho. O limite está no fato de Jó, simplesmente, acalmar sua queixa e silenciar diante da grandeza obscura e incompreensível da onipotência. Jó ainda não era uma figura cristã. Não dá o passo de entrega ao abismo de luz e amor que, depois, Jesus vai manifestar. Sua queixa, sem essa entrega, por vezes, torna Jó melhor que Deus. Carl Gustav Jung chega a afirmar que Jó ficou num nível moral maior do que Iahweh. Isso é repetido por Ernest Bloch, quando diz que um homem pode ser melhor, comportar-se melhor do que seu Deus. Alguns, nessa rebeldia, passam a falar na necessidade de “perdoar Deus”. José Saramago ao falar de Jesus na cruz, que grita contra Deus, sugere aos homens que o perdoem, porque ele não sabe o que fez. Por isso, essa legitimação das queixas humanas contra Deus deve ser revista. Queixar-se a Deus de que? Lamentar porque Ele

nossa concepção de inspiração e de revelação. Deus precisa ser sempre maior do que nossas ideias sobre Ele.

Voltemos, pois a pergunta sobre o que reforça o ateísmo. O ateísmo vê-se obrigado a rejeitar Deus porque tem a impressão de que a religião e, dentro dela, Deus impede o desenvolvimento de uma autêntica e plena humanidade. A convicção difusa é de que a afirmação de Deus nega o homem. Ludwig Feuerbach declarou que “para enriquecer a Deus, deve-se empobrecer o homem; para que Deus seja tudo, o homem deve ser nada”<sup>116</sup>. A partir desse horizonte de compreensão Deus não é um aliado da humanidade, mas o seu vampiro. Na esteira disso, é claro, a religião é inimiga do homem moderno, travando seu progresso, sua autonomia e sua felicidade<sup>117</sup>. Se Deus se mostra como salvador da humanidade, deve haver razões para esta postura ateia. Independente do otimismo provocado pela nova visão de mundo da modernidade que criou por si muitos ateus, da tendência a auto-absolutização humana, bem como do narcisismo e da vontade de poder, o ateísmo se deveu também a postura das igrejas. As igrejas se colocaram contra as descobertas da modernidade. “A ciência astronômica e a revolução biológica, a filosofia do sujeito e a história crítica, a revolução social e a psicologia se chocaram muito com ideologia eclesial”<sup>118</sup>. A religião se opunha a nova onda que trazia maior liberdade individual, social, científica, política e religiosa.

Esse movimento faz com que o ateísmo não seja primeiro uma negação de Deus, mas uma preservação do homem. O ser humano queria acesso à maioria. Se a religião se opunha a essa nova experiência, dava a impressão de querer negar ao homem a conquista das possibilidades descobertas. Por isso, para Torres Queiruga “o ateísmo surge para nós como ‘negação da negação’, isto é, como luta contra todos aqueles fatores que – com ou sem razão – pareciam negações do humano”<sup>119</sup>. Essa crítica do ateísmo faz ver, não antes de tudo, negativamente a ofensa a Deus que essa atitude provoca, mas o positivo que se está buscando para o ser humano. Ainda, torna-se um impulso para a fé para perseguir a necessidade de purificação de nossa concepção de Deus. Se a fé evangélica chama a uma liberdade adulta e

---

só sabe amar? Queixar-se a partir da ideia errada de que ele poderia resolver tudo, sem dar-se ao trabalho de, simplesmente, nós revermos essa ideia? Dizer que é uma necessidade antropológica queixar-se a alguém, mas fazer essa queixa a partir de uma mentira, ou uma imagem distorcida de Deus? Uma coisa é lamentar a dor e outra, bem diferente, é atribuir a Deus a causa dessa dor ou a culpa de não eliminá-la (Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 229-234).

<sup>116</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La esencia del cristianismo*. 1975, p.73.

<sup>117</sup> “Se o homem nega a Deus, tem de haver uma razão, que, em última instância, consiste em crer que Deus o prejudicaria. Não se precisa de mais nada. Se uma pessoa é ateia, é porque no fundo lhe parece que vive mais feliz se Deus não existe” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 31).

<sup>118</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 31.

<sup>119</sup> *Ibidem*, p. 35.

não de dependências, renunciando às próprias concepções para “deixar Deus ser Deus”, para respeitar a fé e o próprio Deus, torna-se necessário fazer esse processo de revisão da nossa imagem de Deus, assumindo as descobertas e valores da modernidade.

Para Torres Queiruga esse embate de posicionamentos entre ateísmo e cristianismo traz elementos positivos<sup>120</sup>. O cristianismo deve aceitar com serenidade a crítica do ateísmo para que este aceite a crítica do cristianismo. Para nosso autor “nada ajudou mais que a crítica moderna da religião a redescobrir algo fundamentalíssimo na experiência cristã de Deus: que sua revelação e sua presença em nossa história não têm outro sentido senão a nossa salvação”<sup>121</sup>. A salvação entendida aqui, não simplesmente com salvação eterna, além desse mundo, mas afirmação positiva de tudo o que é humano e a negação de toda e qualquer atitude ou palavra que negue, diminua ou ofenda a dignidade humana<sup>122</sup>. Isso está na linha daquilo que Santo Irineu já afirmava, isto é, que a glória de Deus é que o homem viva em plenitude. A sensibilidade atual, reflexiva e aberta tende a dissolver a distância entre ciência e religião, percebe-se então que Deus é a afirmação do humano e não sua negação. Isso significa que o mal-entendido da modernidade em que Deus apareceu, através da postura da igreja, como o rival ou inimigo do homem, está, aos poucos, sendo superado.

---

<sup>120</sup> Juntamente com os elementos positivos há os limites. Hegel denunciou esses limites bem no começo. “A negação da Transcendência com a intenção de afirmar o homem, o que realmente fez foi privá-la de sua profundidade, afixando seu espírito em um pragmatismo superficial que ameaça reduzi-lo a puro objeto. Para um olhar em profundidade, todos os esforços a fim de absolutizar o homem não conseguiram esconjurar o fantasma do *niilismo*: a ‘morte de Deus’ aparece como que arrastando inevitavelmente a ‘morte do homem’. (...) as experiências que pareciam assegurar a *autonomia* do homem o ameaçam com a mais radical *heteronomia*. Por trás da ciência e da técnica levanta-se o espectro da ruína ecológica e do holocausto atômico. Os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade, que deveriam fazer de todo homem um *cidadão*, foram açambarcados pelo ideal *burguês*, que proclama sua autonomia sobre a fome e a exploração de duas terças partes da humanidade”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 40).

<sup>121</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*, p. 38.

<sup>122</sup> Essa compreensão básica possibilita uma cultura do encontro. Encontro entre pessoas que podem possuir crenças diferentes, culturas, cores e ideologias diferentes, mas na defesa do humano, todos se encontram. A cristologia de José Maria de Castilhos clareia de forma brilhante esse pensamento. “Quando se privam as pessoas de seus direitos baseando-se em argumentos obtidos da teologia, o que na realidade se faz é pretender demonstrar que o poder divino, precisamente por apresentar-se como ‘divino’, se considera autorizado a anular ou diminuir qualquer poder ‘humano’. (...) O que chama a atenção, em todo esse assunto, é que a quase todas as pessoas que tem crenças religiosas lhes parece inteiramente lógico e ‘como tem que ser’ que, invocando a vontade de Deus ou de Jesus Cristo, se negue a alguém os direitos que lhe correspondem como cidadão. (...) Uma pessoa, motivada por suas crenças religiosas, pode renunciar a seus próprios direitos. Porém, jamais uma *instituição*, legitimada por supostos poderes de *outro mundo*, pode privar alguém dos direitos que lhe correspondem como cidadão *deste mundo*” (CASTILHO, José Maria. *Jesus: A humanização de Deus*, p. 366-367).

### 3.4 PARA ALÉM DE EPICURO: NOVA IMPOSTAÇÃO DO PROBLEMA

As conclusões a que se chega até agora, ajudam a dar uma nova imposição ao problema do mal. Através da ponerologia<sup>123</sup>, chega-se à tese da inevitabilidade do mal dentro de qualquer mundo finito. Isso desfaz a ideia trazida pelo mito do paraíso inicial, em que houve um mundo perfeito que se tornou imperfeito. Se o mal é inevitável, significa que sempre foi assim e pensar que houve um momento em que ele não existiu, entra apenas no nível da imaginação. Não há como provar que houve um momento, na criação finita, em que o mal não existiu, mas também não há como provar que existiu. Porém, a segunda hipótese é muito mais razoável, porque pensar que o pecado tenha alterado todo o sistema da criação de Deus é demasiadamente exagerado. Isso, além de ser contraditório, o perfeito tornar-se imperfeito, fere a própria imagem de Deus e do ser humano, atribuindo aos dois, responsabilidades próprias da condição finita do mundo.

Assim, percebe-se que se não mudar os pressupostos de compreensão, tende-se ou a eliminar a onipotência em vista da defesa da bondade, ou relativizar a bondade em vista da defesa da onipotência. Manter as duas, sem mudar os pressupostos, é entrar na dimensão da incompreensibilidade ou descansar apressadamente no mistério, caminho mais comum da reflexão teológica. Uma vez que Deus é mistério não se titubeie em acomodar nossas incompreensões nessa realidade. Claro, que atualmente, se a reflexão teológica levar a sério a necessidade de atualização dentro de uma cultura secularizada, precisa colaborar para levar o discurso ao máximo até onde alcança a razão.

Diante disso, percebemos que a pergunta ‘porque Deus, podendo fazê-lo, não criou um mundo sem mal ou porque não elimina o mal no mundo’ é uma pergunta sem sentido. Não tendo sentido, se desfaz a razão de fazê-la. Para Torres Queiruga a pergunta verdadeira para fazer-se é: “Por que Deus, sabendo que se criasse o mundo, este seria inevitavelmente um

---

<sup>123</sup> “O realismo da ‘ponerologia’ não só abriu o espaço igualitário para as distintas ‘pisteodicéias’, mas conseguiu algo decisivo: minar na base o dilema de Epicuro. Isso porque, mudando a formulação do problema, põe a descoberto os pressupostos tradicionais, permitindo detectar onde reside a armadilha lógica. Concretamente, aparece com clareza em seu caráter de *pré-conceito* – isto é, de assunção acrítica e não examinada – o pressuposto fundamental sobre o qual descansava todo a força do dilema: que o mundo poderia ser perfeito. (...) Todavia, se um mundo-perfeito é uma contradição – recorde-se: em pureza *filosófica*, previamente a todo opção religiosa ou irreligiosa -, o dilema simplesmente carece de sentido. Seria o mesmo que perguntar se Deus não pôde ou não quis criar círculos-quadrados” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 223).

mundo-com-mal, o criou apesar de tudo?"<sup>124</sup> Essa pergunta compreende a livre decisão divina e ao mesmo tempo a inevitabilidade de um mundo sem mal. A teodiceia tem essa tarefa atualmente, isto é, justificar, dentro de uma cultura secular e dentro dos limites humanos, uma concepção de Deus que seja crível intelectualmente, doadora de sentido e criadora de esperança. Claro que o fiel religioso se alimenta na maioria das vezes com explicações bem simples, ou até mesmo com respostas sem necessidade de maiores aprofundamentos, mas ao se falar de discurso teológico de base ou fundamento, não há condições de permanecer nesse nível.

Perseguindo a pergunta de por que Deus decide criar, apesar do mal, a primeira reflexão que se pode dizer é de que pelo simples fato de existir, o mundo já produz admiração. É uma admiração sempre ambígua. De um lado nos extasiamos com a exuberância da criação e de outro experimentamos também a angústia da existência. Pela angústia nascem as perguntas: Teria sido melhor não termos nascido? Por que o mundo traz essa dureza do mal e até da falta de sentido ao invés da calma e a tranquilidade do vazio?

O que se percebe, muito embora haja quem defenda a inutilidade da existência, é que a vida tende a se firmar acima de tudo. Nas situações mais extremas tendemos sempre a nos agarrarmos a vida. O seu valor absoluto tende a aparecer espontaneamente, como um referendo universal, a contribuição da “via curta” da teodiceia é assegurar a confiança, o valor da vida, apesar do mal. Essa análise não chega às razões profundas que elimina as contradições do dilema, mas diz ao ser humano que é melhor acreditar na vida e em Deus, do que aventurar-se aos cuidados do nada. Claro que, a objetividade dessa confiança não fica garantida diante da suspeita e da crítica levantada pela modernidade, tornando evidente a contradição lógica. Nisso, a necessidade da “via longa” da teodiceia, que busca reforçar a “lógica da fé”, aproveitando a crítica para avançar e não para acabrunhar-se no mundo das não respostas.

---

<sup>124</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 187. “Então é in-sensato perguntar: ‘Por que Deus não criou um mundo-perfeito? Pelo contrário, é licito sim e, considerando-se certos horrores, pode transformar-se mesmo em direito escancarado, questionar-se: ‘Por que Deus, sabendo que, se criasse um mundo, este seria inevitavelmente atingido pelo mal, criou-o apesar de tudo?’ Essa é a verdadeira questão, com a qual todo fiel atual deverá confrontar a coerência de sua fé”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 225).

### 3.4.1 Para uma resposta verdadeira e coerente

As verdadeiras perguntas tornam possível a verdadeira resposta. Não dá para fazer perguntas sem sentido e querer uma resposta razoável e coerente. Já vimos que a pergunta sobre o porquê o Deus onipotente e bom não criou um mundo-sem-mal é uma pergunta sem sentido. Sendo sem sentido, deve ser deixada de lado, pois não vale perguntar por que não se divide a sala em três metades, nem porque não dá pra fazer um círculo-quadrado ou porque a vaca não voa. O que não tem sentido deve ser abandonado para se fazer perguntas com sentido<sup>125</sup>, pois de perguntas absurdas e sem sentido, só se pode encontrar respostas na mesma linha e entrar no mundo da imaginação livre. Aqui não é o caso, pois a reflexão teológica tem necessidade de partir das perguntas verdadeiras, e a pergunta que se precisa responder agora, que é verdadeira e permite uma resposta verdadeira e coerente é: “por que, afinal, Deus criou o mundo que inevitavelmente implica a presença do mal?”<sup>126</sup>.

A resposta positiva a essa pergunta é de que o mundo vale a pena, apesar do mal, por que Deus nos criou por amor e funda nossa existência no amor, nos sustentando e agindo conosco continuamente na luta contra o mal. Deus está na luta permanente contra tudo o que impede o nosso bem, o bem da criação. Esse bem já inicia na história, mas não é possível plenamente na história. Por isso, que Deus *quer e pode* nos dar esse bem definitivo quando sairmos dos limites do espaço e do tempo - onde o mal é inevitável – na vida eterna. A “via curta” consegue assegurar essa resposta, pois as religiões, em última análise, sempre procuraram dar uma resposta final ao problema do mal. As teologias da salvação são respostas ao mal que nos atinge. Para Torres Queiruga, “*a novidade da via longa é que colocando a nu o caráter inevitável do mal, consegue assegurar sua coerência. Porque, se o mal fosse inevitável, quer dizer, se fosse possível criar um mundo-sem-mal, seria contraditório admitir a existência de um “deus” que, ou não quis ou não pode evitá-lo*”<sup>127</sup>.

---

<sup>125</sup> “Falando com propriedade, não é que Deus ‘não possa’ criar e manter um mundo sem mal; acontece que isso simplesmente não é possível. Pela mesma razão, não existe um verdadeiro questionamento. A onipotência é *vox relativa*: poder-fazer significa necessariamente poder-fazer-algo; se esse algo não existe, não tem sentido falar em poder ou não-poder a seu respeito. Dizer que Deus ‘não pode’ fazer círculos-quadrados não afirma nem nega nada acerca de sua onipotência; unicamente enuncia a inexistência de um objeto sobre o qual ela possa ser exercida. A afirmação ‘Deus não pode fazer um mundo finito-perfeito’ aparece, assim, simplesmente como um absurdo, mero *flatus vocis*: falar ao vento”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 224)

<sup>126</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 190.

<sup>127</sup> Idem.

A ponerologia não elimina todas as dificuldades, mas coloca os limites precisos para o avanço. A partir dela podemos sustentar que Deus é onipotente e bom e, por causa disso, tem razões para criar o mundo apesar do mal.

A primeira questão que se coloca de modo correto, recuperando sua força, é a *bondade*. Um discurso teológico verdadeiro não pode escamotear a verdade de que Deus é pura bondade e amor. Aqui se elimina a ambiguidade na imagem de Deus sustentada por muitos discursos teológicos e até mesmo presente na revelação bíblica<sup>128</sup>, não purificada pela figura de Jesus de Nazaré. Quando se descobre que o mal é inevitável, não se questiona mais a bondade. Ela se torna o motivo principal da criação, não fica prensada e ferida pela existência do mal, diante da hipótese da possibilidade de um mundo sem mal. O autor se vale aqui do simbolismo da paternidade humana.

Os pais mesmo sabendo que seus filhos, ao nascerem, estarão expostos ao mal e a finitude mesmo assim decidem gerar, e não tem sentido perguntarmos por que não geraram os filhos mais perfeitos e sadios, mais bonitos e inteligentes do mundo. Essa é uma pergunta sem sentido. No entanto, outra pergunta que surge é dos filhos em relação aos pais. Esses podem perguntar aos seus pais por que decidiram gerá-los, se sabiam que estariam expostos ao mal e a finitude que traz sofrimentos. A resposta dos pais poderá ser de que os trouxeram ao mundo por amor. E de que apesar do mal e do sofrimento o mundo vale a pena, e ainda, que estariam ali presentes na vida de seus filhos, em todo o tempo, para apoiá-los nos sofrimentos ajudando-os, em todas as medidas possíveis, a superá-los.

Se os pais têm razões para agir a partir da lógica do amor, estando presentes ao máximo de suas possibilidades na vida dos seus filhos, muito mais Deus tem razão de fazê-lo em relação a toda a sua criação. Nisso, levantar-se a hipótese de que os “pais não poderiam” eliminar todo o mal, mas “Deus sim poderia”, volta-se ao vazio de sentido da mesma hipótese, pois o “poderia” é um absurdo diante da finitude. Também poderia fazer, em outro sentido, a seguinte afirmação: “Deus criou o mundo com o mal, mas depois sofre a cruz e

---

<sup>128</sup> “A radicalização moderna da crítica, que tantas dificuldades criou logo de entrada, trouxe também novas possibilidades, pois da mesma atitude crítica nasceram a exegese e a hermenêuticas modernas. Elas tornaram possível, pela primeira vez na história, uma purificação consequente dos *fantasmas* literalistas que nas narrações bíblicas povoam as obscuras passagens do problema: ‘Bens e males, vida e morte, pobreza e riqueza provêm do Senhor’, diz, fazendo eco de uma ideia ubíqua, o livro do Eclesiástico (11,14); ‘Eu crio trevas e desgraça’, adota por título – por certo, deturpando um pouco a citação de Is 45,6 – um livro do qual já falamos. (...) Seria absurdo afirmar que o fio de ouro da Bíblia – do Êxodo aos profetas e de Jesus a João – é a proclamação da compaixão de Deus pelos nossos males e de seu incansável esforço por nos socorrer, se fosse possível evitar isso, arranjando tudo previamente com uma simples decisão de sua vontade”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 192-193).

neste sofrimento nos liberta de todo o mal. E mais, nisso mostra que ‘sofre’ conosco o nosso sofrimento”. Neste caso nem a cruz e nem o “sofrimento” de Deus seriam respostas satisfatórias, diante da possibilidade de ter previsto e evitado o mal desde o início da criação, se possibilidade houvesse. A criação traz a história seres finitos e limitados, e essa é sua única condição de existência, que são amparados permanentemente pela bondade de Deus, tornando a história da vida e do mundo uma história de salvação.

Essa nova impoção recoloca no seu lugar a questão da *onipotência*. Como a bondade de Deus é assegurada, mostrando que Deus cria exatamente por ser bom e, que, apesar do mal, a existência vale a pena e é fortalecida por Ele, o mesmo acontece com a onipotência. Para Torres Queiruga “só contando com Deus como o único que tem poder sobre a totalidade do real é possível encontrar coerência na afirmação confiante de que, em última instância, o mal possa ser vencido”<sup>129</sup>. A ponerologia que assegura a onipotência apesar do mal permite ao discurso coerência. Se graças ao *seu amor* criou as pessoas, graças a *seu poder* pôde fazê-lo desmentindo a acusação de que o mundo estaria entregue ao acaso<sup>130</sup>. Ele o criou porque seu poder garantiria que o mundo não estaria entregue ao mal. Esse não teria a última palavra. Uma pessoa de fé se atreveria a afirmar que se fosse diferente, certamente não o faria.

A “via curta” da teodiceia sustentava a confiança em Deus e o valor da existência, somente a partir da lógica do coração. A “via longa”, enfrentando a crítica, assegura a onipotência e a bondade, sendo que, graças a elas, tem-se razões para dizer que o mundo vale a pena e que o mal não terá a última palavra, apesar de ser sempre mundo-finito-com-mal. Como diz Paulo: “Estou seguro que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura nem o abismo, nem qualquer outra criatura nos poderá afastar do amor que Deus nos tem em Jesus Cristo” (Rm 8, 38-39).

---

<sup>129</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 194.

<sup>130</sup> “O *poder de Deus* – talvez devêssemos dizer: sua *poderosidade* – continua intacto em sua imensidade misteriosa, mas agora vai se desvelando para nós em seu verdadeiro rosto. Deus não é ‘impotente’, mas deixou de ser o regente que tudo manipula para revelar-se a nós como o criador capaz de entregar a criatura a si mesma (algo que, como foi visto muito bem por Schelling e por Kierkegaard, só ele – justamente por ser onipotente – pode fazer): seu poder consiste em permitir-lhe ser em conformidade com sua legalidade intrínseca, ainda que não, como em Epicuro, por desinteressar-se por nossos problemas, nem tampouco no ensimesmamento apático do deus aristotélico, mas acompanhando-o o delicado respeito de sua liberdade e na entrega de um amor incansável. A progressiva profundidade com a qual a experiência bíblica foi compreendendo isso, até chegar ao *Abbá* de Jesus de Nazaré, mostra que não se trata de meras palavras, mas de uma intuição muito sólida e realista”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 228-229).

### 3.4.2 Teodiceia e mistério: em busca de uma coerência última

Quando se fala em mal o discurso facilmente descansa no mistério e, em algumas situações, com relativa rapidez. No nível da fé dos fiéis isso acontece de princípio, ao que é difícil de compreender ou não se faz o esforço para tal, tende-se logo chamar de mistério. A ponerologia com o dado da inevitabilidade do mal facilmente é criticada como não respeitosa do mistério, ou, mais radicalmente, acusada de anular o mistério. Certo que ao falar-se de Deus, sempre se move para o campo do mistério. Mas por um lado a compreensão, não pode ser negada a ponto de cair-se num fideísmo insignificante e, por outro, ao falar-se de Deus nunca se estará numa compreensão adequada e completa, pois Deus é sempre maior.

Pode-se, contudo, distinguir dois níveis do mistério. O primeiro nível refere-se ao “*mau mistério*” ou mistério fraco. Aqui se aceita contradições lógicas, obscuridades, construções vazias, deficiências racionais e metódicas, incoerências e incompatibilidades, responsabilidade única de quem as faz, esse nível entra em pura contradição. O segundo nível é do *mistério real*. Esse tem uma riqueza inesgotável de significado, nunca atingido unicamente pelas razões lógicas, mas abarca também as “razões do coração”. Do mistério, é claro, pode-se dizer pouco, isso não pela carência de conteúdo que apresenta, mas sim pela abundância. O pouco que se diz, não pode, porém, contradizer as leis elementares da lógica racional<sup>131</sup>.

Para o autor a análise do problema do mal não parte em princípio do mistério. Quando fala da ponerologia permanece limitado as leis estritas da lógica racional, pois nem teria sentido já colocar esse nível no mistério. Claro, o discurso já se move no mistério quando pressupõe a aceitação da existência de Deus. O fato de que Deus existe não se coloca em questão. Parte da aceitação da fé, da *lógica da fé*, onde a “via curta”, legítima nossa confiança, apesar do mal. É claro que as razões filosóficas buscam clarear, até onde alcançam, o dado de que o Deus amor tem direito de decidir criar o mundo, apesar do mal. E no último nível afirmamos, com razões, de que Deus cria o mundo *porque quer e sabe que pode vencer definitivamente o mal*, não só pelo amor que nos acompanha na história, mas também pela

---

<sup>131</sup>“Adentrar o mistério não significa uma carta branca para abandonar, sem mais, o campo da razão mediante um salto cego e totalmente incontrollável, de sorte que não pudesse oferecer nenhum tipo de fundamentação nem estivesse submetido à lógica da não contradição. Significa, isso sim, que a razão humana, buscando apoio nas experiências mais radicais, necessita prolongar-se até os últimos degraus do sentido possível onde, em lugar de conceitos plenamente domináveis, tem de se abrir ao analógico e simbólico, na conhecida dialética de afirmação-negação-reafirmação transformada”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 198).

*salvação plena* além da história. Aqui já se entra no oceano do autêntico mistério teológico, porque quando falamos em vida eterna e ressurreição, sai-se de qualquer comprovação empírica.

Ao falar-se de vida eterna ou de felicidade eterna, entra-se num estágio último da lógica da fé e de última coerência. Quando se fala em lógica da fé, compreende-se sempre fé lógica e não fé contraditória. Aceita-se, já com tranquilidade, que Deus criou os homens por amor e que acompanha a existência, muito embora, o mal seja inevitável. Porém se está dando um passo a mais quando se dizs que em seu poder e bondade, Deus também quer outorgar uma felicidade eterna, superando o último estágio do mal que é a morte. A felicidade eterna é porém, uma dificuldade evidente para o conceito, uma vez que, escapa-se do espaço e do tempo e nisso do ambiente normal do conhecimento humano. Só através da entrada nesse cenário de felicidade eterna que se encontra uma coerência última para o discurso sobre o mal. Para Torres Queiruga:

a teodiceia, graças a seu apoio no amor, na sabedoria e no poder de Deus, ao afirmar a realidade da salvação plena, oferece uma resposta insuperável ao problema do mal. (...) Continua denunciando-o como ‘o que não deve ser’; porém, reconhecendo-o inevitável, escapa ao absurdo: de um lado, assegura a *coerência* da fé em um Deus que rechaça o mal em virtude de seu amor infinito; e, de outro, apoiada nesse amor, reforça a razoabilidade da *esperança* da superação definitiva, quebrando a ameaça do sem sentido e fundando a promessa da derrota do mal na realização plena da existência<sup>132</sup>.

### 3.5 O MAL INEVITÁVEL: MAS PORQUE TANTO MAL?

O mal está como possibilidade na raiz mesma da finitude do mundo. Qualquer mundo possível traz consigo a condição de possibilidade para o mal. O mal inevitável é assim um pressuposto insuperável. Já se viu, também, que a liberdade é sempre a possibilidade de agir entre o bem e o mal. Liberdade perfeita não seria liberdade, o que seria orientação para um único caminho, uma única via.

Ocorre que se aceitar a inevitabilidade do mal, parece um dado tranquilo até mesmo pela intuição humana básica. Todos sabem que o mal está sempre espreitando a nossa porta. Todos sofreram ou sofrerão algum mal. Mas, quando o mal é excessivo, como compreender? Por que ele é tão forte e tão absurdo? Claro que aqui poderíamos perguntar: excessivo em relação a quê? Ou até que ponto ele não é excessivo ou absurdo? Fazer essa pergunta abre

<sup>132</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 201.

margem para uma longa especulação. Isso, porém, provavelmente não chega a justificar a não absurdidade do mal. O mal se apresenta como absurdo em qualquer medida. Bastaria o sofrimento de apenas uma criança para dizer que se o mal fosse evitável e, de fato, não fosse evitado, seria o suficiente para justificar a não crença em Deus. Mesmo que haja evoluções e ajustes a realidade do mal continua ali. Muitos sofrimentos, no processo de evolução, passam a ser evitados ou amenizados. Porém, nunca se elimina totalmente dentro da realidade finita<sup>133</sup>. Nisso, está nossa tarefa junto com a ação de Deus de lutar continuamente contra o mal. Mas, imaginar que Deus “poderia” fazer um mundo muito melhor ou, ao menos, um pouco melhor, entra na dialética infundável do “melhor dos mundos possíveis”. Assim, volta-se ao pressuposto de que bastaria a vontade Dele para fazer um mundo melhor, o que já se disse abundantemente, que não é possível pensar dessa forma.

### 3.6 A LÓGICA DA “PERMISSÃO” VERSUS A LÓGICA DO APESAR DE

A ideia da permissão é basicamente a compreensão de que Deus poderia evitar, mas permite *para* tirar um bem maior. Partindo-se do pressuposto de que “se Deus quisesse poderia”, tem-se que admitir certa intencionalidade de Deus na realidade do mal que aparece. As mais diversas abordagens da teodiceia tendem ainda a entrar no campo da permissão de Deus. Ocorre que essa ideia envenena Deus. Partindo do pressuposto errado, isto é, “Deus poderia evitar”, entrando no campo da incompreensibilidade do mistério, deixa entender que Deus teria alguma “nobre razão” para permitir o mal. Sabe-se, porém, que até mesmo o direito penal moderno defende que não apenas aquele que pratica o mal é responsável, mas também quem podendo evitar não o evita. Na ideia de permissão, liberdade e possibilidade se reforçam. Ou seja, poderia evitar (possibilidade), mas não evita (liberdade). O fato de assegurar que Deus não evita *para* algo, que não se sabe o quê, implica, ao menos, na cumplicidade de Deus, que, em última análise, também o responsabiliza<sup>134</sup>. Somente imaginar

---

<sup>133</sup> “Unida a isto está a experiência – felizmente, real – de que muitas vezes os males *concretos* são evitáveis ou podem ser eliminados; uma enfermidade, por exemplo. Surge, então, a impressão de que se poderia eliminar *todo* mal. E isto, ademais, é reforçado imaginativamente com a ideia de *milagre* (da qual falaremos mais tarde). Mas é preciso pensar que um arranjo concreto é sempre uma reorganização parcial, feita a partir de *dentro do mundo*, e com as forças e relações do mundo. Pode melhorá-lo, mas não acabar com sua finitude, portanto, com a presença de outros males; e, mesmo muitas vezes, com males causados pela própria melhora; os automóveis melhoram as viagens, mas dificultam a apreciação da paisagem e provocam acidentes mortais. Se a capacidade de melhorias é a maravilha que funda o trabalho e a esperança, a persistência do mal é a dura carga infundável, que pode até chegar a questionar a ideia de progresso” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 204).

<sup>134</sup> O autor Adolphe Geché aborda o tema do mal e embora esteja longe da perspectiva de Torres Queiruga e não desenvolva um sistema próprio para abordar o tema, retira Deus da cumplicidade. Sua argumentação revela

que Deus poderia evitar o holocausto, ou o terremoto de Lisboa, ou qualquer acidente que fere e mata alguma criança inocente, e, por razões que são só Dele, não o faz, já seria motivo mais que suficiente para não crermos nele. Por isso, ao invés de defendermos que Deus faz isso *para* algo, podemos, com mais, nobreza e lógica, afirmar que Deus faz isso *apesar do* mal. O mal assim não é fim para nada. Não se faz o mal em vista de nenhum bem. O mal, em qualquer medida, sempre será mal. Para Torres Queiruga:

O mal aparece *só e unicamente* porque é inevitável, porque não existe outra possibilidade para a existência do mundo. A sua (a)lógica não é do ‘para que’, senão a do ‘apesar de’. O mal está aí não porque seja necessário para obter algum tipo de finalidade dentro do mundo, mas apenas e simplesmente porque, de outra maneira, não é possível a própria existência no mundo<sup>135</sup>.

O mundo está ali na sua possibilidade intrínseca de ser, isto é, como mundo finito e imperfeito. Nele aparece o mal como aquilo que Deus não quer. Isso não no sentido de que não o tenha previsto ou de que pudesse ter feito diferente. Deus não o quer no sentido de que, *apesar do* mal criou o homem e está sempre numa luta radical contra o mal. Deus queria um mundo de seres livres e nesse sentido era *impossível* criar um mundo sem a condição de

---

ainda a vinculação com pressupostos tradicionais. Não criticando esses pressupostos fica longe da clareza de nosso autor. Para ele “a Bíblia afirma unanimemente que a criação *é* boa. ‘E Deus viu que era bom’. Deus não quis o mal, e mesmo após o aparecimento deste (de fato, o homem não é amaldiçoado, mas apenas castigado) ele continua considerando a criação como intrinsecamente boa (...). O mal não pertence à natureza das coisas, ele é um *acidente*. Ele não depende da vontade de um Deus perverso, ele é uma *desgraça* (GECHÉ, Adolphe. *O mal*, p. 98). Aparecem aqui várias coisas. Parte do pressuposto não criticado da criação perfeita que se torna imperfeita. Deus não quis o mal, mas o mal apareceu. Do jeito como fala, parece que o mal passa a ser uma surpresa para Deus. Ele não quis, mas depois aconteceu. O mal é um acidente, que embora, aqui, a linguagem esteja no âmbito ontológico, também no nível real soa como um acidente de percurso. Percebem como um discurso que não critica os pressupostos se torna vazio e estranho. Diante disso, precisa afirmar que o mal não é de vontade de Deus. Numa justa imagem de Deus, apenas a hipótese dessa possibilidade, isto é, de que o mal tenha alguma origem em Deus, já soa com blasfêmia. Uma correta impostação compreende que Deus, porque é puro amor, decide criar o mundo, embora soubesse que comportaria inevitavelmente o mal. Ainda, na fala desse autor percebe-se a permanência da ideia de castigo divino, que é outro absurdo. Continuando, o mesmo autor afirma: “O mal não pertence ao destino e deve ser vencido. O mal não é negado, mas também não é mais considerado inerente e invencível (...). A serpente representa o mal porque destrói e arruína. Inimiga, tem em Deus não um cúmplice, mas, ao contrário, um Adversário. Se o mal mostrasse de alguma maneira a cumplicidade do Deus criador, ele seria ‘natural’ e, mais uma vez, não haveria mais nada a fazer” (Ibidem, p. 99). Aqui o autor retira Deus da cumplicidade e isso sem dúvida é um resultado importante. Contudo, os pressupostos permanecem não claros. Quando ele diz que o mal não é inerente, poderia, admitir pelo menos a inerência de condição de possibilidade. A finitude histórica característica inerente da criação possível, é condição de possibilidade para o aparecimento do mal. Isso porém não torna Deus responsável pelo mal. Ainda, se Deus é adversário do mal, não o será em algum momento, mas em todo instante. A ideia de castigo não deixa de traduzir um mal que o próprio Deus teria infundido sobre toda a humanidade. Independentemente de ser consequência do pecado, o homem por si mesmo, não teria condições de dar a uma ação pontual, a um pecado na história, uma consequência eterna. Embora tivesse havido o pecado, o perdão imediato sanava a consequência histórica do mal. Diante disso, como continuar sustentando que Deus teria castigado a humanidade, sem perceber ali um mal que estaria atingindo, ainda hoje toda a descendência? Se Deus é adversário do mal, então, de forma alguma, não dá para admitir trégua da parte de Deus contra o mal e muito menos um castigo.

<sup>135</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 208.

possibilidade do mal<sup>136</sup>. A alternativa ficava em criar ou não criar, entre ser ou não ser. Ou cria um mundo livre, mundo-finito-com-liberdades-imperfeitas, ou não cria nada.

Diante desse discurso aparece uma objeção formidável. Compreende-se que a salvação eterna significa a superação de todos os males. Ainda, afirma-se que a finitude é a raiz dos males. Porém, a objeção é a seguinte: As criaturas não continuam finitas na plenitude eterna? Como então acontece a superação dos males?

### 3.7 ENFRENTAMENTO DA OBJEÇÃO EXTREMA

A salvação plena e escatológica enfrenta a dificuldade extrema da continuidade da finitude da criatura e, ao mesmo tempo, a condição de fim de todos os males, ou seja, na salvação eterna se continuará criaturas finitas, mas ali não haverá mais o mal<sup>137</sup>. Dizer que a finitude é a condição de possibilidade do mal nos deu possibilidade de coerência radical no discurso. Porém, agora se coloca radicalmente essa objeção: Como no futuro a finitude não terá o mal como inevitável? Para o autor “não resta dúvida de que a fé na bem-aventurança eterna, unida ao mito do paraíso original, constitui talvez a base mais importante contra a tese que sustenta ser na finitude que reside a raiz última do mal; em ambos os dois casos, nos foi falado sempre, como algo óbvio, de criaturas finitas e sem mal: ao princípio, no paraíso terrenal e, ao final, na vida eterna”<sup>138</sup>.

O mito do paraíso inicial, terrestre, impregnou o nosso arquétipo pessoal nos dando a entender que no início do mundo não havia nenhum mal. O pecado depois estragou tudo. O perfeito tornou-se imperfeito. A salvação eterna também traz à mente a ideia de que depois da

---

<sup>136</sup> Para Torres Queiruga “a fé nos diz – não se esqueça de que já estou falando a partir da ‘pisteodicéia cristã’ – que Deus só pôde criar-nos por amor, com o único fim de tornar-nos partícipes de sua felicidade. E, reflexivamente podemos perceber sua coerência, porque vemos que a história não é uma ‘prova’ à qual nos submetemos para salvar-nos, mas, simplesmente, a *inevitável condição de possibilidade* para realizar essa salvação. A razão é clara: para que Deus nos ‘salve’, quer dizer, para que possa fazer-nos definitivamente plenos e felizes, precisamos existir, e existir como finitos, como seres que crescem e se realizam *eles mesmos* na história de sua liberdade. E compreendemos igualmente que, para ser, não podemos deixar de estar expostos a todas as ameaças inerentes à finitude: qualquer mal é, em princípio, possível”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 227).

<sup>137</sup> Segundo Edward Schillebeeckx “os erros que provenham da vontade, como realidade criada do nada, não devem ser atribuídos a uma causa diferente dela mesma; portanto, a finitude é, por assim dizê-lo, a ‘causa primeira’. Se for permitida a expressão, a partir do momento em que uma criatura chega à existência, existe a *possibilidade* (não a *necessidade*) de uma iniciativa negativa da *finitude*. (...) A finitude não implica por si mesma sofrimento e morte. Se assim fosse, a fé numa vida superior e supraterrânea (que não deixa de ser uma vida de seres *finitos*) seria uma contradição intrínseca. As criaturas nunca serão Deus”(SCHILLEBEECKX, Edward. *Cristo y los cristianos*. Madrid, p. 710-711.

<sup>138</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 211.

morte, com Deus, estaremos definitivamente longe do mal. Demonstrar como se dá a visão beatífica da criatura finita em Deus é uma dificuldade para a teologia. Não é uma dificuldade apenas dentro da abordagem que damos ao problema do mal. A dificuldade está na possibilidade mesma do finito acolher o infinito e nessa acolhida eliminar todo mal. Segundo Manuel Fraijó, citado por Torres Queiruga, a finitude futura não é a mesma finitude das criaturas enquanto terrenas. No futuro, a finitude será “sanada”, diferente da finitude que agora nos afeta. A finitude *in pátria* não é comparável com a finitude *in via*<sup>139</sup>.

A ideia de finitude “sanada” parte, exatamente, do pressuposto do paraíso inicial e do pecado que transforma a criatura em “decaída”. No fim, na plenitude eterna, as criaturas, mesmo finitas, estarão “sanadas” e, por isso, livres de todo o mal<sup>140</sup>. Porém, a partir dessa compreensão, a pergunta que surge é a seguinte: Se Deus elimina o mal no fim eterno, por que não o elimina desde o princípio? Porque o ser humano enfrenta o vale de lágrimas na sua aventura na terra, para, somente depois, viver uma vida de plenitude e sem males? Esse questionamento, de certa forma, já foi levantado por Santo Irineu, quando pergunta: “porque tão tarde?”<sup>141</sup> Esse questionamento não se refere apenas a salvação final, mas a salvação trazida por Jesus. Por que Jesus teria demorado tanto para vir nos salvar? Nos milhares de séculos anteriores, sendo Deus tão onipotente e bom, a quem ficou entregue a humanidade? Por que só agora a encarnação e a possibilidade de redenção? Claro, essas perguntas importantes, de certa forma se acalmam quando compreendemos a história do mundo como história da salvação de Deus<sup>142</sup>. A salvação não acontece apenas em parte da história, restrita ao tempo da manifestação de Deus em Jesus e dali em diante. Toda a história, desde o princípio, é história da salvação. Desde sempre Deus acompanhou com suas mãos amorosas e seu olhar atento a história do mundo e de cada pessoa em particular. E pensar num mundo finito sem mal é uma ideia sem sentido. Por isso, a tese de que a plenitude se dará no fim,

<sup>139</sup>Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 215.

<sup>140</sup> O problema é que pensar dessa forma levanta a pergunta sobre o paraíso perdido. Se existiu o paraíso no início, porque depois sucumbiu? Se a realidade era perfeita e imune ao mal, porque se degradou iniciando o mal que a todos afeta? “O qualificativo ‘sanada’ explicaria apenas a cura de algo produzido por um ‘acidente’ histórico – que, além do mais e *como tal*, quer dizer, como ocorrência empírica, não existiu nem poderia existir -, mas não a condição da finitude em si mesma”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 226). É importante destacar que Torres Queiruga não se satisfaz com nenhuma definição de finitude para designar a finitude cuja condição de mal é inevitável. Por isso, deixa o discurso aberto para posteriores contribuições. Segundo ele fala-se de finitude não escatológica, ou não definitivamente consumada, não assumida na comunhão final com a plenitude divina. Ainda, nas qualificações positivas fala-se de finitude histórica ou finitude mundana, finitude em vias de realização ou finitude *simpliciter dicta*. Nenhuma dessas designações o satisfaz (Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p.226-227).

<sup>141</sup> SANTO IRINEU. *Adversus heresias*. p. 177-178.

<sup>142</sup> A respeito ver RAHNER, karl. *Curso fundamental da fé*: Introdução ao conceito de cristianismo. Tad.: Alberto Costa; Rev.: Edson Gracindo. São Paulo; Paulus, 1989, p. 171-212.

quando será possível. Enquanto terrenos, caminhamos apesar do mal, mas sempre sustentados e amparados por Deus, que junto conosco, se opõe incessantemente e radicalmente contra o mal.

Volta-se, porém a questão da finitude e do fim do mal, na salvação eterna. As razões que justificam a legitimidade da salvação eterna para a criatura finita se movem dentro da lógica da fé. Não entram no ambiente do fideísmo e nem contestam a coerência do discurso do mal que fizemos até agora.

A primeira razão é a *temporalidade da criatura*. Estar no tempo significa que se pode assumir nosso processo de crescimento<sup>143</sup>. São inacabadas, estando sempre em construção. Não se nasce pronto e perfeito, ou seja, uma tarefa. O sentido da evolução da história e do mundo coloca o ser humano num movimento de constante construção. Sua vida consiste em assumir a tarefa de realizar-se no exercício da própria liberdade. Por isso, não é possível pensar numa criatura perfeita desde o início. Se assim fosse, não existiria tempo, nem história e nem liberdade<sup>144</sup>.

A pessoa é, portanto, aquilo que ela se torna no exercício permanente de sua liberdade. Ela está diante da permanente possibilidade de escolha. Pode empreender seu processo de amadurecimento, de descoberta e construção de si mesma. Por isso, pensar num ser humano criado já perfeito e acabado, contradiz toda a noção implicada na temporalidade. Tempo é exatamente o antes, o agora e o depois. Estarmos perfeitos no tempo seria viver somente na dimensão do agora, sem mudança, sem processo, onde o mesmo reina sem alteração.

Uma segunda questão relacionada à acolhida do finito pelo infinito é o fato da *finitude ser aberta*, e isso se desdobra em dois passos. Aqui entramos definitivamente no campo do mistério. O primeiro passo é percebermos que o finito é sempre uma realidade radicalmente aberta para o infinito. Nós somos seres de transcendência radical. Nada enquanto terreno nos satisfaz plenamente. A aspiração de nossa vontade e a dinâmica de nossa inteligência em

---

<sup>143</sup> “A autoconsciência não é possível sem temporalidade. A criatura não só necessita de certa duração como forma de sua própria existência, como a autoconsciência da configuração ativa de sua própria existência necessita também da diferenciação dos modos do tempo, a saber, a diferença com o presente de um futuro pelo qual se possa trabalhar, mas também a do passado de experiências adquiridas, em relação com as quais a autoconfiguração criatural adquire seu perfil”(PANNENBERG, Wolfhart *apud* TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 241).

<sup>144</sup> “Por isso – uma vez mais, contra a imaginação educada na letra e não no significado profundo do mito do paraíso original – não é possível pensar que uma criatura consciente e livre pudesse ser criada já no estado de realização plena. Von Balthasar, remetendo-se a De Lubac, afirma: ‘Uma criação, até mesmo do anjo atemporal, no estado de uma visão divina sobrenatural e que implique a liberdade é intrinsecamente contraditória’”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p.217).

buscar, ir além, não se satisfaz plenamente com nada daquilo que é limitado e finito. Por isso, somos habitados por uma espécie de “infinitude finita”, de uma insatisfação originária que nos abre definitivamente ao infinito<sup>145</sup>. O segundo passo está em perceber que essa finitude aberta, faz com que finito e infinito estejam tão ligados, tão próximos, que impede pensar numa ruptura entre as duas realidades. A finitude radicalmente aberta deseja o dom do infinito. Claro, precisa-se aqui salvar a natureza do dom de Deus, isso porque podemos perguntar: se o ser humano tem desejo natural do infinito, ficaria o infinito obrigado a conceder-lhe esse dom?

Não podemos pensar que Deus seja obrigado a dar-se ao finito do ser humano. Deus se dá como dom, como presente, por iniciativa absoluta do seu amor. Embora, a finitude deseje esse dom, a oferta é por iniciativa livre do amor, na dinâmica própria do amor de dar-se continuamente. Por isso, a acolhida do infinito pelo finito, como dom, não anula sua identidade. O ser humano na acolhida do dom do amor, na verdade, radicaliza sua identidade, que é de abertura e possibilidade de acolhida. A criatura não fica anulada nesse processo. Pelo contrário, chega a sua essência mais profunda, elevada de si mesma, para o encontro com a realidade fonte do amor que é Deus mesmo. Sua realização mais autêntica, não acontece, portanto, fora ou longe de Deus, mas em Deus mesmo. Ali o finito confirma de forma insuperável sua identidade na acolhida do infinito, que é dom puro de amor. Nisso, percebemos a impossibilidade da hipótese de uma criação em estado perfeito. O ser humano livre, no processo de construção de si mesmo na temporalidade, potencializa sua própria identidade, na livre acolhida do dom, que plenifica, no estado de salvação eterna, fora do tempo, àquilo que sempre escolheu. Diante disso, percebemos que a finitude não é anulada, mas no estado de acolhida do infinito, na salvação eterna, chega a sua plenitude, por isso, livre do mal<sup>146</sup>.

---

<sup>145</sup> Henri De Lubac fala que no homem há certa capacidade infinita, que o distingue de outros seres. Von Balthasar percebe no ser humano certa infinitude do intelecto, ou a presença de um elemento infinitizante que faz estalar a finitude. Edward Schillebeeckx fala que somos habitados por uma espécie de força que nos eleva acima da finitude. Karl Rahner usa a denominação ‘infinitude finita’, já aludida por Tomas de Aquino, onde a pessoa parece se elevar acima de si mesma, numa tensão que parte da finitude para uma dinâmica que introduz no âmbito da infinitude (Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 219-220).

<sup>146</sup> É exatamente uma finitude levada além de si mesma, uma finitude ‘infinitizada’, na apropriação íntima da Infinitude divina, que se entrega a ela no amor. Para Torres Queiruga, “de alguma forma, necessitamos, pois, qualificar a finitude para que, mantendo-a como condição que torna inevitável o mal no mundo – resultado da ponerologia no diálogo universal das razões comumente controláveis -, não fechemos a porta a essa ‘infinita’ capacidade de acolhida do Infinito: à possibilidade *última e única* de um estado no qual essa finitude possa ser livre do mal”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 226).

Um terceiro aspecto que concretiza mais essa experiência de infinitização do finito é a *comunhão pessoal no amor*. Essa realidade é aquilo que acontece na experiência do ‘tudo o que é meu é teu, tudo o que é teu é meu’. Sabe-se que enquanto humanos na história é difícil essa comunhão perfeita. O amor carrega seus interesses e é difícil fazê-lo chegar ao estágio de total desinteresse. Contudo, percebe-se pela intuição e pela própria dinâmica do amor que ele deseja uma comunhão plena com o amado, a ponto de permitir, em certos momentos, uma transferência de identidades<sup>147</sup>. No amor se realiza um intercâmbio de identidades, a ponto de ser a partir do outro que se constrói a identidade de cada amante. Quem oferece o amor não se empobrece na oferta, mas ao contrário enriquece o outro e a si mesmo. Cada um afirma sua identidade na reciprocidade do amor, firmando sua autoconsciência a partir do outro. Pode perguntar se essa troca só pode acontecer entre os seres humanos ou também, entre o ser humano e Deus? Seria um erro pensar que essa experiência só acontece entre iguais. Pela religião sabe-se que o amor de Deus é a culminação, a fonte última e a possibilidade do encontro mais excelente para a plenitude humana.

Diante do exposto, voltando ao dilema de Epicuro, podemos dizer que ao invés de colocar em risco a bondade e a onipotência de Deus, esse discurso nos dá mais clareza sobre a verdade da superação do mal. Para Torres Queiruga:

Deus *pode e quer* vencer o mal. Só que o amor tem que suportar – por nós e conosco – a paciência do tempo. Esta acaba sendo, muitas vezes dura e terrível, mas a partir da fé mostra-se já iluminada pela vitória definitiva, quando então, ‘sem morte nem choro, sem clamores nem fadigas’ (Ap 21,4), ‘Deus será tudo em todos’”(1Cor 15, 28)<sup>148</sup>.

---

<sup>147</sup> “De um lado, constatamos cada dia, às vezes de modo muito doloroso, que na história não é possível uma reciprocidade perfeita. (...) Mas, de outro em sua percepção mais pura e espontânea, o amor é sempre anseio de comunhão plena. (...) A *literatura* expressou-o muitas vezes. Impressiona sempre ler ou escutar Tristão e Isolda na obra de Richard Wagner, numa frase que remonta à tradição originada já na Idade Média, exclamarem no êxtase do amor: ‘Tristão tu, / eu Isolda, / não mais Tristão’, diz ele; ‘Tu, Isolda; eu, Tristão, não mais Isolda!’, responde ela”( TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 223).

<sup>148</sup> *Ibidem*, p. 225.

## 4 A AÇÃO DE DEUS NO MUNDO COMO O ANTIMAL

### 4.1 A NECESSÁRIA E DIFÍCIL COERÊNCIA

O percurso feito até aqui implica numa necessária mudança no modo de ver Deus e de conceber sua ação. A abordagem do problema do mal, partindo de novos pressupostos, refaz a imagem de Deus. Provoca uma revolução na ideia de Deus. Para Torres Queiruga “Deus descoberto como puro amor e salvação incondicional constitui-se em centro vital e núcleo irradiante,”<sup>149</sup> que confere a todos os demais temas da teologia mais coerência e luminosidade. Toda e qualquer interpretação que obscureça a primazia absoluta do amor torna-se falsa e toda interpretação que consegue manter e salientar essa primazia será mais verdadeira. Nessa perspectiva, o nosso autor, para clarear alguns temas mais pontuais, mas que implicam o problema do mal prefere usar a expressão “Deus como Antimal” ao invés da expressão “Deus, o vencedor do mal”. A segunda, embora verdadeira, dá a impressão de que o mal esteja superado de uma vez por todas. Ocorre, que ele continua ali mostrando sua força. Deus como Antimal expressa melhor a noção da luta contínua de Deus contra o mal, também nos apoiando, sem descanso, em nossa luta.

#### 4.1.1 Deus como afirmação do humano

Não é mais possível concebermos Deus em oposição àquilo que é humano. A ideia que por vezes alguns continuam sustentando, possivelmente reforçada por certo fundamentalismo bíblico, é de que para experimentarmos a presença de Deus, para sermos “pessoas de Deus”, como expressa o discurso de anúncio mais popular, precisamos nos afastar do mundo e conseqüentemente daquilo que é humano. Deus está mais relacionado com a privação, a proibição do que com alegria e o gozo da vida. Ludwig Feuerbach o expressou numa famosa frase: “Para enriquecer a Deus, deve-se empobrecer o homem; para que Deus seja tudo, o homem deve ser nada”<sup>150</sup>. A raiz profunda desse pensamento coloca Deus como o vampiro da humanidade, que está ali para nos tirar as forças e privar as alegrias. A religião, conseqüentemente, é inimiga do progresso, se opõe a autonomia do homem e impede sua felicidade.

<sup>149</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 234.

<sup>150</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La esencia del cristianismo*. Salamanca, 1975, p.73.

Naturalmente, por traz desse pensamento há uma imagem de Deus. O Deus onipotente que poderia impedir o mal, mas não faz; que permite o mal segundo decisões de sua misteriosa vontade; que ama, mas é justiceiro e pune o pecador; que nos mostra suas leis e pede seu cumprimento. Essa imagem de Deus, como já mostramos, é uma das raízes do ateísmo e possibilita a ideia de que crer em Deus é mais prejudicial do que benéfico<sup>151</sup>. O Deus anunciado pelo cristianismo como salvação, desse modo, é visto como rival e opressor<sup>152</sup>.

A inversão necessária, já vista em nosso discurso, traz a clareza do conceito e a necessária coerência, a ideia de Deus como amor em permanente atividade. Ele não sabe fazer outra coisa senão amar. Diante de um Deus assim, qual prejuízo teria o ser humano? Se a ação de Deus consiste em, continuamente, lutar contra o mal no mundo, sustentando em todos os instantes com sua força de amor, sem, por nenhuma razão da parte Dele abandonar, o que se poderia fazer na acolhida generosa dessa atividade amorosa? A consequência dessa imagem é a afirmação de que Deus está somente interessado em que alcancemos, no processo necessário de crescimento, a maturidade e a plena humanização. Humanização que é também a presença viva do sentido. O teólogo Juan Luis Segundo afirmou essa noção convencido de que Deus não se revela para ensinar coisas sobre ele, mas sim para que sejamos felizes. “Deus não se revela, a não ser na e para a humanização dos homens e mulheres que buscam dar sentido a suas existências”<sup>153</sup>. A presença ativa de Deus no mundo transparece e acontece na realização do ser humano. Não só quando o ser humano está se realizando, encontrando sentido, mas também, especialmente, nas ausências de sentido, no absurdo do mal que atinge a todos, em que sua presença é força de amor que convoca a plenitude, a humanização e ao sentido, apesar do mal<sup>154</sup>. Assim, sua manifestação ocorre na medida em que a história, apesar de seus choques, limites e retrocessos, é afirmada como história de salvação, onde o ser humano livre

---

<sup>151</sup> “As relações com a divindade foram sempre, por profundas motivações antropológicas, de enorme ambivalência: fascinação e horror, entrega e fuga, amor e temor, adoração e ressentimento. (...) O caso é que Deus foi sendo visto, cada vez com maior intensidade, como oposto ao progresso humano, como o grande obstáculo que impedia o crescimento humano, como a lei implacável que anulava a autonomia humana. Em uma palavra: como a negação que se tinha de negar através da afirmação atéia”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*. p. 76-77).

<sup>152</sup> “Se o homem nega a Deus, tem de haver uma razão, que, em última instância, consiste em crer que Deus o prejudicaria. Não se precisa de mais nada. Se uma pessoa é atéia, é porque no fundo lhe parece que vive mais feliz se Deus não existe. Mas porque aconteceu isto? Se Deus se apresenta no cristianismo como salvação, porque o homem moderno acabou percebendo-o como rival opressor?”(Ibidem, p. 30-31).

<sup>153</sup> SEGUNDO, Juan Luis. *O dogma que liberta*. p. 294.

<sup>154</sup> O caráter permanentemente ativo da ação de Deus é “a compaixão de um amor criador, que respeita a nossa justa autonomia, porém que por isso mesmo não só é sempre intimamente afetado pelo nosso sofrimento, senão infinitamente voltado para a nossa realização e a nossa possível felicidade, atento para apoiar o nosso esforço diante de tudo o que nos destrói e faz sofrer”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 235).

pode assumir seu processo de crescimento e experimentar, na medida do avanço em sua humanização, a alegria de uma vida realizada. Deus é então, não o rival do ser humano, mas a sua afirmação mais plena.

#### 4.1.2 Deus se revela como amor contra o mal

Deus se mostra a nós como amor. Ele está somente interessado em nosso bem e na realização de suas criaturas e isso o faz amando<sup>155</sup>. Sendo o mal inevitável, não podemos criar nem a hipótese da “permissão de Deus” e nem, imediatamente, apelar à incompreensibilidade do mistério. O que se disse até aqui é que Deus é radicalmente contra o mal e que em nenhum momento e por nada ele revoga essa atividade. Estando em atividade permanente, Deus não é aquele Deus “impassível” da concepção metafísica. A partir da metafísica, Deus é o imutável, o pleníssimo, tão elevado acima de nossas misérias que ficaria intocado por elas. Algumas passagens bíblicas superam a ambiguidade de Deus e nos dão uma luminosidade importante. Deus é incapaz de castigar, porque “suas entranhas se revolvem”, nos diz Oséias. Isaias nos diz que Ele é menos capaz de esquecer-nos do que uma mãe ao seu filhinho. Deus ama até mesmo os maus e fica angustiado aguardando pela volta do filho infiel, como nos diz a parábola de Lucas. Essas passagens são importantes para que conduzamos o discurso com coerência.

Contudo, vale observar todo o *movimento geral da história bíblica*. Para Torres Queiruga “quando na perspectiva de Deus como *Antimal* se lê todo o transcorrer da Bíblia, aparece com evidência que esse é o seu movimento mais autêntico, a mensagem decisiva que Deus pretende entregar à humanidade”<sup>156</sup>. Nós somos convocados a ajudá-lo nessa luta contra o mal, que é o possível remédio diante da dor e do sofrimento. Deus não está situado longe do mal e do sofrimento. Ele está dentro da história lutando contra o mal e, no mal, é o primeiro afetado. Ele é o Grande companheiro, o camarada ao nosso lado. Ele ama e se compadece porque compreende, porque Ele é “Deus e não homem”(Os 11,9). Deus não precisa odiar para rejeitar o mal. Por isso, não deixa de amar nem mesmo o verdugo, o assassino, o malvado.

---

<sup>155</sup> “O amor de Deus, afirmado sem limite nem temor (cf. 1Jo 4, 18), deve transformar-se na matriz permanente e definitiva de toda interpretação de seu agir em relação a nós. (...) Deus *consiste* em amar. Em nossa linguagem deficiente, devemos dizer que ele *nem sabe, nem quer, nem pode fazer outra coisa*” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 139).

<sup>156</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 235.

Assim, diante do mal, imediatamente, precisamos ver Deus já ao nosso lado<sup>157</sup>, oferecendo sua ajuda, mobilizando todos os recursos, convocando e “forçando” nossa liberdade para que colaboremos com ele na luta para eliminar ou diminuir os efeitos do mal<sup>158</sup>.

#### 4.2 O PECADO ORIGINAL EM NOVA COMPREENSÃO

Se Deus é puro amor, como compreender o pecado original? O primeiro pecado, segundo a concepção cristã tradicional, fere toda a humanidade de morte. O pecado teria estragado a criação que era perfeita. O paraíso se perdeu por causa de um pecado do homem e da mulher. As perguntas permanecem: se Adão e Eva eram perfeitos, como foi possível que pecassem? Como continuar sustentando que Deus é puro amor e ao mesmo tempo castiga por séculos e séculos bilhões de descendentes por causa de um pecado? Se Deus nos salvou definitivamente em Jesus, porque não o faz desde o princípio, sem que passemos pelo vale de lágrimas do mal?

A narração do pecado original não deve ser vista como um acontecimento *fático*, mas permite vermos um profundo valor *simbólico*. O que não se pode é tomar os símbolos e dar-lhes uma interpretação literal<sup>159</sup>. Tomar, por exemplo, o Gênesis no sentido literal é a melhor forma de falseá-lo. Para Torres Queiruga o relato bíblico traz duas verdades fundamentais. A primeira é de que Deus quer a felicidade dos seres humanos. E isso é representado pela ideia de “paraíso”. Segundo, o mal está do “outro lado” de Deus, não é de intenção divina e vem de algo alheio a Deus. Se Dele não sai o mal e se quer somente a felicidade do ser humano, então Ele está ao nosso lado contra o mal, é o Antimal que suscita a esperança de libertação.

A intenção ético-religiosa do relato afasta Deus da causa do mal e tende a situá-la na culpa humana. A culpa, porém é suscitada por um influxo externo. A Bíblia ao situar nesse influxo externo a causa do mal, de certa forma, nos faz pensar em como poderíamos construir

<sup>157</sup> “O Deus verdadeiro é o Antimal, isto é, aquele que está sempre do nosso lado contra o mal; esse mal que *identicamente* se opõe a nós e a ele em sua ação criadora e salvadora. Esse Deus é, como admiravelmente o expressou Alfred North Whitehead, ‘o grande companheiro, o amigo no sofrimento, que compreende’” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p.253).

<sup>158</sup> “Lutar contra o mal é colaborar com a sua ação criadora-salvadora; compadecer-se do sofrimento alheio, é incluir-se no movimento da infinita compaixão divina pelo sofrimento das criaturas”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 237).

<sup>159</sup> “Paul Ricoeur recorda isso em um ensaio justamente memorável. Por um lado, ele sabia muito bem que a interpretação literal dos símbolos, tomados como conceitos científicos, filosóficos ou teológicos, leva a verdadeiros disparates hermenêuticos: para o compreender, basta pensar nos esterelizantes conflitos que, a partir de Galileu, provocou precisamente a leitura literal dos primeiros capítulos do Gênesis. E, por outro, com o seu princípio ‘le symbole donne à penser’, pôs em destaque irreversível toda a riqueza do significado que se abre quando o *simbólico* é interpretado na sua intenção genuína” (Ibidem, p. 238).

uma reflexão sistemática sobre a causa radical do mal, para tentar explicar tanto o mal da natureza, das catástrofes e sofrimentos devido à liberdade humana, bem como ao caráter falível da liberdade enquanto tal. Se Adão e Eva, ou o ser humano, podem sofrer um influxo externo, ou podem “ser tentados”, é porque não são criados em estado acabado de perfeição máxima. E essa noção parece clara no Gênesis. As criaturas são finitas e dotadas de bondade radical porque procedem de Deus. “E viu que tudo era bom” (Gn 1, 1-2, 4a). Porém, as criaturas não estão isentas da *inevitável possibilidade do mal*, posto que não são Deus. Esse *influxo externo* que faz pecar pode ser assumido como o limite, a imperfeição original<sup>160</sup>, o caráter de *inevitabilidade* do mal, presente em toda a criatura. Segundo Torres Queiruga “a teologia do pecado original – ao acentuar até ao paroxismo a negatividade inicial – propiciou o movimento contrário, rompendo a sobriedade bíblica, de modo que, em contraste com o mais elementar realismo histórico, acentuou cada vez mais o caráter ‘perfeito’, ‘preternatural’ e ‘paradisíaco’ dos primeiros humanos”<sup>161</sup>.

Essa noção do perfeito, esticada e confirmada pela teologia, cria implicações perigosas na reflexão sobre o pecado original. De um primeiro pecado se cria uma consequência histórica eterna. Todos os humanos vão sofrer o mal por causa de Adão e Eva. O pecado inicial sofreu o castigo de Deus. Porém, Deus, mais tarde, para salvar a humanidade do pecado envia seu Filho, para redimir o pecado. A decisão de outrora é mudada pela decisão de agora. Castigou mas retirou o castigo na entrega do Filho. Porque essa mudança, se Deus é sempre o mesmo? Porque não perdoou o pecado desde o princípio, não infringindo o castigo? Ainda, em outra perspectiva, se Deus é amor gratuito que não espera nada em troca para nos salvar, porque precisa do sangue de seu Filho para nos salvar? Como compreendemos este “preço do pecado”? Pagar a Deus o que, se Ele é puro amor gratuito e não cobra nada?

A partir do enfoque que damos ao mal, percebemos pela ponerologia a *inevitabilidade do mal*. Essa é a marca que todos trazemos e que a tradição compreendeu como pecado original<sup>162</sup>. Ou seja, ninguém está isento dessa experiência de falibilidade e de passagem pelas consequências do mal<sup>163</sup>. O Vaticano II confirma esse princípio: 1) “O homem, examinando o

<sup>160</sup> Apresentar a criatura com seu caráter de *imperfeição original* poderia colocar em Deus a origem do mal, uma vez que Ele é o criador. Mas isso não é correto. Imperfeição aqui significa condição de possibilidade ao erro e não erro já consumado. Todas as criaturas são imperfeitas porque perfeito só Deus. Como ser perfeito obrigatoriamente Deus cria o imperfeito e não o perfeito, porque estaria criando a si mesmo, se autocriado.

<sup>161</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 239.

<sup>162</sup> Ver MOSER, Antônio. *O pecado*, p. 54.

<sup>163</sup> O teólogo Juan Antônio Estrada fala da inevitabilidade do mal, sem, contudo, falar precisamente com essas palavras. O que nos parece é que em algumas abordagens teológicas se tem certa dificuldade de admitir a inevitabilidade do mal. Pelos pressupostos com que se abordam os problemas ainda fica resquícios de que se

coração, comprova sua inclinação ao mal” e 2) os males “não podem ter a origem no seu Criador bom”<sup>164</sup>. A partir da Bíblia, por exemplo, em Paulo lemos que por Adão vem à morte (Rm 5,12) e por Cristo vem à graça e a vida (Rm 5, 15 e 18). Onde existiu o pecado a graça superabundou. Por um lado, vemos a experiência universal do mal-pecado e, por outro, a salvação universal trazida por Cristo. Certo que não sabemos precisar até que ponto Paulo interpretou o pecado original ou de Adão de modo *fático* ou na perspectiva *simbólica*. O fato é que Paulo tenta eliminar pela raiz os aspectos que marcam a miséria humana. Se a doutrina do pecado original nos diz que todos somos marcados pela queda e isso permanece no horizonte da vida, agora “nem resto de condenação há para os que estão unidos a Cristo Jesus” (Rm 8,1). Onde dominava a escravidão do pecado, reina a liberdade de filhos que permite clamar *Abbá!* Pai (Rm, 8, 16). Ainda, quando a palavra se refere ao julgamento diz que este consiste em que “o chefe deste mundo já está condenado”(Jo 16, 11). A argumentação última da palavra bíblica quer nos dar a certeza de que estamos sob o sustento de Deus e não do mal. Ele é o vencedor definitivo. O ápice do raciocínio nos diz que não há comparação. Onde houve o pecado e o mal a graça foi infinitamente mais forte (cf. Rm 5, 15-17).

Nesse caminho do simbolismo bíblico, recupera-se as conclusões obtidas na teodiceia. Quando falamos da finitude dizemos que daí nasce à condição de possibilidade para o mal. A criatura ao chegar à existência assume inevitavelmente a finitude. Contudo, Deus de modo algum é cúmplice do mal. “Se chama à existência, fá-lo para a felicidade, sabendo que o seu amor poderoso, ainda que não seja possível eliminar a limitação – seria eliminar-nos a nós -, tem poder para apoiá-la a seguir adiante, superando-a finalmente no cumprimento do seu projeto salvador”<sup>165</sup>.

Para nosso autor o esquema que perpassou a teologia ao falar da *história da salvação* foi o seguinte: “*criação do paraíso – pecado – castigo (mal no mundo) / promessa – redenção – perdão / salvação ou condenação escatológica*”<sup>166</sup>. Esse esquema aparece de certa forma,

---

quiséssemos poderíamos agir sempre corretamente evitando as conseqüências do mal. Só que não se percebe que nisso estaríamos pressupondo uma liberdade perfeita, ou seja, uma não-liberdade. Estrada fala do pecado universal sem falar da inevitabilidade do mal, mas dizendo o mesmo que essa significa. “A experiência universal do pecado, arquetipicamente representada por Adão e Eva, ‘pais’ de toda humanidade, é complementada pela ideia do pecado como realidade onipresente, coletiva e universal. Onde há vestígios do homem, aí também se encontra o pecado, e não é possível separar o sujeito humano de uma práxis pecadora”(ESTRADA, Juan Antônio. *A impossível teodicéia*. p. 135).

<sup>164</sup> *Gaudium et Spes*, n. 13.

<sup>165</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 241.

<sup>166</sup> *Ibidem*, p. 242.

como um pressuposto *invisível* em muitas teologias. No imaginário religioso de muitos, no início está o castigo e no final a ameaça do inferno. No meio está à cruz expiatória, “exigida” por um Deus ofendido<sup>167</sup>. Isso envenena a imagem de Deus. A culpa inicial, de Adão e Eva, cuja responsabilidade moral, nós definitivamente não teríamos, recaiu sobre bilhões de descendentes, pelo *castigo divino*. Por isso, todos estão aqui “*penando*”, tentando enfrentar as forças destruidoras do mal. Claro que as discussões teológicas também caminharam por outras vias, pois não foram todos a assumir o pecado como cerne para depois chegar à salvação. Muitos partiram da criação como realidade aberta a salvação. Deus criou e no dinamismo divinizador do seu amor a história chega à salvação, sendo Jesus o momento definitivo da revelação do amor e concretização da salvação. Mesmo Santo Irineu, ainda influenciado pela força da literalidade bíblica, já consegue estabelecer um pensamento avançado. A criação, a redenção e a glória formam um *continuum* em potenciação progressiva. A “carne” vai se abrindo progressivamente para acolher a salvação, até a glória definitiva<sup>168</sup>.

Diante disso, percebe-se que em relação a Deus e os temas que envolvem a vida em Deus, não temos que “inventar” nada. O que se faz necessário é diante da Palavra viva de Deus, tirar as consequências, dentro de novos paradigmas culturais, para uma imagem de Deus, que favoreça a realização humana, na adesão livre ao seu amor.

#### 4.3 JESUS COMO A CONCRETIZAÇÃO DO AMOR

Deus se mostra a nós, em Jesus, como amor e compaixão. A compreensão de que Deus se manifesta a nós esteve sempre presente no ser humano e na história das religiões<sup>169</sup>. O divino é experimentado como “transcendência ativa”, que vem ao encontro do ser humano,

---

<sup>167</sup> Torres Queiruga em outra perspectiva diz que “a *crux* mostra, com toda a força intuitiva da lógica religiosa, a inevitabilidade do mal, que, por outro caminho, descobre a lógica metafísica: nem sequer o “Filho bem-amado”, enquanto vive na limitação histórica, pode livrar-se do inevitável ataque do mal que, na paixão, alcança seu último horror quando fere, de forma idêntica, o Filho, em sua carne, e o Pai, em seu amor” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Fim do cristianismo pré-moderno*. p. 126).”Continua-se falando com demasiada facilidade de um “deus” que castigaria por toda a eternidade, e com infinitos tormentos, culpas de seres tão pequenos e frágeis como, afinal, somos todos os humanos. Ou que esse mesmo ‘deus’ exigiu a morte do seu Filho para perdoar nossos pecados; e grandes teólogos, desde Barth a Moltmann e Urs von Balthasar, não tem nenhum receio de afirmar, ainda hoje, que na cruz Deus estava descarregando sobre Jesus a ‘ira’ que tinha reservado para nós”(Ibidem, p. 83).

<sup>168</sup> SANTO IRINEU. *Contra as heresias*.p.153.

<sup>169</sup> “De fato, desde sempre e em toda parte os seres humanos acreditaram que Deus se manifesta a nós. Assim o comprovam as religiões, os mitos e os ritos da humanidade, que pressupõem sempre uma comunicação real entre Deus e o homem. Talvez devêssemos aceitar com uma naturalidade mais límpida este fato fundamental, sem nos empenharmos por fazê-lo raro, estranho e praticamente impossível”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar a Revelação: a revelação divina na realização humana*. Trad.: Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 170).

sempre por livre iniciativa dele. A partir desse princípio, toda religião se considera revelada. “*Enquanto o ser humano experimenta de algum modo – em si mesmo, na natureza ou na história – Deus como chegando a ele, como manifestando-se a ele, está tendo a experiência radical de revelação*”<sup>170</sup>. Esse princípio nos ajuda a ter um critério acerca do que seja revelação. Nem todas as experiências de Deus são revelação. A revelação é sempre de absoluta iniciativa divina e se abre para uma objetividade e uma experiência comum. Na Bíblia também temos o fruto objetivo de uma longa experiência histórico-religiosa. Nela aparece um povo religioso que descobre o divino em sua presença real e ativa. Claro que na Bíblia a clareza da revelação se dará com mais *especificidade*. A especificidade destaca, mas não reduz a revelação somente a ela. Deus sempre quis se revelar. Se revelou desde sempre na história da humanidade. Alguém se arriscaria a afirmar que Deus se mostrou apenas a um povo, quis falar e salvar somente a ele, tendo a imagem de Deus como amor em atividade permanente? Teria falado somente agora? Somente para alguns? Se a dinâmica do amor é dar-se sem reservas, teria se dado só num momento?<sup>171</sup>, o que nos parece cada vez mais claro é que Deus se revela a todos. Ama a todos incondicionalmente. Se isso é verdade não tem porque, nos argumentos teológicos, colocar condições para esse amor. Deus está presente em todos os homens e mulheres.

Revela-se a eles realmente, embora as deformações e limites humanos. As experiências mediadas pelas tradições religiosas podem ser meios da mais autêntica revelação. Digo, podem ser, porque em muitos casos, efetivamente, não são. A Bíblia aparece dentro desse *continuum* salvífico de revelação. O povo de Israel vive e expressa de modo específico essa revelação, iniciando a história santa que aparece recolhida na Bíblia.

Disso decorrem dois aspectos fundamentais. O primeiro é que, segundo nossa fé, essa história culmina na revelação total e definitiva de Deus em Jesus, o Cristo. Ele abre uma nova e definitiva perspectiva de vida para a humanidade, eliminando as ambiguidades de Deus, mostrando com sua vida morte e ressurreição, que Deus quer somente salvar. Segundo, que nessa manifestação e culminação a presença salvadora de Deus se dá a todos os povos. A salvação é destinada agora a todo universo. Supera-se o particularismo bíblico de um único povo. O Deus que se encontrava as “apalpadelas”, agora se oferece a toda humanidade, pois

<sup>170</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar a Revelação*. p. 174.

<sup>171</sup> “O esquema vulgar-tradicional – claro em seu esquematismo conceptual, mas horrível em seu simplismo salvífico – de um Deus que se revela a um só povo, permanecendo totalmente ausente de todos os demais que nada experimentariam de sua presença nem de sua força salvadora, passou definitivamente: ‘Tudo o que de bom e verdadeiro se encontra entre eles, A Igreja julga-o como uma preparação evangélica, outorgada por Aquele que ilumina todos os homens, para que enfim tenham a vida’, diz o Vaticano II” (Ibidem, p. 175).

nele e em sua presença reveladora, desde sempre todos “viviam, moviam-se e existiam” (cf. At 17, 27-28). Diante do Deus que se revela em Jesus não há porque ter medo.

O contato com a vida de Jesus na sua experiência com o Pai é altamente libertadora. “Nela podemos redescobrir com nova força o Deus que é criador e que é Pai, que vem a nossa vida para salvar e tornar livres, para apoiar e afirmar”<sup>172</sup>. O Deus que aparece em Jesus é o Deus, que em nada nega o homem, mas o afirma em todas as suas potencialidades. Ele defende o ser humano. Defende sobretudo o ser humano negado e caído.

A assombrosa novidade de Jesus foi opor-se “frontalmente a todos os que, em nome de quaisquer pretensos valores, principalmente religiosos, convertiam o pobre, o enfermo, o pecador, em não homem”<sup>173</sup>. Nessa perspectiva desfaz-se, por exemplo, a suspeita levantada por Feuerbach que sustentava que para Deus ser rico o homem tinha que ser pobre. Quando nos deparamos com o Deus de Jesus isso se esvazia. Jesus ergue o último para que seja gente, humano, como todos os demais. Qualquer ataque ao ser humano se opõe frontalmente com a vida e a palavra de Jesus. É, provavelmente, a partir disso que em Jesus encontramos o Deus que salva a todos. Que está em luta permanente contra o mal.

Na figura concreta de Jesus de Nazaré temos a concretização mais radical e plausível do amor. Ninguém amou mais do que Ele. A profundidade maior e inesgotável para a nossa captação, concentra-se no Cristo *agápe* feito carne<sup>174</sup>. Nele temos a absoluta *iniciativa* no amor. Ama espontaneamente sem esperar nada em troca. Nos amou “quando ainda éramos pecadores” (cf. Rm 5, 8. 10; 1Jo 4, 10). Em Jesus temos a *universalidade* que rompe todo vínculo étnico, não faz acepção de pessoas, por nenhuma condição, seja ela social ou religiosa. Somente foi intolerante com os intolerantes. “Não vim para chamar os justos, mas os pecadores” (cf. Mt 5,45). Nele encontramos a *absolutesz*, no perdão sem limites, “até setenta vezes sete”(Mt 18, 22); no mandamento levado ao máximo da realização subjetiva: “De todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento”(Mt 22, 37), e no máximo da totalização da exigência objetiva: “Nesses dois mandamentos consistem a Lei e os profetas” (Mt 22, 40). Nele se concentra o paradoxo daquilo que nos parece impossível: “Amai vossos inimigos” (Mt 5, 44) e nisso, alcançamos o grau máximo da reconciliação, “para vencer o ódio com o amor”(cf. Rm 12, 21). Ele apresenta o cume mais alto dos valores:

<sup>172</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai*. p. 44.

<sup>173</sup> Idem.

<sup>174</sup> “Jesus, ‘por sua presença e manifestação, por suas palavras e ações, por seus sinais e milagres, e, especialmente por sua morte e ressurreição’, representa a tradução concreta da *agápe* divina e a norma infalível de sua interpretação”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. p.135).

“Mas a maior é a caridade” (1 Cor 13, 13), submetendo a validação de toda atividade a esse princípio, pois “ainda que distribuísse todos os meus bens aos pobres ou entregasse o corpo às chamas” (cf. 1 Cor 13, 3) sem amor, de nada valeria. Em Jesus manifesta-se a *kénosis*, do amor que ama a todos, descendo ao mais baixo, para o nada dos condicionamentos sociais, resgatando o humano, numa entrega sem reservas “até a morte”(cf. Fl 2, 5-8). Na figura concreta de Jesus de Nazaré, encontramos a especificidade insuperável, que traz ao mundo uma dinâmica nova de amor. Esse *novum* absoluto confirma radicalmente a ação continuada de Deus como Antimal.

#### 4.4 A AÇÃO DE DEUS NO MILAGRE: UMA NOVA IMPOSTAÇÃO

O fim da visão intervencionista de Deus muda a compreensão de milagre. “A descoberta da autonomia das leis naturais questionou de maneira radical a ação divina no mundo: não cabe considerá-la em igualdade com as realidades empíricas, como uma causa a mais entre as causas mundanas”<sup>175</sup>. Dizendo em outras palavras, não podemos considerar que o mundo funciona por leis próprias em alguns momentos e em outros, pontualmente, por ações divinas. Pensar que Deus age aqui ou acolá, segundo sua liberdade e vontade, embora seja uma ideia aparentemente piedosa, apequena Deus. Basta, por exemplo, considera-se a chuva como consequência da intervenção divina. A ciência da natureza sabe que isso não é verdade. A chuva é um fenômeno regulado pelas leis da própria natureza. A influência religiosa, no entanto, insiste em afirmar que Deus manda chuva. Nesse caso, nem se percebe que se está reduzindo a ação de Deus como “uma a mais”, entre as causas mundanas. As causas do mundo e as causas de Deus se equivaleriam.

Ocorre que o Deus amor é um Deus ativo. O Deus revelado na Bíblia aparece como um Deus que move a história, sustenta e anima a existência. A consequência dessa verdade aparece de muitos modos. Na teologia aquilo que chamamos de *deísmo intervencionista*<sup>176</sup>, traz uma visão intermitente de Deus. Essa visão mostra Deus numa ação gradual ou escalonada. Sua ação não seria sempre igual. Por vezes, em *ações extraordinárias*, Deus realiza milagres explícitos; em dificuldades especiais age com *ajudas ou complementos*; e na

<sup>175</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Esperança apesar do mal*. p. 97.

<sup>176</sup> “Em geral, o que costuma prevalecer é uma *visão deísta*, na qual a vida marcha por sua conta aqui na terra e Deus fica lá, acima, no céu. Dali pode então exercer de vez em quando influxos concretos, o mais das vezes na forma de ‘graças’ ou ‘ajudas’, em ocasiões com ‘milagres’; por isso se lhe ‘suplica’ para que acuda a remediar determinadas necessidades ou que se recorde de tais ou quais pessoas” (Ibidem, p. 98).

normalidade da vida com *inspirações e graças*. Veja que aparentemente esse discurso não parece nada inofensivo. A sensibilidade religiosa crê que Deus realiza milagres, em ações pontuais, que está sempre ajudando a vencer os obstáculos e que a todos oferece sua graça e inspiração. Toda essa compreensão traz, no entanto, consequências.

A noção que está por traz dessa ideia de ação gradual de Deus é de que Ele está fora do mundo. Olha de cima e age pontualmente, preocupa-se em resolver o problema, ajudar a resolvê-lo ou ao menos suscitar nos seres humanos a percepção para que se tenha um agir eficaz. Ele estaria com isso, na medida de sua vontade livre, ajudando a todos a vencer os problemas, superar os males e manter vivos. Essas ações pontuais, porém, não poderiam ser continuadas e resolverem todos os problemas? Se Deus pode resolver para alguns, por que não resolve para todos? O que lhe custaria? Resolver tudo seria o mesmo que mudar o mundo, suprimir a finitude e retirar a liberdade. A noção de que Deus age a partir de fora, somente em ações pontuais, levanta esses questionamentos. Traz a nossa sensibilidade a ideia de que Ele age em favor de alguns, de um grupo, em alguns momentos e não em favor de todos e o tempo todo. Isso questiona o amor gratuito e desinteressado que se importa com todos independente da condição em que se encontram. Mas ele não ama mais, preferencialmente os pobres e fracos? É difícil de responder isso. Imediatamente inclinar-se-ia a dizer sim. Contudo, será correto dizer que Deus ama mais alguns ou será melhor dizer que é a característica do amor inclinar-se ao mais frágil e necessitado? Deus ama a todos com a mesma intensidade. E esse amor intenso é suficiente e ultrapassa toda a medida, por isso, é capaz de envolver e salvar desde o último, o mais fraco, até aquele que se considera autossuficiente e soberbo. Não é que o amor de Deus é mais intenso para alguns e menos para outros. De outro modo, porque é tão intenso, consegue se manifestar como amor preferencial<sup>177</sup>, sendo que, se não fosse assim não conseguiria. A intensidade desse amor encontra morada, contudo, na realidade e no coração que acolhe na liberdade.

Essa acolhida, pode-se dizer que é a resposta da fé. Fé não exclusivamente religiosa. A resposta da fé, no entanto, deve ser entendida não no sentido de que Deus agiu somente ali, porque a pessoa tinha fé. Porém, como Deus agiu e age sempre *em todos*, naquele que respondeu pela fé, ocorreu mais vida e salvação. Nessa perspectiva, concebesse Deus, não como longe e afastado da realidade, mas transcendendo a realidade e promovendo-a *a partir*

---

<sup>177</sup> Uma boa reflexão sobre o sentido de “eleição” e de opção preferencial faz o teólogo Luiz Carlos Susin no artigo: Povo eleito: A opção preferencial pelos pobres e a identidade messiânica *in* CAAMAÑO, Xosé Manuel; CASTELAO, Pedro. *Repensar a teoloxía, recuperar o cristianismo*. p. 387- 395.

*de dentro*. “Nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17, 28). Deus está ativo dentro da realidade. “Meu Pai trabalha sempre” (cf. Jo 5, 7). Ele promove *continuamente e por dentro* as leis da própria criação e a vida das criaturas. Está em contínua criação. Não para de criar. “Somos graças à ação criadora de Deus, e sem ela cairíamos imediatamente no nada, porém somos de verdade, somos *nós*”<sup>178</sup>. Nós somos. Temos autonomia de ir e vir, de fazer e não fazer. Porém, dentro de nós, Deus age. Ele age em nós. Pela sua ação, não substitui a nossa ação. Atuamos graças a ação promotora de Deus, que tem contados “os cabelos de nossa cabeça” (cf. Mt 10, 30). Deus está *presente e atuante* sem substituir nem o ser nem a ação da criatura, mas *através* do ser e da ação da criatura. Quanto mais Deus está, mais a criatura é; quanto mais acolhida a sua *atividade* pela criatura, mais essa *atua*.

Volta-se, pois a questão do milagre. Já dissemos que Deus não pode ser concebido como uma causa entre as causas mundanas. Algumas coisas é Ele que faz e outras não. Para Torres Queiruga a verdadeira concepção de Deus se torna incompatível com a ideia de milagre. Qual milagre? “Com o milagre concebido como intervenção *empírica* divina, inexplicável e irrealizável pelo funcionamento próprio das causas mundanas”<sup>179</sup>.

O autor defende isso primeiramente a partir de uma razão *metafísica*. Pensa-se que uma pessoa fica curada depois de uma petição devota ou intercessão dos santos. A pergunta que se faz é: porque não antes? Se Deus é amor gratuito e age livremente, porque esperar uma motivação *secundária* e externa a ele? Para Torres Queiruga “isso implicaria nada menos que a negação da *infinitude* do seu amor e do seu estar sempre em *ato* (...). Logo, *antes* o seu amor nem era infinito e nem estava totalmente atualizado”<sup>180</sup>. Observa-se como as consequências das nossas crenças, afirmações e compreensões aparecem, basta colocá-las no crivo da razão que pergunta. Aqui, porém, tem-se-ia outra forma de compreender. Para não negar a infinitude do amor de Deus, teria que dizer que não foi à causa secundária que motivou Deus a ação. O doente, porém, abriu-se por meio da oração e de outras situações, que por nós não são controláveis, ao amor infinito que *já estava ali* entregue e oferecendo a cura e a vida. E nessa acolhida fica curado. Entra aqui a questão da liberdade e da percepção que capta a graça da cura, mesmo sem perceber.

Ocorre, que o problema permanece. Se todos oram e confiam e estão abertos a Deus e a Ele não custa nada curar, e todos desejam a cura, por que não ficam todos curados? Para

---

<sup>178</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 245.

<sup>179</sup> *Ibidem*, p. 248.

<sup>180</sup> *Idem*.

nosso autor a compreensão do milagre distorce a imagem de Deus. Se os milagres fossem possíveis como os concebem, ou seja, em determinadas situações, a consequência seria terrível. A primeira, diante de tão grandes e graves necessidades, se à onipotência de Deus não custaria nada curar, não o fazendo, mostrar-se-ia um Deus avarento, indiferente e cruel. Uma segunda consequência se refere ao *favoritismo* que seria incompreensível. Por que atender a alguns e não a todos? Acrescenta-se a isso a retórica, muitas vezes fundamentada na letra da Bíblia, em que há oferecimento de sacrifícios ou recorresse a intercessores para convencer a Deus para a ação<sup>181</sup>.

Esta situação, no mínimo, nos põe a pensar. A questão não é negar o milagre, mas sim rever a compreensão que temos dele e os pressupostos que o fundamentam. Pensar que Deus intervenha pontualmente violando as leis do mundo que ele mesmo criou, nos obriga a pensar que na criação, teria deixado algo por fazer. Não fez na criação e agora vai fazendo aqui e acolá, em algumas situações específicas. Age para eliminar pontualmente a doença, quando podia ter feito isso como lei interna a criação. Esse raciocínio volta àquilo que chamamos de círculo quadrado. Pensar um mundo criado, sem o mal, sem as doenças é uma contradição. A ponerologia nos trouxe a ideia da inevitabilidade do mal. Diante da finitude, nas múltiplas necessidades que há de eliminar a doença e o sofrimento, a lógica de ir destruindo uma a uma essas doenças através de milagres, acabaria com a própria finitude e conseqüentemente destruiria o mundo. Para Torres Queiruga “vindo o mal em última instância das insuficiências, dos erros e dos conflitos provocados pela finitude, uma onipotência milagrosa que, como ‘um super-homem ubíquo’, os quisesse remediar teria que ir eliminando uma a uma todas as deficiências, até anular a própria finitude”<sup>182</sup>. Anulando a finitude o mundo deixaria de ser mundo.

Todo esse cenário produz uma mudança grande. E aí, onde ficam os milagres? E o poder de Deus? O que pareceria uma diminuição do poder e da maravilha de Deus, é na verdade, em nova perspectiva, a exaltação e a afirmação de sua ação contínua e incessante em

---

<sup>181</sup> Torres Queiruga clareia a questão a partir de um exemplo. “Suponha-se em um hospital uma enfermaria com vários doentes terminais, e que nela, graças, por exemplo, á novena feita por um familiar devoto, um deles fique milagrosamente curado. A surpresa inicial mesmo pode parecer uma confirmação da fé e do valor da oração. Porém, seguramente crítica não tardará em vir à tona. Primeiro, nos outros enfermos: por que ele ou ela e não eu? E em seguida, no próprio enfermo, se é minimamente crítico e reflexivo: fiquei tanto tempo sofrendo, porém Deus não me curou até que um familiar, que gosta de mim de verdade, o convenceu; porém se me curou, também poderia curar estes outros; além disso, vejo toda a equipe médica fazendo o possível para curar e aliviar o nosso sofrimento, e, no entanto, Deus não faz nada, mesmo lhe custando apenas o mínimo esforço...(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 248 – 249).

<sup>182</sup>TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 249.

favor de todas as criaturas. Negar as intervenções pontuais não é tornar Deus passivo e inoperante. É exatamente o contrário. Deus trabalha sempre. podemos falhar, mas Deus nunca falha. As criaturas manifestam culpa e insuficiência e por isso, muitos males podem ser produzidos nelas e por elas. Deus, porém é sempre amor infinito, criador, ativo e sempre entregue. Nós dormimos, mas Deus “não dorme e nem adormece”(Sl 121,4), procurando a nossa salvação.

Na Bíblia a ação de Jesus de Nazaré em acontecimentos especialmente chamativos, permite perceber e captar a presença salvadora que animava toda a sua vida, atuação e palavra. Os milagres ou *sinais* são exatamente, a confirmação de que sua ação é de oposição permanente ao mal, como o Deus Antimal. Claro, que para o povo da época, impregnado por uma visão religiosa, era fácil e normal atribuir à intervenção direta de Deus aquilo que não parecia fruto da ação humana<sup>183</sup>. Porém, como já se apresentou, não se pode colocar a ação de Deus *ao lado* de *outras* causas mundanas. A ação de Deus é causa *nas* causas. Agindo no todo atua por dentro das causas mundanas. A ação de Deus não fica reduzida a algumas causas milagrosas, mas agindo em toda a realidade é o sustentáculo universal de toda vida e realidade. Por isso, para Torres Queiruga “justo porque não há milagres isolados e intervencionistas, tudo pode ser percebido como ‘milagre’ pelo olhar iluminado pela fé”<sup>184</sup>.

Com isso o nosso autor estaria negando todo tipo de “acontecimento extraordinário”? Não. Porém, se pensado “favoritistamente” sim. Os acontecimentos extraordinários acontecem não porque Deus escolheu algum e deixou de lado os outros. Deus olha por todos. Age em todos. Ama a todos com toda intensidade. O seu amor está sempre velando pelo bem da criação, de modo que tudo o que nos acontece de bom manifesta sua vontade e alegria. Assim, não se enganam as pessoas que pela sua confiança, seu fervor religioso, sua oração, recebem em si mesmas ou produzem para si ou para outros verdadeiras curas. Se em um santuário eu sinto a mão de Deus, posso confiar que ele *de fato* está ali. Nessa presença posso captar seu amor que produz em mim verdadeira cura. Além disso, através dos médicos ou de pessoas que possuem dons especiais de cura, as forças curativas podem ser despertadas e ocorrer assim avanços benéficos, ou extraordinários e muitas vezes incompreensíveis. Por

---

<sup>183</sup> “A diferença está em que a mentalidade taumatúrgica daquele tempo, exatamente porque não fazia as nossas distinções seculares, misturava espontaneamente o extraordinário *real – curas ou exorcismos-* com o extraordinário que hoje percebemos como *fantástico – milagres da natureza, ressurreições...* Não podemos, portanto, reviver simplesmente a sua mentalidade nem aceitar intocada a sua letra. Porém, isso não tem porque significar uma percepção diminuída nem muito menos uma negação do verdadeiro núcleo da vivência: a saber, a presença atuante de Deus em todos os acontecimentos da natureza e da história”(TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 250).

<sup>184</sup> *Ibidem*, p. 251.

isso, aqui não se nega a verdade de acontecerem fatos extraordinários ou ditos milagres, que muitas vezes são incompreensíveis.

O que se refaz é a compreensão desses sinais. Não se tem o controle, a compreensão exata, do que de fato produz a cura. No entanto, é mais sensato dizer que o Deus que age em tudo, naturalmente, também agiu ali. A sua ação, no entanto, não é uma causa a mais *ao* lado de outras causas humanas, mas sim a causa *dentro* de outras causas. Não acontecem “milagres” porque Deus agiu *pontualmente*, mas porque Deus agindo no todo da realidade, suscita continuamente coisas maravilhosas que acontecem, não porque merecem ou foram eleitos, mas porque a gratuidade do amor produz salvação cura, alívio de sofrimento, superação do mal, na realidade inteira, sendo que às vezes nós a percebemos com evidência e ao mesmo tempo mistério e outras vezes, certamente, nem as percebemos.

#### 4.5 DEUS QUE FALA CONTRA O “SILÊNCIO DE DEUS”

A manifestação de Deus como Antimal se revela também no tema do “silêncio de Deus”. A tese de que Deus silencia está muito presente na teologia. Esse tema do pressuposto de que, se Deus quisesse – e esse é o problema e o engano - poderia manifestar toda a sua vontade, nos dando absoluta clareza acerca dos nossos caminhos e de sua vontade. É o mesmo pressuposto que perpassa o problema do mal, isto é, “*pensar que a revelação divina poderia dar-se com perfeita clareza, para todas as pessoas e desde o começo da história, e que portanto é tão obscura e precária porque Deus não a quer fazer mais clara e universal*”<sup>185</sup>. Essa concepção parte de uma imagem de Deus, ‘se quisesse poderia’, sem levar em conta o constitutivo limite da criatura. Entra-se no cenário do círculo quadrado, possível pela junção de ideias, mas impossível a partir da constituição mesma da realidade. Esta afirmando a possibilidade da subjetividade finita da criatura captar perfeitamente a infinitude de Deus, ao invés de perceber o *limite concreto* da criatura atribui-se a uma *vontade* de Deus de não se manifestar.

Já se disse reiteradas vezes, o Deus que cria por amor tem o único interesse de se mostrar e salvar. Está sempre disposto a ajuda total. É óbvio, que no que depende Dele, não tem sentido falar em limitação ou reserva. É amor gratuito, como a Bíblia não cansa de repetir, que não faz “acepção de pessoas” (cf. Rm 2, 11; Ef 6, 9, Cl 6,9; 1Pd1, 17...). Ele quer

---

<sup>185</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 262.

que “todas se salvem” (1 Tm 2, 4). Os limites de não perceber Deus, não acolher salvação, estão sempre do lado das criaturas. Como no tema do mal, são exatamente aquilo que Deus não quer.

Esses limites são um dos rostos daquilo que se chama de *inevitabilidade do mal*. Para o nosso autor “a revelação na história não resulta tão lenta, obscura e tateante por avareza ou falta de generosidade divina; pelo contrário: as dificuldades são a prova da ‘luta amorosa’ de Deus, que, apesar da incapacidade e as resistências humanas, consegue ir se revelando na nossa história”<sup>186</sup>.

Um argumento que Kant, já teria levantado, contra esse princípio é de que se Deus se revelasse completamente anularia a liberdade humana. Por isso, não o faz. Um autor mais recente, John Hick, também sustenta o silêncio de Deus como necessário, para que as pessoas tenham uma liberdade genuína em relação ao seu criador<sup>187</sup>. Esses posicionamentos são possíveis apenas a partir de uma concepção negativa de liberdade. Deus não faz para nos poupar. Não somos nós a decidir, mas ele já decide, em parte, por nós. A liberdade em sentido mais positivo é a capacidade de decisão autêntica, apesar dos nossos instintos de egoísmo, resistências e fechamentos. A liberdade genuína e perfeita na relação com Deus é a que esperamos na escatologia final, além dos condicionamentos e limites da história. Se fosse possível agora não teria sentido depois. Existe, portanto uma questão de *impossibilidade restrita*. A plenitude e infinitude de Deus ficaria negada pela captação completa e perfeita no limite de um ser histórico e finito. O Deus Infinito ficaria circunscrito dentro do limite do finito. Santo Agostinho já havia previsto essa impossibilidade quando afirmou “se o compreendes, não é Deus”<sup>188</sup>. Isso significaria a anulação do próprio ser humano que precisa amadurecer na liberdade, no tempo e na história. Deus e homem seriam negados concomitantemente.

Essa postura não implica desconhecer o que na Bíblia se apresenta como *aparente* ausência de Deus. São inúmeros casos em que Deus parece ausente. Não fala, quando deveria falar. Não atende e parece não ajudar. Ocorre, que o ponto de vista para essa compreensão é sempre humano e não a partir de Deus. O homem vê assim e não que Deus seja assim. “Para o nosso bem e para a honra de Deus, é preciso insistir que se trata da *interpretação falsa* de uma

---

<sup>186</sup>TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 263.

<sup>187</sup> Ibidem, p. 264.

<sup>188</sup> SANTO AGOSTINHO. *Sermão* 117, 3, 5:PL 38, p. 663.

limitação inevitável”<sup>189</sup>. Por isso, pensar a partir do pressuposto de que *se Deus quisesse* poderia revelar-se plenamente na história é um engano. Assim sendo, falar do “silêncio de Deus” fica no mínimo distorcido e desnecessário. Esse suposto “silêncio” além de falsear Deus, negaria seu amor. Apresenta Deus como cruel. Poderia falar, mas não fala. Não falando não se faz entender e nem ajuda. Nos deixa entregues a sua arbitrariedade, falando quando ele quer. Isso também nega o princípio da missão evidente na Escritura, “vai e diz ao meu povo” (Is 6, 9) e “ide e anunciai a todos os povos”(Mc 16, 15). Desde sempre a Igreja compreendeu que na luta contra o mal, nós somos “as mãos de Deus”. No Primeiro Testamento o profeta é como que a “boca de Deus”. Assim, seria estranho pensarmos que temos a missão continuada e interrompida de falar de Deus, ajudar as pessoas a compreenderem sua palavra, lutar com todas as forças contra o mal e contra as resistências e fechamentos que impedem a acolhida da palavra e, ao mesmo tempo, pensar que Deus, quando poderia fazer tudo isso sem esforço, sem abster-se de fazê-lo. Ao contrário, Deus está numa “luta amorosa” para fazer-se entender, falando sempre e em todas as situações, sendo que, nós o auxiliamos nessa luta, na medida de nosso empenho para anunciar e de nossa abertura para acolher.

#### 4.6 SENTIDO E NÃO SENTIDO DA PERGUNTA: “ONDE ESTAVA DEUS DIANTE DO HOLOCAUSTO”?

A II Guerra Mundial traduz um dos mais horrendos crimes da história humana. Falando na perspectiva de nosso estudo, dizemos que é uma das piores e mais fortes manifestações do mal. Como interpretamos esse acontecimento? Para a análise, não se devia destacá-lo da história e vê-lo separado de outros milhares de crimes que atingiram a humanidade. Segundo, não se deve analisá-lo imediatamente pelo viés religioso.

A análise pelo viés religioso, coloca imediatamente a pergunta do por que Deus mandou ou permitiu. Isso parte do pressuposto de uma visão intervencionista de Deus. Na Bíblia comumente os conflitos, catástrofes e guerras são castigos divinos, tanto individuais quanto coletivos, derrotas e vitórias de Israel são analisadas na perspectiva de castigo nas derrotas e de eleição nas vitórias.

Colocar Auschwitz dentro dessa perspectiva produz consequências terríveis. Deus teria mandado ou permitido isso ao *povo eleito*? Se dissermos que sim, as consequências

---

<sup>189</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 264.

lógicas para a imagem de Deus são terríveis. Em continuidade com a história bíblica poderíamos ver esse acontecimento com a finalidade divina. Deus teria “castigado”, “provado” ou buscado “educar” o “povo eleito<sup>190</sup>” com esse acontecimento. A teologia, diante da magnitude da desgraça, da vergonha humana desse acontecimento, ou nega a Deus proclamando sua morte (Richard L. Rubinstein). Se Deus podia evitar e não fez, é cruel. Como isso não pode ser verdade, logo não existe. Alguns limitam seu poder. É melhor conceber Deus como limitado do que eliminá-lo do horizonte da vida, como afirma Hans Jonas. Ou ainda, muitos se refugiam na incompreensibilidade do mistério (Emil Fackenheim)<sup>191</sup>. Claro, que, além dessas, existem muitas e matizadas posições.

Rubinstein comentando a partir de um texto do rabino Heinrich Grüber, que parte da ideia do povo eleito, afirma a morte de Deus. Para o rabino, de alguma forma Auschwitz pertencia ao plano de Deus. Deus queria que os judeus morressem<sup>192</sup>. Rubinstein diante disso questiona: como os judeus depois de Auschwitz podem ainda crer em um Deus onipotente e benfeitor? Como podem ver Hitler como instrumento da vontade de Deus?<sup>193</sup> Se afirmarmos

---

<sup>190</sup> É importante constatar que Torres Queiruga não avaliza o conceito de “eleição” como distinção a partir de uma escolha divina. Para ele “a ‘eleição’ de uns seria o abandono dos demais. (...) É claro que, impelido pelo seu amor livre e generoso, o Deus que ‘quer que todos sejam salvos’ busca, por todos os meios, fazer-se sentir o mais rápida e intensamente possível por todos os homens e mulheres desde a criação do mundo. (...) Ocorre que cada tradição o recebe á sua maneira e segundo a limitada mediação de suas capacidades. (...) Sintetizando: é como se Deus, o fundo luminoso do ser, estivesse pressionando continuamente a consciência da humanidade para emergir nela, fazendo sentir sua presença (sua revelação). (...) A ‘eleição’ de Israel responde perfeitamente a esse esquema. Não se trata de que Deus ‘comece’ sua manifestação com a história bíblica. O que ocorre é que, isso sim, no seio de sua manifestação à humanidade um grupo determinado vai iniciar um tipo peculiar de experiência. Uma peculiaridade que foi determinada por diversas circunstâncias, dentre as quais a experiência da saída do Egito, a localização num cruzamento de religiões e culturas, e sobretudo – seria uma consequência? – o estilo ético, pessoal e histórico em que foi se configurando sua relação com Deus; todas essas circunstâncias desempenharam um papel determinante. Daí nasceu *seu* modo específico de captar a *comum* ‘pressão’ religiosa de Deus sobre a consciência da humanidade” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Esperança apesar do mal*. p. 54-59)

<sup>191</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 268.

<sup>192</sup> “O Dr. Grüber levantou-se da sua cadeira e de modo mais dramático tirou a bíblia de uma estante, abriu-a e leu: ‘Por tua culpa somos cotidianamente aniquilados’ (Sl 44,23). ‘Se Deus deseja a minha morte, eu a entrego’, continuou. ‘Quando comecei o meu trabalho conta os nazistas sabia que me matariam ou iria a um campo de concentração’. Eichmann perguntou-me. ‘Por que ajuda os judeus? Não o agradecerão. Eu tinha a minha família; ali estavam a minha mulher e os meus três filhos. Porém disse: ‘Faça-se a Tua vontade ainda que me pecas a morte’. Por alguma razão, era parte do plano de Deus que os judeus morressem. Deus exige diariamente a nossa morte. Ele é o Senhor, Ele é o amor, tudo está na sua proteção e ordenamento” (GRÜBER, Heinrich. *After Auschwitz* apud Ibidem, p. 269). Reflexões desse tipo são extremamente perigosas e não limitam a violência. Quem colocará limites para a ação há um pensamento deste tipo? Quem erigirá a bandeira do “não matar”? Os radicais do Estado Islâmico (ISIS) atualmente não agem a partir de princípios assim? Quem os deterá? Por isso, urge que a fé seja também racional. Sem racionalidade e universalidade a fé pode ser altamente perigosa.

<sup>193</sup> Para Rubinstein “enquanto continuamos mantendo a doutrina da eleição de Israel, permaneceremos abertos à teologia expressa pelo Deão Grüber: porque os judeus são o Povo Escolhido de Deus, Deus quis que Hitler os castigasse. (...) Como podem os judeus depois de Auschwitz crer em um Deus onipotente e benfeitor? A teologia judaica tradicional sustenta que deus é o ator último e onipotente no drama histórico. Interpretou cada grande catástrofe na história judaica como castigo de Deus para um Israel pecador. Não conseguem ver como se pode manter esta postura sem ver em Hitler e a SS como instrumentos da vontade de Deus. A agonia dos guetos

que a guerra foi castigo de Deus, conseqüentemente o mal é algo bom e os algozes e carrascos instrumentos da vontade de Deus. Isso, claro, chega a dar um arrepio em nosso corpo e, provavelmente, não pode ser considerado apenas uma blasfêmia. Independente da piedade que endossa esse tipo de argumento, estamos diante da mais extrema aberração, insensibilidade e irracionalidade. Por isso, qualquer texto bíblico ou qualquer argumento de inspiração divina que legitime essa postura deve ser rejeitado. Deus não pede a morte. Não quer a morte e está o tempo todo, conosco, lutando contra toda e qualquer atitude e realidade que ameçam a vida. Assim sendo, devemos evitar chamar Auschwitz de Holocausto<sup>194</sup>. Não foi, não é e nunca poderá ser visto como oferta agradável a Deus. Qualquer teologia que legitime isso deve ser questionada, para não dizer, rejeitada de princípio. Hoje, são poucos os que ainda denominam esse crime de holocausto. As palavras seculares tendem a falar de catástrofe, destruição ou extermínio. O fato é que se trata de um horrendo *crime humano*, perpetrado contra Deus e contra a humanidade. Tratá-lo como crime humano é, exatamente, para desvinculá-lo de qualquer intencionalidade divina.

A finalidade divina de tal acontecimento deriva do conceito de *eleição*, presente na história de Israel e manifestado pela revelação bíblica. Os profetas já chamavam atenção à categoria de eleição. Para Torres Queiruga a eleição tende a se converter em privilégio. “Porque então se reintroduz a lógica finalista. Até para o mal: se somos escolhidos, porque estas coisas acontecem *conosco*? Com isso, o mal é atribuído – de novo – diretamente a Deus, convertendo-se ou em “castigo” ou em “abandono” ou ainda em “missão”<sup>195</sup>. Se Israel é o povo eleito, tudo o que acontece a ele, tanto bens como males, estará dentro da perspectiva divina. Nada estará fora do plano de Deus. Seria estranho destacar alguns acontecimentos, por piores que sejam, e colocá-los fora desta perspectiva. Isso, evidentemente, se torna um problema.

---

européus não pode ser comparada com a prova de Jó. Para ver algum tipo de intenção (purpurose) nos campos de extermínio, o crente tradicional é orçado a contemplar a mais demoníaca e anti-humana explosão em toda a história como uma expressão significativa dos propósitos de Deus. A ideia é simplesmente demasiado obscena para que eu possa aceitar” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 260).

<sup>194</sup> “Sublinhando que na Bíblia ‘Holocausto’ correspondia à decisão de um indivíduo de ‘apresentar uma oferenda para honrar e reverenciar ao Criador’ (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 270). De que maneira poderíamos colocar os horrores da II Guerra dentro desse princípio? Se aparece como uma das maiores ofensas a dignidade humana, ao amor, a acolhida e o respeito, como Deus estaria aprovando isso? Por isso, é no mínimo estranho que Bento XVI ao visitar os campos de concentração tenha perguntado: “Onde estava Deus”? Como papa e teólogo de envergadura que é, colocamos um ponto de interrogação na sua própria atitude de perguntar.

<sup>195</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *A esperança apesar do mal*. p. 141.

Partindo-se do pressuposto de que o Deus amor está acompanhando a história como o Antimal, de que está sempre incansável e criadoramente ativo, fundando e apoiando a nossa responsabilidade, então a perspectiva muda. Ele não é um Deus intervencionista. Desse modo, não podemos sacralizar a história de algum povo, nem esvaziar a ação de Deus, mas manter a profunda experiência de Deus na tradição bíblica. Deus agiu e age na história, em toda história e na história de todos. Sacralizar a história é, exatamente, ver algum acontecimento com finalidade divina ou algum povo como unicamente eleito e não toda a história. Se Deus se mostra como o Antimal, não há razão de ver num dos maiores crimes da história a finalidade divina.

O que se pode dizer é que também ali, sofreu com a morte e o extermínio, apoiou todas as ações e tentativas de evitar o mal e esteve ao lado e dentro da realidade apoiando a superação dos conflitos e do sofrimento. Claro, que o fez na mesma medida que as próprias condições de um mundo autônomo e livre o permitiam. Pensar que, ali poderia agir pontualmente, evitando todo mal, é entrar no mesmo raciocínio do círculo quadrado e perguntar por que Deus não evita o mal. E, como sabemos, essa é uma pergunta sem sentido.

Não se pode, contudo, deixar de perceber a particularidade da história judaica e nem do genocídio nazista. Também não se pode incorrer em alguns outros erros, o primeiro se refere ao *isolamento*<sup>196</sup>. Esse significaria isolar Auschwitz dos muitos outros crimes humanos ocorridos na história, cada um tem sua particularidade e densidade, porém estão dentro das manifestações do mal e da perversidade humana. O segundo perigo é da *exclusã*, esta não levaria em conta as inúmeras vítimas, de todos os tempos, ciganos, homossexuais, desvalidos, índios... Ainda, as mais de 50 milhões de pessoas que morreram na mesma guerra, de uma morte talvez menos terrível, mas não menos absurda e injusta. Todos são vítimas, e essa é a única e verdadeira universalidade.

Não é uma identidade sacra, no caso a “eleição” que as torna mais ou menos vítimas. Como ensinou Lévinas, a vítima não precisa de outra credencial ou outro título que não seja ela mesma, seu “rosto”. Outro perigo seria *fazer das vítimas melhores que Deus*. Como já se falou, seria aquilo que o rabino Deão Grüber manifestou – o citamos numa nota – de que ele

---

<sup>196</sup> “Em primeiro lugar, rompe-se a universalidade, pois, as distinguir entre vítimas e vítimas, criam-se inevitavelmente as *infravítimas*, que podem acabar tornando-se invisíveis. É o que tantas vezes ocorreu com os ciganos, os homossexuais e os deficientes do Holocausto, e pode continuar acontecendo com todos os que se encontram nas distintas periferias, sem voz própria em companheiros competentes: falando em América Latina, não custa recordá-lo, e a África pode em muitos aspectos ser outro exemplo” (TORRES QUEIRUGA Andrés. *Esperança apesar do mal*. p. 142).

prefere fazer a vontade de Deus, mesmo que esse lhe peça a morte. Significaria beijar o “mesmo bastão que me golpeia”. A pessoa se considera “eleita”, por isso “abençoada” ou “castigada”, permanece fiel a aliança *apesar de* Deus e ainda contra Deus. No caso, seria essa pessoa ou esse povo tão compreensivo e amoroso, que chega a ser melhor do que Deus. Esse é um recurso tão desesperado, mas que chegou a contaminar algumas teologias. Não há dúvida que uma teologia assim faz de Deus um ídolo perverso. Isso também foi aplicado a Cristo. Para Torres Queiruga, “perverso, não por ser malicioso ou porque traga algum dano a Deus, mas porque pode trazê-lo, em definitivo, às vítimas. Sem o pretender, ao converter Deus em causa do seu mal, rouba-lhes a única esperança verdadeira de salvação”<sup>197</sup>.

Diante desse crime horrendo, chegou-se a cogitar que “depois de Auschwitz não se pode rezar”. Claro, uma visão intervencionista de Deus, de “eleição”<sup>198</sup> e de “castigo”, que não critica o pressuposto de que “se quisesse” Deus poderia evitar, facilmente chega a essa conclusão. Num Deus assim não precisaríamos acreditar. Se nós humanos, pelo nosso amor limitado, fazemos o máximo possível para evitar o mal quando podemos, para que acreditar num Deus que podendo evitar não o faz? Mesmo diante de uma visão contraditória, distorcida e ambígua de Deus, o coração humano tende a intuir a força do amor, que prevalece sobre tudo. Embora as teologias e compreensões acerca de Deus continuem sendo limitadas e, muitas vezes, mais digam o que Deus não é do que aquilo que é, a intuição humana tende a sintonizar com o núcleo puro de amor que emana de Deus. É exatamente isso que faz o ser humano confiar em Deus, apesar de todo mal. Os estudos das atas dos campos de concentração mostram que a oração era o que mais se fazia presente na hora da morte. Mesmo judeus até então fracos na fé, na sua maioria esperavam a morte rezando<sup>199</sup>.

Diante do exposto, para o nosso autor, seria bom deixar de lado o conceito sacralizante de eleição. A história de Israel precisa ser reconhecida na sua particularidade histórica, dentro de suas grandezas e limitações. O equilíbrio não está no fato de falar de um *povo privilegiado* na sua relação com Deus e nem na monstruosidade de um *povo deicida*. Uma vez descoberto o amor incondicional de Deus, percebe-se o povo judeu e sua religião sob a força desse amor

---

<sup>197</sup> TORRES QUEIRUGA Andrés. *Esperança apesar do mal*. p. 143.

<sup>198</sup> É interessante constatar que atualmente, em Jerusalém, a apresentação da história de Israel no Museu Amigos de Sião continua sendo apresentada, sem nenhuma crítica, a partir da ideia de eleição. A respeito, ver [www.fozmuseum.com](http://www.fozmuseum.com)

<sup>199</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o Mal*, p. 274.

em igualdade fraternal com todos os povos e religiões<sup>200</sup>. Deus esteve sempre ali sustentando e apoiando sua história, em todos os momentos, sem intervalo, afastamento ou descanso. Nisso, não se nega sua *particularidade histórica*, de ter em sua grandeza sido o berço do nascimento de Jesus, nem a desgraça de ter no seu meio um pequeno grupo de dirigentes, que em aliança com os romanos, foram responsáveis pela cruz de Jesus. Tanto Auschwitz quanto a cruz de Jesus não foram de intencionalidade divina, mas sim, foram a manifestação mais evidente de que a vontade de Deus é continuamente derrotada no mundo, muito embora, essa derrota não signifique a derrota de toda história. A salvação é a esperança viva, apesar do mal e apesar das derrotas.

#### 4.7 O INFERNO EM NOVA PERSPECTIVA

O tema do inferno evoca o “mal absoluto”. Ele seria o conjunto de todos os males sem mistura de bem algum. A dificuldade é conciliá-lo com o Deus amor e bondade. A partir de uma visão intervencionista de Deus poderíamos perguntar: Se Deus intervém para salvar alguns – e a intervenção significa sempre suprimir a liberdade e transpor as leis autônomas do mundo - porque não salva a todos? Percebemos, uma vez mais, como a visão intervencionista cria dificuldades e coloca o discurso em permanentes contradições.

Para tratar deste tema, sendo que a esperança da salvação escatológica é também a derrota definitiva do mal, delongar-se-á um pouco mais. Procurar-se-á analisar o que a linguagem bíblica quer dizer ao tratar do tema do inferno e também, vale-se de alguns outros autores, para voltar posteriormente à hipótese levantada por Torres Queiruga.

##### 4.7.1 A linguagem infernal da Bíblia

Nos evangelhos sinóticos encontramos, pelo menos, cinco metáforas, que Jesus utiliza para designar o inferno. Estão todas referidas ao resultado último do julgamento definitivo e negativo de Deus. Encontramos: 1) fogo inextinguível (Mt 3, 12; 5,22; Lc 3,17); 2) Verme que não morre (Mc 9,48); 3) Trevas exteriores (Mt 22,13; 25,30); 4) Choro e ranger de dentes (Mt 8, 12; 22,13; Lc 13,28) e 5) Apartai-vos de mim (Mc 7,23; Lc 13, 27). Essas metáforas

---

<sup>200</sup> Até mesmo Paulo que disse coisas pesadas sobre o judaísmo, sendo que em prol do povo judeu até cogita renunciar sua salvação (cf. Rm 9, 1-3), posteriormente afirma: “Já não há distinção entre judeu e grego, entre escravo ou livre, entre varão ou mulher” (Gl 3, 28a).

aparecem em vários outros versículos da Bíblia, no momento em que se encontram essas expressões nos questionamos sobre o seu sentido. O que os evangelistas quiseram dizer com isso? Com que intensidade essas palavras saíram da boca de Jesus e que realidade querem traduzir?

O destino último do ser humano na Bíblia figura para uma realidade celeste, que Jesus anuncia e também para uma realidade infernal. Para o teólogo Juan Luis Segundo todas essas expressões que figuram certo tormento são e não são infernais, e buscando o sentido de cada expressão, percebe-se que elas estão ligadas a uma realidade concreta e também a imaginação.

A palavra *Geena*, por exemplo, designava originalmente um vale que dividia a antiga Jerusalém das colinas. Ali estaria situado o santuário de *Tofet*, onde por algum tempo foram oferecidos sacrifícios humanos. Esse lugar, segundo a apocalíptica judaica, se converteria depois do juízo final num tanque de fogo<sup>201</sup>.

João Batista para falar da proximidade do juízo final usa a metáfora da árvore que produz bons frutos e aquela que não produz, a qual será cortada e lançada ao fogo (cf. Mt 3, 12; Lc 3, 17). Jesus teria dito que aquele que chamar seu irmão de “tolo”, será “réu da geena de fogo” (cf. Mt 5,22). O fogo aqui significa aquilo que se aplica ao lixo e o faz desaparecer e não como adjetivo de inextinguível. Jesus fala também daqueles que tem duas mãos e dois pés e não se empenham para a salvação. Seria melhor entrar no Reino mutilado do que ser “lançado na geena de fogo” (cf. Mt 18, 8-9). Outra expressão que aparece em Isaias (Is 66,24) e é utilizada por Marcos, fala do “verme que nunca morre” (Mc 9,48). O profeta não quer falar do Inferno com essa expressão, mas da vitória de Deus sobre os seus inimigos, os quais aparecem como cadáveres. Em Marcos essa expressão metafórica designa a consequência ou “castigo” pelas más ações, aludindo ao cadáver comido pelos vermes, em relação à vida ultraterrena dos salvos. Em relação à expressão “exclusão da festa”, como a linguagem do tempo traduzia a celebração da alegria num banquete, para aqueles que agiram mal a consequência seria exclusão da festa. Essa mesma intenção se traduz no “vestido inapropriado” de quem não se preparou para a festa (cf. Mt 22,13) e na “devolução dos talentos” sem fazê-los frutificar (cf. Mt 25,30).

O “ranger de dentes”, por sua vez, traduz um “certo arrepio” daquele que transparece, numa mudança visível na pele, a angústia que sente por estar diante de uma dor iminente.

---

<sup>201</sup>Cf. SEGUNDO, Juan Luis. *O inferno como absoluto menos: um diálogo com Karl Rahner*. Trad.: Magda Furtado Queiróz. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 33.

Traduz também certa semelhança com as “trevas exteriores” de quem se sente desprotegido diante da necessidade de ajuda e companhia (cf. Mt 8,12) e, conseqüentemente, longe da alegria festiva. O “apartai-vos de mim”, de Mateus, é a mais sóbria das figuras para traduzir o julgamento e a sorte dos condenados que “irão a um castigo eterno” (Mt 25,46).

Para Juan Luis Segundo essas expressões que aparecem na bíblia, suscitam ao menos cinco indícios, que possibilitam uma relativa coerência sobre o que Jesus teria pensado a respeito do Inferno.

*Primeiramente* Jesus não deseja responder a pergunta, o que é o inferno? Ou mesmo comprovar se ele existe ou não. O objetivo dessas expressões seria de responder a pergunta: “o que é que Deus ama e/ou o que é que Deus odeia ou aborrece na conduta humana? É só ao responder essa pergunta central, que aparecem, para expressar essa oposição radical, as diversas ‘figuras literárias’ referentes ao Inferno cumprindo assim sua função significativa”<sup>202</sup>. Essas alusões ao inferno querem *significar e ensinar outra coisa*. Jesus quer dizer que no fim do mundo a humanidade inteira será *juogada pelo critério do amor* concreto ao irmão. Ainda, Segundo citando H. Bietenhard, afirma que essas imagens infernais não são, de forma alguma, descartáveis, mas precisamos compreender a função do discurso. Além disso, o Novo Testamento, não quer apresentar nenhuma geografia do mundo do além. O que se expressa é a qualidade do juízo de Deus sobre a conduta humana, trazendo algo de absoluto, além do qual não se pode ir e pensar. Mostram a radicalidade da rejeição de Deus a tais condutas. A imaginação que trazem as afirmações “verme que não morre” e “fogo que não se extingue” alude a uma realidade que vai além daquilo que a própria linguagem pode expressar, uma vez que, não existe fogo que não se extinga e nem verme que não morra.

O *segundo* indício mostra que o julgamento de Deus, positivo ou negativo, sobre as condutas humanas, está sempre associado a um contexto determinado. O evangelho de Mateus destaca mais o imaginário infernal e atribui a Jesus, ou coloca em seus lábios, essa mensagem figurada sobre o inferno. O que se pode dizer que isso vem, provavelmente, do ambiente judaico cristão. Se foi ou não empregado por Jesus, o fato mais provável é de que os judeus da Palestina convertidos ao cristianismo o utilizavam bastante. O evangelho de Marcos fala pouco dessa metáfora infernal, mencionando apenas o verme que não morre e o fogo que não se apaga, as quais procedem do Antigo Testamento do Trito-Isaias (66,24). Jesus, em Marcos, fala daquilo que obstaculiza a salvação ou do escândalo que é precisamente a

---

<sup>202</sup>SEGUNDO, Juan Luis. *O inferno como absoluto menos*. p. 35.

*conduta inapropriada* que acomoda quem está ao nosso redor na busca da salvação. Vale mais perder um membro, ou desfazer-se do que é parcial, do que perder o que é absoluto. Lucas, por sua vez, retratando o banquete final, até retira as descrições que pareçam descrever o inferno e chocar as ideias num contexto de cultura grega. “(O dono da casa) responderá: Eu não sei de onde sois; longe de mim os malfeitores! E haverá choro e ranger de dentes quando virdes Abraão” (cf. Lc 13, 27-28).

Ao tratar da parábola do rico e do pobre Lázaro, concepção do além-túmulo presente no povo de Israel, Lucas provavelmente quer mostrar a igualdade que o Reino de Deus vem trazer a Israel, tanto para a cultura judaica quanto para os pagãos convertidos ao cristianismo. Sempre na presença de Abraão, os papéis se invertem depois da morte. O pobre aparece no banquete e o rico nas chamas. Lucas parece “ter empenho em *mostrar Jesus como que livre dessa linha de linguagem figurada* (grifo nosso) sobre o destino que aguarda eternamente os maus, depois desta vida”<sup>203</sup>.

Em *terceiro lugar* dá para dizer que a linguagem relativa ao inferno não é uma criação dos sinóticos e nem do próprio Jesus. Ela já existia no ambiente da época, do povo religioso israelita. Os evangelistas compartilham as ideias da sua época sobre o inferno. Elas pretendem exortar e admoestar a consciência e não descrever o inferno.

Em *quarto lugar*, referente a expressão “apartai-vos de mim”, não se pode deduzir que isso vem como castigo de Deus, mas sim como objeto da opção livre na linha do mal. No livro da Sabedoria transparece isso. “Não eram castigados. Dava-se-lhes o que sua liberdade havia escolhido: nada acumular para outra existência que poderia acorrer além da morte. Ressurgem um instante para um julgamento que, até certo ponto, não se pode nem sequer dizer que é de Deus, pois este nada mais faz que ratificar a decisão do homem”<sup>204</sup>.

Em *quinto lugar* dizer que Mateus utiliza essa linguagem sobre o inferno muito mais intensamente do que Marcos e Lucas, não significa concluir apressadamente se essa linguagem foi ou não utilizada por Jesus. Diante disso, devem-se destacar três aspectos.

O *primeiro* é que Mateus utiliza essa linguagem preferencialmente nas parábolas. Jesus era um grande contador de parábolas, sendo improvável que Mateus tenha criado essa linguagem, dá para dizer, que ele utiliza uma linguagem já feita. E o próprio Jesus utiliza uma

---

<sup>203</sup>SEGUNDO, Juan Luis. *O inferno como absoluto menos*. p. 39.

<sup>204</sup>Idem. p. 41.

linguagem própria do ambiente para que o povo compreenda sua mensagem. A linguagem de atribuir castigo aos maus depois da morte já existia.

O *segundo* aspecto se refere ao fato de Jesus estar intimamente arraigado no ambiente do seu tempo. Mas teria ele utilizado uma linguagem do imaginário popular mesmo sem concordar com ela? Jesus teria sim “descido” à linguagem popular para fazer o povo compreender o absoluto que estava em jogo nas opções morais da conduta humana. Não dá para pensar que a encarnação precisaria significar a criação de uma linguagem nova e própria de cabo a rabo. “É muito mais verossímil pensar que Jesus, chamado o profeta da Galileia, porque ali transcorreu sua vida e boa parte de sua pregação, tenha empregado as figuras com as quais – fora das escolas eruditas dos rabinos de Jerusalém – se falava em sua ‘pátria’”<sup>205</sup>.

O *terceiro* aspecto obriga a buscar imagens menos rígidas e cruéis para falar do afastamento de Deus. O próprio Paulo apresenta figuras mais universais do que os sinóticos, para falar da mensagem moral e escatológica de Jesus. "De algum modo, corrige a própria ideia de Inferno, enquanto que este representaria, para o ser humano assim julgado, uma vitória do pecado sobre a graça salvadora de Deus. E, segundo Paulo, isso equivaleria a negar o significado da vitória *universal* da vida sobre a morte e da graça sobre o pecado”<sup>206</sup>.

Algumas conclusões podem ser tiradas desse itinerário. A linguagem infernal nos sinóticos não quer comprovar a existência ou não do inferno, mas revela a seriedade da conduta humana diante do juízo, que será sempre amoroso e justo. Além disso, todas essas expressões sobre o imaginário infernal já estão presentes na linguagem do povo e no seu ambiente de vida, não sendo criações de Jesus e nem dos sinóticos. Haveria a necessidade de encontrar imagens mais brandas para falar do fim daqueles que decidem pelo mal.

Ocorre que isso não resolve o problema do inferno. Afirmar que são necessárias outras imagens para falar do inferno ou dizer que essa linguagem já estava presente no ambiente da época, tira a seriedade da responsabilidade humana diante da vida? Bastaria dizer que o inferno não existe para resolver o destino da decisão de uma vida vivida na ausência do amor?

---

<sup>205</sup>Ibidem. p. 46-47.

<sup>206</sup>SEGUNDO, Juan Luis. *O inferno como absoluto menos*. p.47.

#### 4.7.2 “A descida aos infernos” de Jesus

De acordo com o credo, reza-se sempre que Jesus “desceu aos infernos”. Seria essa afirmação uma forma de esconder-se no mistério, diante da dificuldade de explicação do que acontece com o próprio Jesus no sábado santo? Depois da sexta da paixão, o sábado santo, se apresenta como o dia da ausência de Deus. Ele está morto, não fala, não acorda, está no túmulo e a pedra o encobre. Deus está simplesmente ausente e como nos disse Nietzsche “Deus está morto e nós o matamos”. Para o teólogo Joseph Ratzinger, essa frase, apresenta o conteúdo do sábado santo.

Na sociedade atual, para muitos, Deus está ausente, morto. Ninguém parece capaz de acordá-lo. Para Ratzinger, deve-se desconstruir a imagem de que Deus precisa explicar tudo e que sempre deveríamos encontrá-lo para vermos além dos escombros. A revelação cristã nos apresenta o Deus que fala, mas Deus é muito maior do que conseguimos captar. Ao nos referimos a Deus entramos sempre no campo da incompreensibilidade. “Ele é igualmente o abismo calado e inacessível, incompreendido e incompreensível, que nos foge”<sup>207</sup>. Deus é palavra, *logos*. Ele falou, mas na experiência da cruz, onde a palpabilidade do amor acontece, temos também a experiência da insondabilidade do mistério. Está experiência todo ser humano faz.

Na hora da morte, quando Jesus grita: “Meu Deus, porque me abandonaste?”, vemos a experiência da noite escura, da “descida aos infernos”. Este grito, porém, termina com o louvor a divina grandeza. Segundo Ratzinger o grito de Jesus “ergue-se contra a realidade do mundo inteiro”<sup>208</sup>. Sua descida ao “inferno”, não seria mais do que, reprodução errônea no *scheol*, lugar onde os hebreus pensavam que iriam os mortos. Por isso, conforme alguns exegetas, não seria necessário dizer “desceu aos infernos”, bastaria dizer que Jesus morreu. Dizendo assim, segundo Ratzinger, não resolvemos o problema da morte. Permanece a pergunta, sobre o que acontece quando alguém tomba sobre a força da própria morte? A resposta exata ninguém sabe. Pode-se, no entanto, dizer alguma coisa a partir da experiência do próprio Jesus. No horto das oliveiras, Jesus faz a experiência de solidão radical, do completo abandono dos seus. E a experiência de solidão, também na vida humana, gera medo e está fundada na fragilidade de nosso ser.

---

<sup>207</sup> RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. Preleções sobre o Símbolo Apostólico. Trad.: José Wisniewski Filho. São Paulo: Herder, 1970, p.248.

<sup>208</sup>Idem.

Ratzinger, para falar da fragilidade do ser, dá dois exemplos. O primeiro de uma criança obrigada a atravessar uma floresta escura. Mesmo que lhe provem que nada há de perigoso que possa atingi-la, ao estar no meio da floresta, sentirá o medo. Esse medo não tem uma causa objetiva, mas é medo em si, próprio da fragilidade humana. Esse medo só poderá ser acalmado quando a criança sentir uma mão amiga que aperta a sua mão e fala com ela. Outro exemplo é um guardião de defunto, à noite. Embora saiba que o defunto nada pode fazer, poderá sentir o medo que brota da fragilidade do ser que se vê na solidão de frente com a morte. Em nenhum dos exemplos um argumento racional acalma o medo, a não ser a presença de alguém. “O medo propriamente dito não pode ser vencido pela razão, mas exclusivamente por um ente amoroso”<sup>209</sup>.

Entrando ainda mais fundo no sentido da experiência de solidão, Ratzinger questiona sobre o momento, em que nenhum outro humano consegue nos ajudar a vencer a força da solidão a que somos acometidos. Para ele, quando nenhuma palavra e nenhuma presença transforma a solidão profunda do eu, nessa hora, “estariamos diante da solidão e do horror total, daquilo a que o teólogo denomina ‘inferno’”<sup>210</sup>. Nisso é possível definir exatamente o inferno. “Ele denota uma solidão onde a palavra do amor não tem mais guarida, conotando com isso a fragilidade essencial da existência”<sup>211</sup>. Junto a isso, se alinha a posição de alguns filósofos que afirmam que ninguém pode alcançar o âmago do outro, somos um mistério insondável. Como afirma o poeta Hermann Hesse: “Estranho, andar na névoa! Viver é solidão; ninguém conhece ninguém, o só está só...”<sup>212</sup>.

A hora da morte é, na vida, um momento crucial de solidão que ninguém poderá atravessar a não ser eu mesmo. A morte é a solidão por excelência. Mas o inferno, mais do que a morte, é a solidão onde o amor não pode chegar.

Voltando ao ponto inicial, da descida de Jesus aos infernos, podemos tirar alguma conclusão. Para Ratzinger, “Cristo atravessou as portas da nossa solidão derradeira; que em sua paixão desceu ao abismo do nosso abandono. (...) Com isto o inferno foi vencido, ou mais exatamente: a morte, que antes era o inferno, não o é mais”<sup>213</sup>. Com Cristo se abriram as portas do inferno, do *scheol*. No Antigo Testamento *scheol* era a palavra usada para designar

---

<sup>209</sup>Ibidem. p. 252.

<sup>210</sup>RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. p.252.

<sup>211</sup> Idem. p.252.

<sup>212</sup> HESSE, Hermann *apud* RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. p.253.

<sup>213</sup> RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. p.253.

tanto o inferno quanto a morte. Agora essas duas realidades foram visitadas pelo amor. Assim, inferno não significa outra coisa senão *fechamento voluntário ao amor*, decisão livre e radical de excluir o amor. Desde o momento em que o amor tocou a realidade da morte, abriram-se as portas do inferno e dos túmulos e os corpos dos santos ressurgiram como faz pensar a metáfora do evangelista Mateus (cf. Mt 27, 52).

#### 4.7.3 A possibilidade da condenação eterna

O inferno aparece a partir daquilo que já se abordou, como a solidão absoluta em que nem o amor consegue atingir. Isso por uma decisão livre da pessoa, numa exclusão radical do amor. A condenação - não por parte de Deus, mas por escolha livre -, seria a rejeição daquele que não crê, não espera e não ama. Para Giovanni Ancona, o ser humano que fez continuadas negações a Deus, numa rejeição radical e sumamente livre, na vontade de permanecer absolutamente distante de Deus, dos seus semelhantes e do seu mundo, define sua condição escatológica de morte eterna/condenação<sup>214</sup>.

Partindo do diálogo salvífico de amor entre Deus e o ser humano, podemos iluminar essa realidade. Deus ama com toda força o ser humano, mas não pode obrigá-lo e nem forçá-lo a amar. A condenação é então uma determinação única e exclusiva do homem, que rejeita acolher o amor oferecido. “Deus jamais teve a intenção, por assim dizer, de criar um ‘inferno’; a revelação dele é evento de salvação, que tem como destinação cada homem”<sup>215</sup>. O inferno aparece como a possibilidade de abismo de um possível fracasso, diante da seriedade e responsabilidade do ser humano perante a vida, na qual está sempre recebendo o apelo de salvação da parte de Deus, que requer resposta livre.

A dramática morte eterna/condenação realiza a existência no negativo. “Ele experimenta absolutamente a dilaceração definitiva da sua pessoa e o afastamento de Deus”<sup>216</sup>. Uma existência negativa pode ser representada como o endurecimento de toda vida e de toda relação, que se congela no não, num egocentrismo absoluto<sup>217</sup>. A salvação seria

<sup>214</sup> Cf. ANCONA, Giovanni. *Escatologia Cristã*. Trad.: Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2013, p.292.

<sup>215</sup> Idem. p. 292- 293.

<sup>216</sup> Ibidem. p.293.

<sup>217</sup> “A solidão infernal comporta o silêncio; a imagem surpreendente da única linguagem possível do inferno é o ‘estridor de dentes’ dos textos sinóticos; o som inarticulado, não significativo, não comunicativo. Ninguém fala com ninguém, ninguém *conhece* ninguém, acabou qualquer diálogo. O inferno, na verdade, é o ‘não povo’, a *antichidade*, a negação da comunhão” (ANCONA, Giovanni. *Escatologia Cristã*. p.294).

exatamente o oposto. Uma vida aberta à graça e aos outros, na saída permanente de si na força do amor. Juan Luis Segundo citando Paul Lehmann diz que a ‘salvação é a maturidade’<sup>218</sup>, que ecoando Paulo significa “chegar todos ao homem completo na medida da maturidade de Cristo” (cf. Ef 4,13).

#### 4.7.4 O inferno como “morte eterna” e não condenação eterna

Quando se fala na possibilidade de abismo absoluto e fracasso da existência, sempre o atribuímos a responsabilidade do ser humano. Em nenhum momento pode significar uma condenação da parte de Deus ou de um castigo que ele impõe a alguém de seus filhos. O inferno sempre será uma opção livre. Por sua vez, a salvação também é um dom absolutamente gratuito, oferecido à liberdade. A pergunta que surge é: sendo a nossa liberdade limitada e finita, tanto para dizer sim quanto para dizer não, poderia ela ser responsabilizada pela negação radical ao amor ou pela acolhida total?<sup>219</sup> Existe a possibilidade de uma liberdade finita e limitada *dar um não absoluto* a Deus e seu amor? Dito em outra perspectiva: pode uma ação pontual, contextual e histórica do ser humano, gerar uma consequência eterna, isto é, a condenação eterna?

O teólogo Torres Queiruga defende que devemos ao máximo nos libertar da noção de que o inferno seja um castigo de Deus<sup>220</sup>. Embora, isso já seja algo tranquilo para a teologia, no imaginário popular ainda está muito presente. Ainda, como dissemos, pensar no inferno como o “mal absoluto”, que significa o conjunto de males sem mistura de bem algum, torna difícil a tarefa de conciliar sua realidade com a ideia de que Deus é amor puro e bondade infinita<sup>221</sup>. O inferno é uma decisão radical do ser humano e não uma criação de Deus. Deus não criou o inferno e está sempre preocupado em salvar. Por isso, Torres Queiruga propõe uma mudança na compreensão do destino daqueles que livremente decidiram rejeitar Deus e o

<sup>218</sup> SEGUNDO, Juan Luis. *Graça e condição humana*. Coleção Teologia aberta para o leigo adulto 2. Trad.: Luis João Gaio. São Paulo: Loyola, 1987, 2ªed, p.170.

<sup>219</sup> “Pode uma liberdade *finita* chegar a dispor *totalmente* de si mesma? Pode uma liberdade que, como já observara Kant, é ‘torta’ porém não ‘demoníaca’ (incapaz de querer o mal pelo mal), optar pela infelicidade total, pelo nada absoluto? Pode, dito em termos mais concretos, fazer-se tão totalmente má que não fique nela *nada* de bom?” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o mal*. Da ponerologia à teodiceia. Trad.: Afonso Maria Lígorio Soares. São Paulo: Paulinas, 2011, p.284).

<sup>220</sup> “Positivamente, só podemos falar de salvação como aquilo que Deus quer. O que possa significar ‘condenação’ só o podemos imaginar em negativo: como aquilo que Deus não quer. Por isso, foi uma desgraça para a fé interpretar o inferno como ação positiva de Deus: como ‘castigo’, não digamos já como ‘vingança’” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o mal*. Da ponerologia à teodiceia. Trad.: Afonso Maria Lígorio Soares. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 277).

<sup>221</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o mal*. p. 276.

amor. Não iriam para o inferno, numa consequência eterna de uma decisão limitada e contextual, mas simplesmente morreriam. Se a imortalidade que Deus oferece é um dom, a sua rejeição significa a morte, a “morte segunda”, ou a definitiva morte.

Voltando a compreensão de Ratzinger, percebe-se que o inferno é a solidão absoluta, em que o amor não pode tocar. A palavra do amor não consegue tocar e alcançar a realidade que decididamente se fechou, mas também percebe-se que a solidão da morte foi tocada pela descida de Cristo aos infernos. O amor de Cristo perpassou toda a realidade, inclusive a morte. Assim sendo, a morte foi transformada pela força do amor, que gera vida. Se isso é verdade, pode-se dizer que na passagem pela morte transformada, que se deixa tocar pelo amor, existe para aquele que rejeitou o amor, uma última oportunidade de redenção. A permanência no fechamento seria o que Torres Queiruga chama de “segunda morte” ou morte definitiva. Um exemplo tenta ilustrar essa realidade. Se eu vejo uma pessoa se afogando numa grande piscina, não sei nadar, mas lhe alcanço uma varra em que ela possa se agarrar para se salvar e essa pessoa rejeita minha ajuda, vai morrer. Morre porque decidiu morrer, mesmo contra o meu desejo de salvá-la, não deixando para mim nenhuma possibilidade senão aceitar sua morte. Esse seria o destino de uma vida que nega o amor, isto é, morrer e permanecer longe do amor, o que equivale a desaparecer. Sem o Criador, a criatura desaparece, afirmou o Vaticano II<sup>222</sup>.

Essa compreensão preserva ao mesmo tempo a liberdade humana e guarda a permanência da total entrega do amor divino. A morte eterna, no entanto, não é vista como condenação de Deus, mas uma “tragédia” para Deus<sup>223</sup>. Isso, porém, não resolve ainda a pergunta sobre o caráter de definitividade para a negação radical do amor, que possui a liberdade limitada e finita. Para sustentar o caráter definitivo do *não* humano ao amor, temos que dizer que esse *não* altera a própria essência humana, que se acredita ser divina. No âmago da interioridade humana existe uma realidade de luz inatingível, em que pecado nenhum alterou e nem corrompeu. Nesse lugar, pode-se dizer que mora Deus, muito embora tenha sido negado ou em nenhum momento da existência tenha sido transparente, pela própria decisão da liberdade humana de ocultar e negar. Um *não* ao amor, embora seja possível e real, para ser absoluto e definitivo, deveria ter força de negar a profundidade radical do ser humano, que sempre será divina. Como pergunta Wolfhart Pannenberg, “não é toda pessoa criada segundo

<sup>222</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o mal*. p. 282.

<sup>223</sup> “Porque esta visão preserva, por um lado o ser e mesmo a dignidade da *liberdade humana*, pois é ela quem decide; e, por outro, o *amor infinito* de Deus, pois enquanto contrária ao desígnio salvador divino, essa perda eterna não deixa de ser uma ‘tragédia’ para Deus” (TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o mal*. p. 283).

a imagem de Deus que se revelou no seu Filho? Não resta, portanto, em cada vida algo no qual Deus pode reconhecer a sua intenção criadora nessa pessoa? O último juízo deve ser deixado a Deus mesmo”<sup>224</sup>.

---

<sup>224</sup> PANNENBERG, Wolfhart *apud* TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o mal*. p.288.

## 5 CONCLUSÃO

No fim desse itinerário, pode se perceber que uma teodiceia atualizada mostra a possibilidade de assegurarmos a coerência de Deus como o Antimal. A revelação de Deus ao mundo se dá como amor. Deus não vem mostrar coisas para os homens e mulheres, para que assim se passe a conhecer coisas que jamais conheceria. Sua manifestação no amor visa os tornar seres humanos mais autênticos e melhores. Deus está interessado nisso e luta continuamente contra o mal que atinge tão fortemente e misteriosamente a vida. Na manifestação de Jesus, em sua palavra e obra, vida, morte e ressurreição, encontra-se o insuperável *Deus-Abbá*, que nos dá o ser e a vida unicamente por amor.

Não há como acolher esse *Deus-Abbá* sem a acolhida dos irmãos. Amar a Deus e ao próximo é a primeira síntese insuperável do cristianismo. *Teoria e práxis* se aproximam. O Deus Antimal nos convoca na luta contra todo e qualquer mal no mundo, especialmente aquele que ataca o ser humano. A constatação da inevitabilidade do mal, que aparentemente poderia nos acomodar, ao contrário, deve nos empenhar continuamente no trabalho contra o mal. É uma tarefa solidária em que somos convocados a unir todo esforço humano. Esse é o critério mais definitivo de nossa fé em Deus. Tarefa essa, não fadada ao fracasso, mas alimentada fortemente pela esperança. Esperança fundada numa pessoa concreta, Jesus de Nazaré, que “passou fazendo o bem” (At 10, 28). Jesus é o *modelo* sempre vivo e inesgotável que nos protege contra todas as manipulações das tendências e ideologias. O Deus que Ele prega e pratica se opõe a todo mal e se coloca do lado de todos os que o padecem, especialmente os últimos. Por isso, a teodiceia que quer ser cristã se coloca nesse dinamismo do Deus Antimal, que busca iluminar e sustentar a existência humana.

Na morte de Jesus temos a prova do amor de Deus. Prova não no sentido de que Deus entrega seu Filho para ser assassinado, mas sim *entrega pessoal* de Jesus, que para o *bem dos demais* e para mostrar o Rosto do Pai, enfrenta a morte imposta pelo mal e pela liberdade humana. Deus prova seu amor suportando o *assassinato* do Filho. Como qualquer outro *crime*, não entra na perspectiva da “permissão” de Deus, mas sim de algo que lhe foi imposto como “inevitável”, uma vez que as liberdades se colocaram contra o seu dinamismo amoroso criador e de salvação. Se a criação precisa ter a consistência da liberdade, dá para dizer que para Deus *não era possível* evitar a morte. Isso mostra o que acontece com todo o ser humano. O mal, quando a finitude o produz – seja pela constituição física ou pela liberdade – não é

nem *querido* e nem *permitido* por Deus, mas sim sofrido e suportado conosco e por nós. Assim, percebemos que Deus não nos salva *do* sofrimento, mas nos salva *no* sofrimento.

Em nossa aventura histórica, Deus enfrenta *conosco* o sofrimento e o mal. Nós recebemos dele *todo* o ser, não só no momento de nossa criação, mas ao longo de *toda* a nossa existência. A criatura está em Deus e Deus está na criatura, numa relação de profundidade e intimidade. Isso nos abre continuamente a fonte da esperança, que já pré-anuncia a superação de todo o mal. O que a Escritura afirma no início, “viu Deus quanto fizera e era de verdade muito bom” (Gn 1, 31), o confirma como definitivo no final:

Já não haverá maldição alguma. Na cidade estará o trono de Deus e o Cordeiro, e seus servos poderão prestar-lhe culto. Verão sua face, e o seu nome estará sobre suas fronteiras. Não haverá mais noite: não se precisará mais da luz da lâmpada, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus cai brilhar sobre eles e eles reinarão por toda eternidade (Ap 22, 3-5).

## BIBLIOGRAFIA

ANCONA, Giovanni. **Escatologia Cristã**. Trad.: Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2013.

AMORTH, Gabriele. **O exorcista explica o mal e suas armadilhas**. Trad.: Armando Braio; colaboração Stefano Stimamiglio. Rio de Janeiro: Petra, 2016.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BORNE, Étienne. **O problema do mal: Mito, razão e fé, o itinerário de uma investigação**. Trad.: Margarita Maria Garcia Lamelo. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

CAAMAÑO, Xosé Manuel; CASTELAO, Pedro. **Repensar a teoloxía, recuperar o cristianismo**: Homenaxe a Andrés Torres Queiruga. Madrid: Editorial Galaxia, 2012.

CASTILHO, José Maria. **Jesus: a humanização de Deus. Ensaio de Cristologia**. Trad.: João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Deus e nossa felicidade**. Trad.: Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2006.

CAAMAÑO, Xosé Manuel; CASTELAO, Pedro. **Repensar a Teoloxía, recuperar o cristianismo**. Homenaxe a Andrés Torres Queiruga. Madrid: Editorial Galaxia, 2012.

CESCON, Everaldo; NODARI, Paulo César orgs. **O Mistério do Mal: urgência da educação para o bem**. Caxias do Sul: RS, EDUCS, 2006.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum: Sobre a revelação divina. In: COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

CURY, Augusto. **Ansiedade 2: autocontrole – como controlar o estresse e manter o equilíbrio**. São Paulo: Benvirá, 2016.

ESTRADA, Juan Antonio. **A impossível teodiceia**. A crise da fé em Deus e o problema do mal. Trad.: Jonas Pereira dos Santos. São Paulo, Paulinas, 2004.

FEUERBACH, Ludwig. **La esencia del cristianismo**. Trotta, Madrid, 2009.

FORMOSINHO, S.J; OLIVEIRA BRANCO, J. **O brotar da criação; um olhar dinâmico pela ciência, a filosofia e a teologia**, Lisboa, 1999.

FORTÉA, José Antonio. **Suma daemoniaca**. Tradado de demonologia e manual de exorcistas. Trad.: Ana Paula Bertolini. São Paulo: Palavra & Prece, 2010.

GESCHÉ, Adolphe. **O mal**. Trad.: Euclides Martin Balancin. São Paulo, Paulinas, 2003.

GIRARD, René. **A violência e o Sagrado**. Trad.: Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

\_\_\_\_\_. **O bode expiatório.** Trad.: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

GRÜN, Anselm. **Jesus para estressados:** imagens poderosas para superar o esgotamento. Trad.: Milton Camargo Mota. Petrópolis, RJ: Vozes.

\_\_\_\_\_. **Como lidar com o mal.** Trad.: Markus Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

IRENEU DE LIÃO. **Contra as Heresias.** Paulus, São Paulo, 1995.

JONAS, Hans. **O conceito de Deus após Auschwitz:** uma voz judia. Trad.: Lilian Simone Godoy Fonseca. São Paulo: Paulus, 2016.

JUNG, Carl. **Sobre os sentimentos e a sombra:** sessões de perguntas de Winterthur. Trad.: Lorena Richter. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HAIGHT, Roger. **Jesus símbolo de Deus.** Trad.: Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2003.

LEIBNIZ, Gottfried. **Discurso de Metafísica:** Textos filosóficos. Trad. João Amado; Ver.: Artur Morão. Edições 70. São Paulo, 1985.

MERINO, José Antônio. **O mal e a aventura da liberdade.** Trad.: Yvone M. de C. Teixeira Silva. São Paulo: Loyola, 2015.

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus Crucificado.** A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Trad.: Juliano Borges de Melo. Santo André. SP: Academia cristã, 2001.

MOSER, Antônio. **O pecado:** Do descrédito ao aprofundamento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Creio em Deus Pai:** o Deus de Jesus como afirmação plena do humano. Trad.: I.F.L. Ferreira. São Paulo, Paulinas, 1993.

\_\_\_\_\_. **Autocompreensão cristã:** Diálogo das religiões. Trad.; José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. **Esperança apesar do mal.** A Ressurreição como horizonte. Trad.: Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. **Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus:** por uma nova imagem de Deus. Trad.: José Afonso Beraldin. São Paulo, Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_. **Fim do cristianismo pré-moderno:** Desafios para um novo horizonte. Trad.: Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Repensar a cristologia:** Sondagens para um novo paradigma. Trad.: Maria Luísa Garcia Prada. São Paulo: paulinas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Repensar a revelação:** A revelação divina na realização humana. Trad.: Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo, Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Repensar a Ressurreição:** A diferença na continuidade das religiões e da cultura. Trad.: Afonso Maria Ligorio Soares e Anuar Jarbas Provenzi. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. **Recuperar a Salvação:** Por uma interpretação libertadora da experiência cristã. Trad.: Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulus, 1999.

\_\_\_\_\_. **Repensar o Mal:** Da Ponerologia à Teodicéia. Trad.: Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo, Paulinas, 2011.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **O desafio dos novos movimentos religiosos às Igrejas cristãs.** In: Perspectiva Teológica. Ano XXXII. nº 87. Belo Horizonte, 2000, p. 221-240.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus:** Aproximação histórica. Trad.: Gentil Avelino Tilton. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

RAHNER, karl. **Curso fundamental da fé:** Introdução ao conceito de cristianismo. Tad.: Alberto Costa; Rev.: Edson Gracindo. São Paulo; Paulus, 1989.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo.** Preleções sobre o Símbolo Apostólico. Trad.: José Wisniewski Filho. São Paulo: Herder, 1970.

RICOEUR, Paul. **O Mal:** um desafio à filosofia e à teologia. Trad.: Maria da Piedade Eça de Almeida. São Paulo: Papyrus, 1988.

ROSENFELD, Denis L. **Retratos do mal.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2003.

SANFORS, John A. **Mal:** O lado sombrio da realidade. Trad.: Sílvio José Pilon; João Silvério Trevisan. São Paulo: Paulus, 1988.

SANTO AGOSTINHO. **De Magistro.** Edit. Abril, Coleção Os Pensadores, 1973.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Cristo y los cristianos.** Gracia y liberación. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.

SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, Ludger. **Um caminho através do sofrimento:** o livro de Jó. Trad.: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2011.

SEGUNDO, Juan Luis. **Graça e condição humana.** Coleção Teologia aberta para o leigo adulto 2. Trad.: Luis João Gaio. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1987.

\_\_\_\_\_. **O dogma que liberta:** fé, revelação e magistério dogmático. Tradução de Magda Furtado de Queiroz; revisão da tradução para a 2. ed. de Afonso Maria Ligorio Soares. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

\_\_\_\_\_. **O inferno como absoluto menos:** um diálogo com Karl Rahner. Trad.: Magda Furtado Queiróz. São Paulo: Paulinas, 1998.